

RIL



revista literária

14

revista literária do corpo discente da ufmg

REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinada pelo Departamento de Assuntos
Estudantis do Ministério da Educação e
Cultura.**

NOVEMBRO DE 1979 * ANO XVI — NÚMERO 14

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

ANA MARIA DE ALMEIDA

RONALD CLAVER CAMARGO



BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

As ilustrações da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG número 14 foram feitas por HÉLVIO RODRIGUES DA SILVA, PAULO DE TARSO CORREA (Paulo Fatal) e RÚBIA ROBERTA R. S. FURTADO, da Escola de Belas Artes, e por MARIA BEATRIZ MATTOS ALMEIDA SATLER BRETAS, do Curso de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.



ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS DA UFMG

**8º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
Rua Carangola, 288 — Sala 807**

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL



PUBLICAÇÃO Nº 015

IMPrensa UNIVERSITÁRIA

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

Edição da

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ÍNDICE

CONCURSO DE CONTOS

O Punhal é uma Flor Vermelha — <i>Francisco de Moraes Mendes</i>	9
Lucidez — <i>Aloyzo de Souza Rocha Filho</i>	14
A Vaca Cristalina — <i>José Liberato Costa Póvoa</i>	18
<i>Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa</i>	
O Ponto Final — <i>Fausto Albuquerque Mendes</i>	27
Nas Cirandas Dessa Vida — <i>Sólon de Araújo</i>	30
As Fotos — <i>Edwaldo Zampier Salles</i>	34

CONCURSO DE POEMAS

Das Esposas — <i>Sônia Maria de Melo Queiroz</i>	37
3 X 4 — <i>Sandra Duarte Penna</i>	40
Tiradentes — <i>Rita Espeschit</i>	42
<i>Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa</i>	
Tempo — <i>Alvaro Eustáquio Rocha Fraga</i>	45
Poema de Pablo — <i>Carlos Antônio Leite Brandão</i>	47
Minasgerou — <i>Ricardo Márcio Camargos</i>	49

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

O Sertanista Bernardo Sayão — <i>Fritz Teixeira de Salles</i>	57
Ouro Preto — <i>Leda Maria Martins</i>	59
A Outra Pedra — <i>Antônio Eduardo de Castro</i>	61
Haroldo & Augusto — <i>Amador Ribeiro Neto</i>	62

Ode em 3 Tempos — <i>Maria Consuelo Porto Gontijo</i>	63
Parto Com Dor — <i>Elza Beatriz de Araújo</i>	64
Personagem — <i>Antônio Barreto</i>	66
As Vinhas da Ira — <i>Antônio Barreto</i>	67
Trivial Completo — <i>Maria Clara Arreguy Maia</i>	68
Canção de Lázaro — <i>Ângela Cançado L. Resende</i>	69
Roteiro Tragicômico em 7 Dias de Amor — <i>Ronald Claver</i>	70

CONTOS

Hóspedes da Chuva — <i>Sandra Lyon</i>	77
Melo-Dia — <i>Ana Maria de Almeida</i>	80
Por Tantos Séculos que o Amor Resultou Insolúvel — <i>Daniilo Gomes</i>	86
De Noite — <i>Maria do Carmo Brundão</i>	91
De Gordura e Magreza — <i>Eunice Dutra Galery</i>	93
Ânima — <i>Angela Cançado L. Resende</i>	97
Choque ao Portador — <i>Duílio Gomes</i>	106
Um Dia de Medo — <i>Plínio Carneiro</i>	112

ENSAIOS

A Narrativa: Um Caminho a Percorrer ou a Construir — <i>Ivete Lara Camargos Walty</i>	121
A Fala do Corpo ou o Silêncio de Papel — <i>Léa Selma Amaral</i>	130

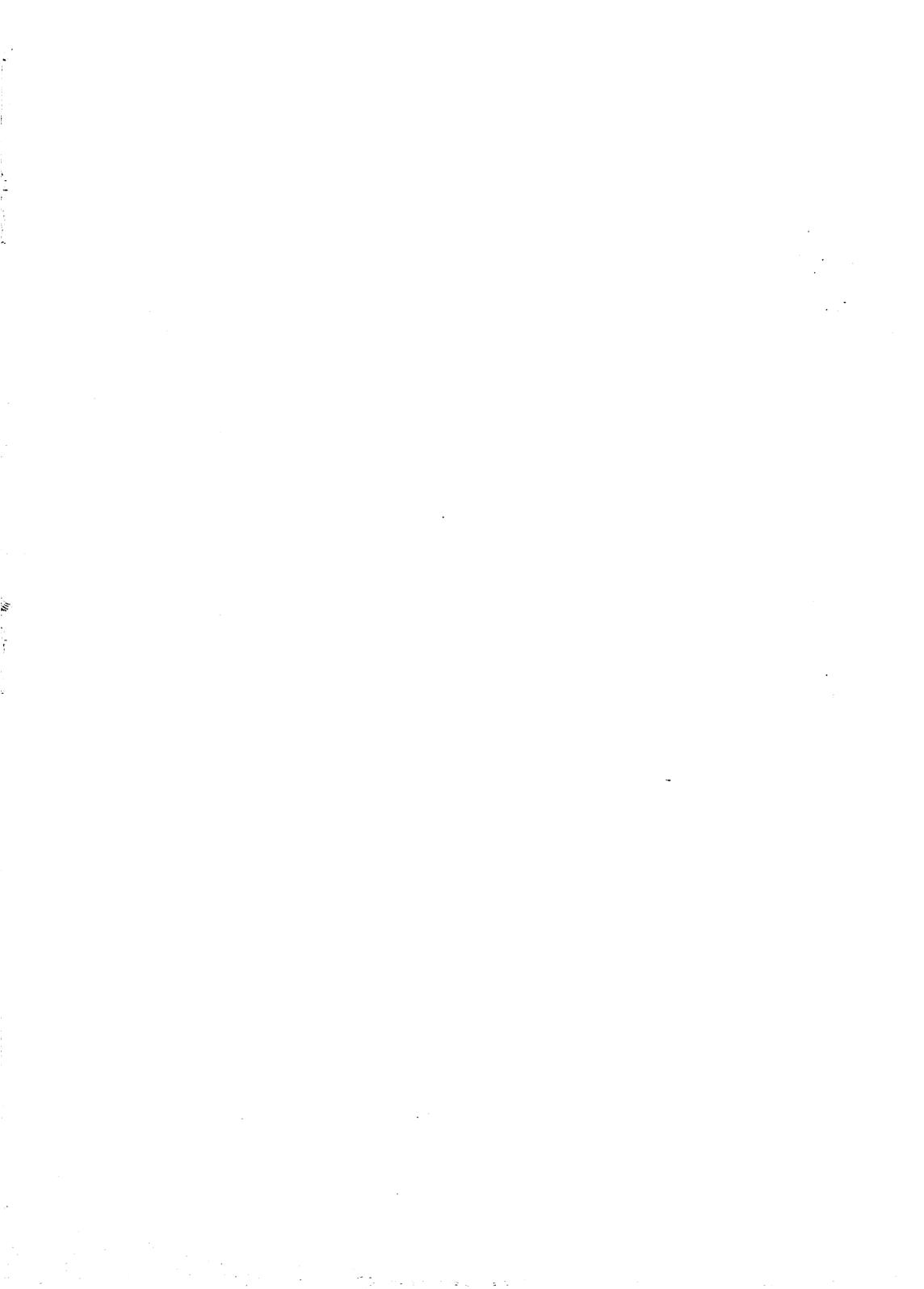
RESENHA

Estatística da Revista Literária.....	144
Relação dos Contos Recebidos.....	145
Relação dos Poemas Recebidos.....	147
Publicações Recebidas.....	163
Críticas à Revista Literária.....	165

RL

revista literária

CONCURSO
DE
CONTOS



O PUNHAL É UMA FLOR VERMELHA

ISAÍAS

Francisco de Moraes Mendes

Curso de Comunicação Social da FAFICH

Nath atirou o punhal. Atingiu em cheio o olho vazado de David Bowie. O sorriso do cantor em direção a Nath foi como o retorno da punhalada. Nath jogou-se na cama e gargalhou de joelhos, os punhos cerrados, a cabeça ligeiramente inclinada para trás. De fora do quarto veio a voz da mãe: — Nath, de que você está rindo? — Nada não, mãe — a resposta se fez ouvir um tanto rispida.

Nath ficou sério e olhou para Bowie: legal, amigo? Minha pontaria é incrível. O olho vazado estava definitivamente morto. O sorriso contínuo é que irritava Nath. Fazia lembrar. Deitou-se.

A mãe não chegou a vê-lo chorar. Quando entrou no quarto trazendo uma muda de roupa, Nath, rapidamente, virou a cabeça para o canto da parede, fingiu risonar. O corpo de bruços, estirado, o cotovelo formando um ângulo, o pulso acima da orelha. A mãe saiu e Nath virou o rosto lentamente para certificar-se da porta fechada. Não estava. Erguendo-se rapidamente trançou-a, girando a chave. Deitou-se novamente, desta vez olhando o poster — o punhal cravado.

— Furei teu olho, cara. Eu sou uma pessoa terrível. Eu sou horrendo. Sou um monstro, cara.

O sorriso, cínico, respondendo. Passou a odiá-lo.

Nath deixou-se levitar em silêncio. Na supressão de qualquer gesto, secou o ranger da cama e apenas os pensamentos latejavam. Passou a mão no olho, descendo-a pelo rosto esmagou a última lágrima.

O pensamento arriscou: sou um fracasso. Incitado respondeu a si mesmo: não, não, isso acontece. Tentou esquecer olhando uma gravura na parede: Guevara. Não demorou, voltou a remoer: por que logo comigo? Olhou o punhal — o punhal não é uma arma, o punhal é uma flor. Uma flor que torna vermelho onde toca. O punhal é uma flor... uma flor... Será que a mãe viu o punhal no olho dele? Muda esse sorriso, imbecil. Mas a mãe não viu nada, colocou a muda de roupa sobre a cadeira e voltou ao quarto de passar roupa. Tivesse visto, diria alguma coisa sobre. Não, não viu.

Pensou que podia escrever um poema sobre punhais. E sobre flores: o punhal é uma flor que finca e mancha. Olhou o punhal, mas viu foi o sorriso, o mesmo sorriso de Analu.

Analu. Desde Analu adiou o sorriso de Bowie. Trouxe o sorriso consigo, cravado fundo em seu dorso e fracasso. Ele instalou-se ali, no poster. Pregado na boca do anjo maldito, continuou caçoando dele.

Memória pálida: Analu tirando a roupa. Lentamente. O olho verde instigante. As mãos de Nath regendo o corpo de Analu, a pele suave, a superfície vampira. Analu deitada. Nath empapado de suor, o membro mole, desorbitado. O súbito desconcerto sem dó, sem bemol, a sinfonia muda do fracasso. Analu: — quê isso, Nath? — o riso cínico pulsando — você estava afim, Nath — a voz cortando. Ela bem que podia ser mais compreensiva, a burguesinha sacana. Estragou tudo dizendo: é que você é muito passiva, Analu. Irritou-a. Ela passou ao deboche, rindo dele imitava as bailarinas do Oriente mexendo a bacia. A voz propositalmente sensual: — você estava afim, Nath, você estava afim, Nath; faz essa coisa funcionar. Odiou Analu, desistiu repulsivo, a burguesinha prepotente, Analu.

— Quê isso, Nath?

Sabia que a gargalhada de joelhos tinha objetivo infundado. Ela insatisfeita e também derrotada não justifica nada. Não, a

derrota dela faz dobrar a sua, apenas isso. Cobrindo o rosto com as mãos, os olhos arregalados entre a fresta dos dedos, a cabeça martirizando: e se for para sempre, Nath ?

Não, não, não.

Virando-se de barriga para cima, suspende um pouco a bacia e desce a calça até os joelhos. Erguendo um pouco a cabeça contempla as coxas brancas e macilentas. Olha para o teto e desce a mão até o membro desmaiado. A memória traz Analu. Procura fugir dela, rebusca na memória corpos de geografia penetrada. Fosse a Soraia, teria compreendido. Ivone também. A Analu não. A burguesinha rindo na cara dele, como quem diz: você não pode mais, não pode mais, Nath. Alisa os pelos, desce a mão um pouco mais abaixo, circunda, ronda, esfrega a pele. Analu latente na memória: estendida nua, rindo. Analu descendo a mão, os dedos procurando a fenda, o movimento ritmado, olhando Nath como se ninguém presenciasse a cena. Analu pulsando, fechando os olhos, o espasmo, a convulsão final.

Ele aperta avidamente o membro, sente o sangue pulsando sem no entanto abastecer as cavidades. O membro desobedece e as lágrimas caem pelo rosto, pingam no lençol.

Analu.

Suspende a calça num gesto de esgotamento. Vira um pouco a cabeça. Nos olhos surge embaraçado o sorriso de David Bowie. O olho espetado ficando verde, os cabelos escorrem louros. Analu sorri do poster, cínica, o olho vazado.

Nath levanta-se de um pulo, corre até a parede, arranca o punhal do olho e desfere vários golpes no poster. Risca o punhal em direções diversas e os pedaços caem sem vida, a parede surge, o amarelo apunhalado.

Nath olha o punhal. A peça de duzentos anos ainda é capaz de brilhar. Verifica-o, da parte mais espessa ao silvo ponteagudo que ele parece emitir.

A mente esfarrapada vem instigá-lo: e se você não puder mais, Nath ?

Refugia-se no projeto do poema: o punhal é uma flor e quer ser sangrado.



Helvio
1980

A mente fustiga: e agora, Nath?

: O punhal é uma flor vermelha que diz não.

: Nath, e Analu, Nath?

Pensa e diz com uma voz profunda: — não. E repete mór-
bido: — não, não.

Grita: — NÃO! A mãe bate à porta. Chama: — Nath,
que foi?

Não responde. Olha da janela. Consegue ver outras jane-
las, os outros prédios. Antenas de televisão espetando o céu,
roupas penduradas nas áreas de serviço.

Aproxima-se da janela. O impulso com que enfia o punhal
no parapeito é o mesmo com que desfere o salto.

LUCIDEZ

T I Ã O

Aloyzo de Souza Rocha Filho

Curso de Comunicação Social da FAFICH

Vive por aí. Um dia desses você pode topar com ele numa rua ou num boteco. Depois de tomarmos umas pingas com torresmo começou a me contar, de maneira pausada e leve, como é o seu contar, alguns fatos de sua vida.

Nasci em Portugal, não estou bem certo em que ano, sei apenas que faz um bom tempo. Vim pra cá na mesma caravela em que veio o comandante Pedro Álvares Cabral. Um sujeito muito bom mas muito ingênuo (a maior prova disto é o que fizeram (ou não fizeram) com ele os nobres da corte de D. Manuel). Quando chegamos aqui, depois de muito penar por esses mares de Deus, foi um problema dos diabos pra conseguir segurar os homens que queriam sair atirando nos índios. Logo de cara falei pro Cabral, não concordo nadinha com isto. A terra era deles e nós não podíamos ir chegando e massacrando, né? Aproveitei um descuido da guarda e caí fora numa madrugada daquelas.

Comecei a trabalhar com o Fernão, mas logo depois, me aborreci com ele por causa da sua paixão pelas esmeraldas. O sujeito era louco por pedras, principalmente as de cor verde; tanto que se estrepou no caso em que confundiu turmalinas com esmeraldas. Eu sabia que ele estava indo pelo caminho errado, mas não tinha interesse nenhum em que acertasse com nada. Numa tive vocação pra ser herói nem nunca concordei com saca-

nagem. Cortei qualquer vínculo com o Fernão que, aqui pra nós, tava meio desequilibrado do juízo. Coitado...

Aproveitamos, eu e Zumbi, a distração do feitor (sujeito desgraçado que babava quando via o negro estrebuchando e soltando sangue por tudo que é canto). É uma pena que ele não tinha assistido a beleza dos seus miolos espalhados pelo chão. Nós acordávamos antes de o sol nascer e só íamos dormir, meio mortos de cansaço, bem tarde. Derrubamos matas e plantamos canaviais em quase todo Pernambuco e mesmo assim, pelo menor motivo, os miseráveis nos surraram até a exaustão. Depois abrimos um canal para as fugas e fundamos o quilombo que depois levou o nome de Zumbi. Depois disso me afastei.

Sempre fui contra a rebelião, entre aspas, de D. Pedro. O que ele fez foi tomar de D. João VI uma coisa e tomar conta dela com um absolutismo violento; em resumo, só mudou o dono, o carrasco, os métodos permaneceram quase que sem mudanças. Mudou uma coisinha aqui e outra ali. Aliás, eu já tinha falado ao José Bonifácio e ele sabia que o gênio explosivo de D. Pedro ia levar a um desfecho radical em relação a Portugal. O homem não ligava pra muita coisa que não se relacionasse à Marquesa de Santos. Quando ele abriu os olhos já era tarde e teve que pedir o boné e cair fora. Pressões, meu amigo!

Eu sempre soube que Solano López não era o que se pintava dele. Era um ditador, é verdade, mas não sanguinário como se pintava por aqui. Um homem que quer apenas manter a soberania do seu país não pode ser comparado a um salteador, um bandido. Uma coisa Solano era: bravo! Com um exército pequeno e mal armado enfrentar exércitos do Brasil, Argentina e Uruguai, encarar pra valer e só se entregar à morte foi uma coisa admirável. No principio tentei fazer ver ao Imperador Pedro II e, posteriormente, ao Caxias, o absurdo que seria cometido; eles não ligariam muito não, tanto que praticamente arrasaram o Paraguai. Uma coisa não consigo entender até hoje: já que tinha feito o que fez, porque o Império, via Caxias, não tomou logo para si o território paraguaio? Assim seria mais fácil ter uma saída pro Oceano Pacífico e a violência seria mais completa. Bastava depois trocar o sul do Paraguai por um corredor no

norte da Argentina e forçar passagem pela região de Antofagasta, no Chile. Garanto que ninguém reclamaria. Afinal, Caxias havia feito do Paraguai uma imensa mancha de sangue; alguém nos enfrentaria? Acho que entre as muitas manchas da nossa História, esse genocídio dói demais. Fui preso e sofri barbaridade, mas nunca pude concordar com demonstrações de força.

Mesmo sabendo dos interesses escusos da Inglaterra sempre fui abolicionista. O que não gostei foi do uso que os militares fizeram disto; os grandes latifundiários e senhores de escravos logo, logo, embarcaram na canoa furada oferecida por Deodoro. Aliás, nunca fui muito ligado ao Deodoro. Era mais chegado ao Hermes, um sujeito muito educado e de boas maneiras, que pode não ter sido um bom Presidente devido à insegurança dos primeiros tempos, mas que era boa pessoa, lá isso era! O povão mesmo, a massa, não tinha coisa a ver com os republicanos, não. O que houve foi um golpe militar, pura e simplesmente. Uma grande traição à Princesa Isabel, que não era lá grandes coisas mesmo. Pobre país. . .

Pra falar a verdade, nunca fui muito amigo dos comunistas. Tinha idéias e objetivos muito diferentes dos do Luís Carlos, o que não nos impediu, nunca, de sermos amigos. Já um cara de quem nunca quis nem saber foi o Plínio, sujeitinho salgado de tudo, até no nome. Cheio de radicalismo e aquela imitação besta do heil Hitler, aquela baboseira de anauê. O Getúlio, na época de aproximação com o Plínio tudo fez para que fôssemos mais chegados mas lhe falei: «Sinto muito, Vargas. Não tenho jeito pra integralista, nem como jogada política». Tempos depois rompi com Getúlio, na ascensão do Estado Novo. Sempre fui opositor das ditaduras, o mais profundo mal da América do Sul. Nos papos que costumava ter com Juscelino, na época Prefeito de Belo Horizonte, mostrava sempre o perigo que representava e representa o capital internacional. Isto não valeu de nada quando ele chegou a Presidente.

Agora eu fico pensando: o que foi feito dos ideais da revolução (?) de 64. Sempre falei ao Jango, desde os tempos do Getúlio, o perigo das colocações radicais do Brizola e que isto poderia servir de desculpa para um golpe militar, já que os di-

reitistas estavam fortes como nunca. O tempo confirmou os meus temores. De uma coisa tenho certeza: O Lincoln Gordon jamais me fará propostas de corrupção, depois do que escutou de ruim ao me oferecer dólares e outras coisas pra passar pros quadros da CIA. Gringo filho da puta !

Neste país, aliás, nesta América, nós temos que estar sempre de coração preparado pra uma nova dor. Até quando, meu caro ?

A VACA CRISTALINA

CURSINO

José Liberato Costa Póvoa

Faculdade de Direito

Coriolano assuntou os longes da campina azulando os contornos do ceuzão emborcado sobre o mundo. A tarde lusco-fuscava e a friagem do início da seca zunia um vento frio e cortante adormecendo-lhe as orelhas e a ponta do nariz. Sentado na cabeça do moirão da porteira do curral, aboiava, enquanto as vacas de leite, lerdamente, vagorosamente, iam chegando uma a uma, atraídas pela voz familiar do vaqueiro ecoando no vaquejador, imitando o berrante:

— Óoooo! Veeem! Óoooo! Veeem! . . .

No fundo do curral de Pouso Calmo, Cunegundes apartava a bezerrada para o chiqueiro. Era o filho, que, ainda com seus doze anos, fazia parelha com o pai no campo e nas labutas do curral.

— Gunde, deixe esse bezerrinho monjol mamar um tiquim mais, meu fio!

— Inhô, sim!

Naquela tarde, o vaqueiro estava preocupado. Fosse outro vaqueiro, botaria a cabeça em cima do travesseiro e dormiria tranqüilo. Mas Coriolano era um Aguiar. E os Aguiar eram legendários, como os melhores vaqueiros que pisaram no sertão. No Campo Alegre, Zuza Aguiar; no Morro Azul, Landolfo Aguiar; no Plano Alto, Menegildo Aguiar; na Serra da Caravela, Copetino Aguiar; Coriolano, no Pouso Calmo; na Bonina, o velho Ascendino Aguiar, pai de sete filhos, todos vaqueiros, todos com

mais de quinze anos de vaqueirice na mesma fazenda; o velho, com mais de quarenta só na fazenda Bonina, da família dos Pereira. A fama dos Aguiar era em tudo: duros de escanção, nunca houve notícia de que um Aguiar tivesse sido cuspidado da sela; cuidadosos, o gado estava sempre gordo, bem tratado e manso. Os Aguiar eram mesmo lendários. Quando o dia quebrava a barra, os Aguiar estavam com o leite tirado. O Major Pereira, quando comprara a Bonina, quarenta anos atrás, observou que a fazenda não dava lucro, por melhores que fossem os vaqueiros. Os bezerros morriam misteriosamente, ali mesmo no mato onde eram paridos; o gado vivia esguaritado em fazendas vizinhas e nas capoeiras e não pisavam na Bonina de jeito nenhum, havendo reses que não sabiam o que era curral. A fama de Ascendino Aguiar, um mulato robusto de trinta e poucos anos, começou a nascer quando a fazenda Bom Dia, que pegava quarenta bezerros, passou a pegar noventa no mesmo ano em que Ascendino entrara de vaqueiro. E o gado era o mesmo de sempre. Major Pereira foi atrás dele no Bom Dia para levar pra Bonina. Mas a fidelidade dos Aguiar não era inventada, era herdada. Ascendino, apesar de paupérrimo, preferiu ficar com o patrão, fazendeiro fraco, a seguir com o Major, homem podre de rico, que lhe oferecia e podia cumprir as vantagens da Bonina. Precisou que o Major pagasse muito dinheiro ao patrão para liberar o vaqueiro, que não queria sair de jeito nenhum. O dinheiro foi tanto, que o patrão até brigou com Ascendino e pô-lo pra fora da fazenda. E Ascendino foi com seus sete filhos vaqueirar na fazenda do Major Pereira. A primeira coisa que fez foi botar os filhos para acompanharem cada vaca nas horas de parir. E o moleque encarregado acompanhava a vaca e o bezerro por vários dias, dormindo no mato, chovesse ou fizesse sol. E foi assim que descobriu a causa da mortandade de bezerros: eram morcegos, que, abundantes nas matas escuras da fazenda, chupavam os bezerrinhos ainda monjolos, pesteando-os e levando-os aos urubus. Dali pra frente, enquanto as vacas pariam na roça de pasto da porta da fazenda, a meninada dizimava os morcegos, destruindo-lhes os ninhos a poder de fogo. E com o exterminio dos quirópteros, a Bonina, que pegava setenta bezerros,

subiu para trezentos e tantos. Restava o gado brabo, que não parava na fazenda, vivendo esguaritado nas capoeiras das fazendas próximas. Isto fez Ascendino passar vários meses vivendo praticamente na sela do animal com os meninos: traziam o gado para a fazenda e soltavam; o gado voltava; Ascendino retornava em cima da bucha e trazia o gado novamente. E durante meses fez isso, só parando para dormir. Madrugadinha, já partia para trazer o gado, que, de tanto ser tocado pra Bonina, acabou por ir amansando-se e aquietou-se, não fugindo mais. E os Aguiar nunca usaram cachorro para ajudar no campo; e o cachorro sempre foi um segundo vaqueiro nas ajudanças da fazenda. Mas a identidade dos Aguiar com o gado dispensava a ajuda do cachorro. Os Pereiras, descendentes de fidalgos, eram gente muito cismada, e poucos vaqueiros tinham dado certo com eles. Quando davam certo, eram dois ou três meses. Mas Ascendino era um vaqueiro completo: madrugadinha ainda, entrava no curral com a filharada e labutava em tamanho silêncio, que só se ouvia o mugir do gado, pois nem mesmo os meninos eram capazes de dar um grito numa vaca maluda ou num bezerro mais rebelde. Na fazenda, o Major quebrava o jejum com o requeijão ainda quentinho e comia beiju com manteiga de garrafa extraída pelos sacolejos da prestativa vaqueira; não estando na fazenda, ainda assim o patrão não deixava de comer o requeijão quente no quebra-jejum, pois Ascendino, para atender aos mínimos caprichos da patroagem, levantava-se no canto do galo pra fazer o requeijão, que, embrulhado em folha de bananeira, era levado por um dos meninos, a galope, devorando as três léguas que separavam a Bonina da rua, pra chegar no acordar do patrão. Nunca o Major Pereira deixou de comer o requeirão diário. Mas os Aguiar não eram só isto. A fidelidade era a tal ponto, que, na ferra, Ascendino botava sua marca de um lado e a do patrão do outro, na cria que lhe coubesse por sorte. Era o modo como seu pai, que aprendera do avô, lhe ensinara a ser fiel e a ter confiança no patrão. Crescidos os filhos, cada um foi ramificando a tradição dos Aguiar noutras fazenda: Coriolano foi para o Pouso Calmo; Zuza, para o Campo Alegre; Menegildo, para o Plano Alto; Landolfo, para o Morro Azul; Copetino, para a Serra

da Caravela. Os outros dois, Evilásio e Berto, ficaram com o velho, cujos setenta e tantos anos teimavam em aposentá-lo à força, apesar de ser sua vontade a de morrer no curral, onde aprendeu a entender o gado e a ser por ele entendido. O patrão, Manduca Pereira, filho do Major, teimava em conceder-lhe sorte como se ativo estivesse, mas a honestidade de Ascendino não achava direito ganhar a sorte sem suar por ela; também não achava certo receber o dobro do que vinha recebendo há quase meio século, sob alegação de recompensa. Primeiro, o patrão; depois, o gado; depois, o vaqueiro: esta era sua filosofia; e a dos filhos, que souberam dar continuidade à fama dos Aguiar: havia um Ascendino dentro de Menegildo, de Zuza, de Berto, de Landolfo, de Copetino, de Evilásio, de Coriolano. Em todos havia o sonho de morrer labutando no curral e de ser enterrado, se possível, montado em seu cavalo de campo.

Coriolano viu desconsolado a cortina da noite envolver o mundo e foi descendo do moirão da porteira:

— Gunde, a Cristalina falhou hoje, Gunde. Só indo atrás dela. Vá ao peeiro pegar o cavalo melado, enquanto vou lá dentro pegar a capa. O barradão do lado da serra é sinal de muita chuva.

O menino saiu com o cabresto, enquanto Coriolano vestia a perneira e o gibão, calçava as esporas no pé rachado e ombreava a capa de mangaba.

— Falhou alguma vaca? — perguntou a mulher, sem tentar demovê-lo, acostumada a vê-lo sair a qualquer hora da noite e a dormir no mato atrás de gado.

— Cristalina falhou! Desde o pender do sol que ela não aparece.

Cristalina era como gente de casa. Filha, até. Enjeitada quando a mãe morreu num atoleiro, fora criada na mamadeira dentro de casa. Crescida, comia no pátio, vinha lambe sal na mão de Cunegundes, desde que o menino ensaiava os primeiros passos; quando menos se esperava, Cristalina adentrava a casa como se fosse um cachorro ou um gato; servia de boi-de-carro, quando faltava algum pra completar a junta; isto, sem se falar nos dias em que se montava na vaca branca e se passeava pela

fazenda como se fosse um jumento manso. Cristalina era tão certa na hora do aboio, que sua ausência inesperada foi tomada como um mau agouro.

Coriolano escanchou no cavalo e ganhou o pátio. O céu ameaçava desabar sob o peso das nuvens negras e carregadas. Ao sair do pátio, topou com Euricão, vaqueiro da Vivacidade, que passava para o Jaburu:

— Cumo vamo, Coriolano ?

— Aqui assim, Orico. Pr'onde vai ?

— Pegá um gado no Jaburu.

— De noite?

— Não. Já tá encurralado. Vou de dormida. Amanhã é só tanger. E ocê, adonde vai todo emperneirado e de capa ? Pra Bonina ?

— Não, caçar uma vaca que falhou. Tá com dias que não piso na Bonina. Cê passou por lá ?

— Passei. Bem verdade que nem desapeei. Só encostei pra beber um caneco d'água.

— Notícia do velho, cê dá ?

— Dou. Ele tá meio adoentado, mas deve ser coisa besta. Só moleza no corpo, mas tá caminhando.

— Amanhã vou lá.

— Pois bom, vou chegando, Coriolano. Até mais ver !

— Querendo Deus, Orico !

E os dois apartaram-se. Coriolano não sabia por onde começar. Se fosse outra rês, era fácil, pois ele conhecia, de cor e salteado, cada cabeça das malocas de Pouso Calmo. Mas Cristalina era uma vaca todo especial: vivia quase dentro de casa e pastava no pátio desde bezerrinha. Era tão especial, que só lá uma vez ou outra dava cria, quando, no recenseamento, época em que se reunia todo o gado, algum touro se engraçava por ela. Forante essas ocasiões, vivia sempre solteira. Sempre gorda e mansinha, Cristalina era o cartão de visitas da fazenda. Quando um andejo trafegava em noite escura naquelas bandas, o contraste da brancura de Cristalina, parecendo em lençol estendido no coradouro, mostrava que ali era o terreiro do Pouso Calmo. A vaca era como um cachorro bandoleiro, atrás de Coriolano,

aonde ele andasse: se ia para o campo, ela ia atrás; se ia visitar o velho Ascendino na Bonina, a légua e meia dali, da mesma forma. Até o velho Ascendino, nascido e criado no meio do gado, admirava-se da humanidade do animal, que, de vez em quando, aparecia na Bonina sozinha para lamber sal na mão do velho, voltando ao Pouso Calmo antes do pôr do sol. Fazia isto sempre e conhecia o velho tão bem, que lhe adivinhava os sentimentos: uma vez, quando ele caiu de um cavalo xucro mercê da idade avançada, ela passou vários dias indo diariamente à Bonina, como se fosse para visitar o velho, e só parou de ir quando o enfermo se recuperou e pôde vir dar-lhe sal para lamber na mão. Mas jamais deixara de vir ao curral na hora do aboio. E aquela falha da vaca era inexplicável para Coriolano. Teria sido cobra? Atoleiro? O negócio era ir atrás mesmo, pois ela podia até estar enganchada num cipó ou caída numa grota, em vias de morrer.

A noite escura não permitia a Coriolano ver um palmo diante do nariz. Mesmo assim, passou a noite rondando nos pés de morro e nas malocas de que a constância das vaquejadas ensinara à montaria o caminho. Tomou chuva e, cortando mato, rodeando grotas e vadeando riachos, foi sair, já o dia clareando, na estrada que levava à Bonina. E sacudiu os cascos do animal naquela direção, na esperança de encontrar a vaca, que soía vagar por ali também. Tremendo de frio e ombreando a pesada capa de mangaba, Coriolano bambeava de sono, quase a ponto de cair da montaria, cujo balançar peneirado embalava o sono que já estava quase traindo seus olhos vermelhos. Mas ele resistia.

Cerca de meia légua da Bonina, dia claro, o bater de cascos de animal no barro duro desperta-o do quase sono. Coriolano pára, senta-se na cabeça da sela e espera. O tropel apressado encurta a distância em sua direção. Súbito, levou o maior susto quando Cristalina especou bem na sua frente. A vaca parou, ficou um momento olhando para o vaqueiro, depois rodeou por trás do cavalo, deu meia-volta e desceu de novo a ladeira que subira há pouco, na mesma pressa com que viera.

— Óoooa, Cristalina! Óoooa! . . .

A vaca, que desde bezerrinha obedecia cegamente ao chamamento de Coriolano, só fez parar, dar um berro comprido, para depois continuar correndo na direção da Bonina.

— Ooooo ! Ooooo ! Veem ! Veem ! . . .

Daí a pouco, Cristalina pára, como se tivesse finalmente reconhecido a voz de Coriolano. Esperou que ele se aproximasse e quase lhe passasse a mão no lombo lustroso. Quando ele se aproximou, ela tornou a berrar e voltou a correr. Aí, Coriolano não contou conversa: chamou o cavalo nas esporas e saiu atrás da vaca, comendo as quebradas da serra com a voracidade que a firmeza dos cascos do melado permitia. Cristalina, com o rabo empinado, corria sem parar. De vez em quando, a capa ameaçava escorregar do ombro do cavaleiro, que sofrea o animal para ajeitá-la; a vaca também retardava a marcha, parecendo querer guardar a mesma distância que a separava de Coriolano.

A perseguição continuou. Coriolano, exímio cavaleiro, de vez em quando cortava volta pelo mato e tomava a vaca pela frente. Esta, quando isto ocorria, demonstrava uma indocilidade que pasmava, arremetendo-se contra o vaqueiro e entrando no mato para ganhar a estrada lá adiante. Foi assim até atravessar o córrego que limitava a Bonina. Ao atravessá-lo, encontrou Evi-lásio e Berto, que iam avisar os outros filhos que o velho Ascendino, após passar a tarde e a noite incomodado, viera a falecer ao romper daquele dia.

Dali mesmo, Cristalina tomou a estrada do Pouso Calmo e voltou berrando um berro triste, caminhando vagarosamente até sumir na primeira curva depois do córrego.

CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

O PONTO FINAL

GONTIJO DE ALBUQUERQUE

Fausto Albuquerque Mendes

Escola de Engenharia

O anúncio no jornal dizia: «Comparecer depois das dezoito horas munido de todos os documentos, favor apresentar este anúncio».

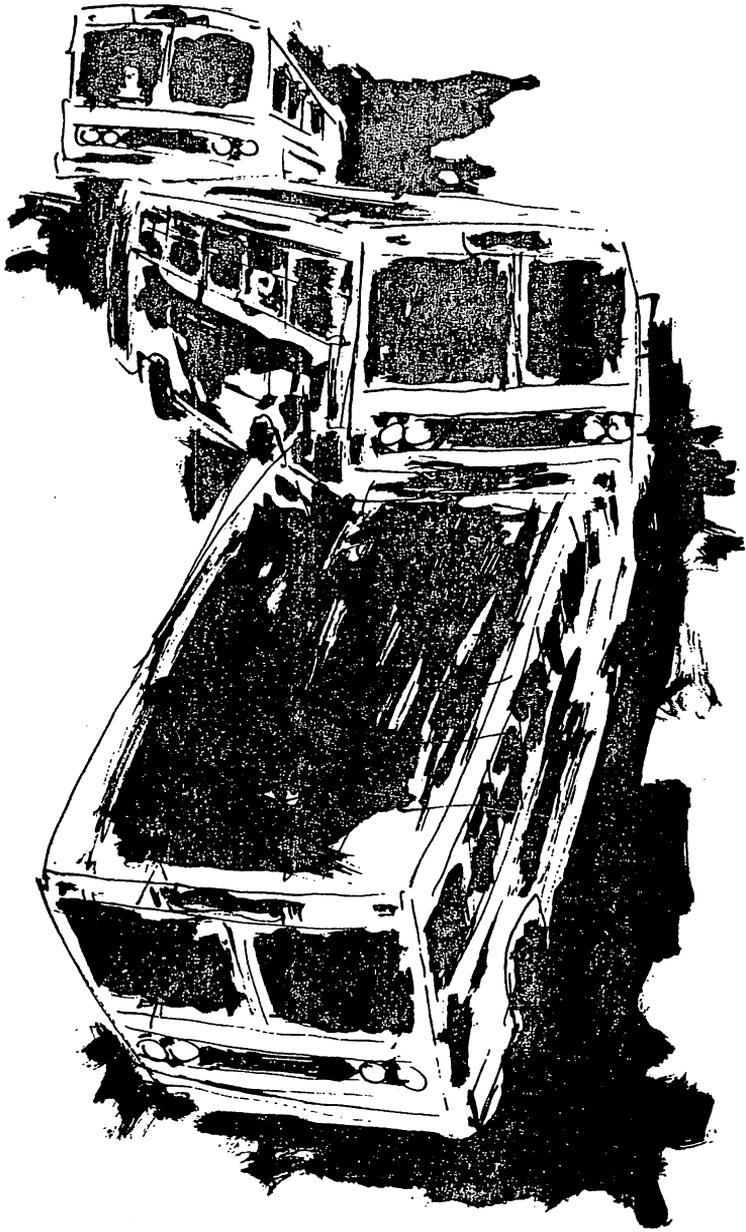
A firma ficava num bairro distante de sua casa, melhor dizendo, ele teria de atravessar a cidade todos os dias se realmente conseguisse o emprego, mas não importava, uma vez que a oferta era até certo ponto tentadora. Além disso, sua situação no momento não permitia vacilações diante de oportunidade como esta.

Era já noite quando ele tomou o ônibus que o levaria ao bairro indicado no anúncio. Devido ao horário de grande movimento, o ônibus já estava lotado e ele, por sorte, conseguiu um lugar sentado no último banco. Pediu logo a um sujeito ao seu lado que lhe informasse a que altura do trajeto deveria descer para chegar no tal endereço.

Com desânimo, ficou sabendo que, para chegar no lugar anunciado, teria que descer no ponto final e andar «mais três quarteirões pra frente».

Bom — pensou — pelo menos poderei viajar sentado o tempo todo. Consolou-se.

O tempo foi passando e o ônibus foi-se esvaziando aos poucos, a cada parada, já que ninguém mais o tomou durante o percurso.



Helvio
1980

«Deve faltar pouco agora», ele pensou ao ver sentados à sua frente apenas quatro passageiros além do motorista e do trocador.

Mais uma parada e menos dois passageiros.

Resolve passar pela roleta e sentar-se junto à janela, enquanto o ônibus, a uma velocidade moderada, vai entrando numa rua e dobrando outra, num percurso totalmente alternado.

Outra parada e os últimos passageiros desembarcam, restando agora ele, o trocador e o motorista, mas a viagem continua e a monotonia do ônibus vazio o faz cochilar no banco junto à janela aberta e o ar puro da noite suburbana mal iluminada.

Passam-se vários minutos e uma curva fechada o faz erguer a cabeça como se estivesse despertando de um sono superficial e, olhando o relógio, nota que já se passaram mais de duas horas desde o momento em que tomou o ônibus e no entanto, ainda continua varando ruas, sem saber em que ponto do itinerário está e nem quando vai chegar.

Resolve então perguntar ao trocador quanto tempo ainda falta, quando percebe que não há mais trocador nem motorista a bordo.

Mas o ônibus nunca pára e na mesma velocidade do início da viagem, vai entrando e saindo em ruas, parecendo percorrer um infundável labirinto noite adentro.

E como o bairro era totalmente estranho para ele, teve receio de puxar a campainha e o ônibus parar e ele ter de descer ali e ficar perdido, sozinho na escuridão da noite naquela região deserta que passava pelos seus olhos através da janela.

Decidiu então arrebentar o cordão da campainha para que tal coisa nunca viesse a acontecer e, sentindo-se mais seguro, voltou para o seu lugar junto à janela, ficando a contemplar a escuridão lá fora, agora convicto de que nada mais o ameaçaria.

NAS CIRANDAS DESSA VIDA

MARIZE

Sólón de Araújo

Escola de Engenharia

«... o anel que tu me deste era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e ...?»

«... ciranda cirandinha vamos todos cirandar, vamos dar a meia-volta...?»

... então a gente era criança, brincava na roda, chinelo de dedo, pé de poeira, lava o pé pra dormir! troca a roupa que ela está imunda! cara chorosa, tá cedo ainda mãe! o sereno na cabeça, você fica gripado! só mais um pouquinho mãe!? nem mais, nem meio mais! tá na hora porque tá! o quê fazer? rezar emburrado, dormir sem querer, um beijo na cara molhada pelas lágrimas, dormir como um anjo, amanhã outro dia, acordar, retribuir o beijo noturno, rever os amigos da roda, vai brincar hoje à noite? e ontem hein? e ontem hein? e ontem...?

... então a gente era criança, brincava na roda, brincava de bola, amava a bola, de pano, de plástico, de couro, não olhava a cara, era redonda, era bola, era bola e o chute pro gol, as pernas tortas, o suor escorrendo, os pés descalços, corria pra bola, abraçada, tocada, quase beijada, a gente amava ela, era de pano, de plástico, couro, não olhava a cara, sorria, chorava, como se fosse a última vez, amava os amigos como se fossem os últimos, amava cada sol, cada chuva, cada dia, como se fossem os últimos, havia um motivo simples, se sabia, para sorrir e amar, havia um motivo simples, se sabia, para chorar

e odiar, havia um motivo simples, se sabia, para viver e se apaixonar por todos os momentos e movimentos com que a vida enchia os dias, havia um motivo simples, se sabia. . .

. . . então era julho, era vento que ninguém segurava tanta sopração, as roupas do varal que dançavam, era a árvore magrela que se curvava, era saia que subia, segura moça! é branca hein !? era chapéu que voava, era julho, era vento, e o pior de tudo, era férias e a gente era criança, pra que tanta bondade meu Deus ? só podia ser uma coisa, só tinha de ser uma coisa, era papagaio, era o papel impermeável, aquele que não molha, sabe? não podia molhar, se não vai na nuvem e não volta mais, sabe né ? a nuvem é de gelo, quando o sol esquenta muito, derrete e cai, ninguém segura água não ! e era o bambu, tem uma casa ali que tem cerca de bambu, tira um, não faz falta, bambu verde é melhor, enverga e não quebra, era o dinheiro da linha, linha trinta ! quarenta é muito fraca pra toda essa ventania, era o grude, farinha de trigo e água, esquenta um pouco, endureceu? tá pronto, a linha na manivela, dois carretel? puxa! vai dar linha toda ? lógico! e corta o bambu, e corta o dedo, e chupa o sangue, é a ânsia de aprontar, a taçãara do meio faz mais grossa, agora a de enverga é mais fina! e corta daqui, e cola dali, agora a barbela, pronto, não tem rabo? não, eu gosto é de sureco, sabe? aquele sem rabo, só ele, aquele que dá uma buscada funda, parece que vai embicar no chão, depois sobe de novo, e o céu tá coalhado, tem de tudo quanto é cor, tem até de duas cor, é verde, é azul, é branco, é de tudo quanto é cor e tipo, tudo lá no céu voando, paradinho, às vezes dá uma subida, depois uma descida, que nem peixe no aquário, são os papagaios no céu, e nós aqui na terra, a gente tá aqui, mas é o mesmo que tá lá com eles, a gente que fez! é filho da gente que tá voando lá em cima, olha o avião ! toma linha! nossa! quase que bateu! duro é quando o sol entrava na frente, cegava tudo, cegava mas a gente olhava, e a água escorria na cara, chorava de alegria, quando o vento tava parado, o papagaio também ficava, sabe né? o vento é que brinca com ele lá em cima e a gente aqui embaixo, então, como ele tava parado, a gente punha a manivela assim no chão, deitava na grama, barriga pra cima,



fechava o olho e sonhava, ele não ia sair de lá mesmo ! ele não ia fugir ! a gente sabia, e era o dia inteiro aquela voação, aquele sonhamento, aí o sol sumia, então começava a escurecer e a gente tomava a linha, se não, não via mais né ? e não ver o papagaio da gente no céu é a pior coisa desse mundo, então a gente tomava a linha e ele vinha, devagarinho, e chegava, e chegava, até tremendo, parecendo que tava com frio ou cansado, tinha vontade de abraçar ele, de beijar ele, mas podia estragar né ? só amanhã agora...

Por fim chegaram os homens, como era de se esperar. Todos aqueles eram menos de cem. Todos aqueles que desertaram ou conseguiram se salvar. Eram menos de cem boinas, chapéus, cabelos. Eram menos de cem cabeças, eram menos de cem corações, sentimentos, sofrimentos e amores.

Por fim chegaram as mulheres, como era de se esperar. Todas aquelas eram mais de cem. Todas aquelas que se entregaram ou conseguiram se anular. Eram mais de cem véus, chapéus, cabelos. Eram mais de cem cabeças, eram mais de cem corações, tormentos, sentimentos e rancores.

...então a ciranda virou canção de protesto.

AS FOTOS

GIORDANO B.

Edwaldo Zampier Salles

Curso de Filosofia da FAFICH

Terminada a revelação, olhou as fotos, 19, demorando minuciosamente até a última, de perfil, a que ele mais gostou.

O flagrante de uma foto seqüestra a alma das pessoas, pensou. Em nenhuma ela pressentiu que estava sendo fotografada, a não ser na última, de perfil, a que era mais bonita.

Foi numa floricultura da Savassi, perto do Cine Pathé. Bateu a chapa e ela virou o rosto em sua direção, pois estava de lado e levou surpresa. Ele ficou vermelho e saiu todo atrapalhado, tropeçando num vaso e dobrando a esquina antes de ela chegar no passeio, com a amiga, e sorrir suspirosa por aquele desajeitado que já ia longe.

Agora as fotos estavam ali, somente as fotos. Talvez nunca mais a reencontrasse. Ali estava ele, apaixonado pelas dezeno. . .

— Dezenove? Mas são vinte!

Voltou depressa à saleta de revelação e, com alívio, encontrou o negativo que faltava. Mas não lembrava de ter batido mais uma foto; lembrava, entretanto, que o filme dava pra vinte chapas.

Ansioso para saber o que revelaria aquele negativo, escureceu a saleta e se fechou por dentro.

E em poucos minutos, quem estivesse do lado de fora poderia escutar, saindo nítido pelas frestas da porta, entre alegres risos de um homem os gemidos de amor de uma mulher.

RL

revista literária

CONCURSO
DE
POEMAS

DAS ESPOSAS

VIRAGO

Sônia Maria de Melo Queiroz

Faculdade de Letras - Mestrado

estavas linda Inês
posta em sossego
e Xica pegando fogo
nos leitos do São Francisco
e Marília se escaldando
pelas montanha de aço

a do Norte, Stella, morde
a fome do Rio Doce
Joaquina mata e condena
ao ferrão, chicote, os frouxos.
Beja Bela, em teus segredos
roncam prazeres do inferno.

Mariana, Vila Rica
ah, esses currais de El Rey
adormecem os gemidos
e amortecem os gestos
e amordaçam os dentes
da fêmea carne das minas

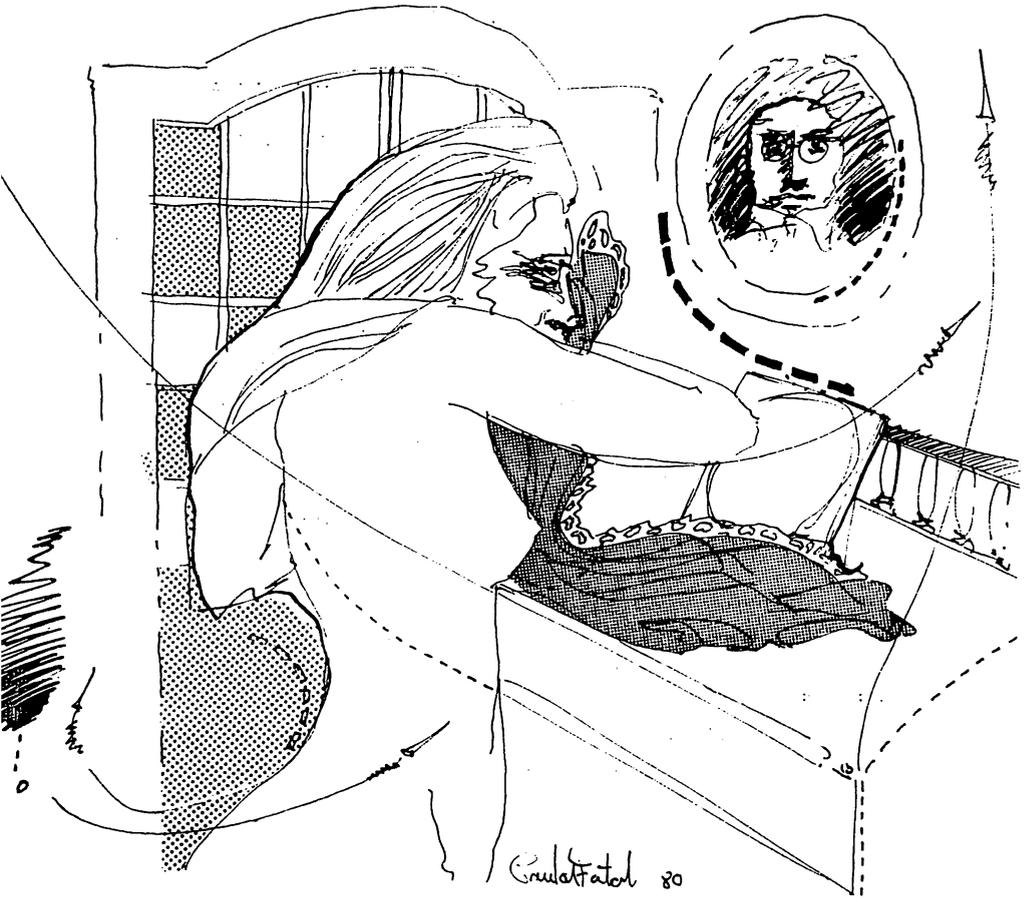
dourada nas cabeceiras
fotografia adorada
das memórias da família
monograma de enxoval
tarja de negro bordado
no paletó dos maridos

tempero nunca igualado
fruta mais adocicada
lençol mais alvo e macio
o cheiro só preferido
o vinho mais cobiçado
do paladar dos maridos

riso meigo na poltrona
mão de fada na costura
no forno, fogão, mão cheia
no leito, mão de veludo
passeia sempre rainha
o domínio dos maridos

o cordeiro idolatrado
de ouro, sedas, a pérola
recato mais cultuado
destreza só de cigana
convertida, e só rezada
no domingo dos maridos.

Linda Inês, em teu sossego
desconheces os gemidos
os jeitos, gestos, os dentes
o choro, o gozo, o repasto
negado, sempre negado
à fêmea carne das minas.



3 X 4

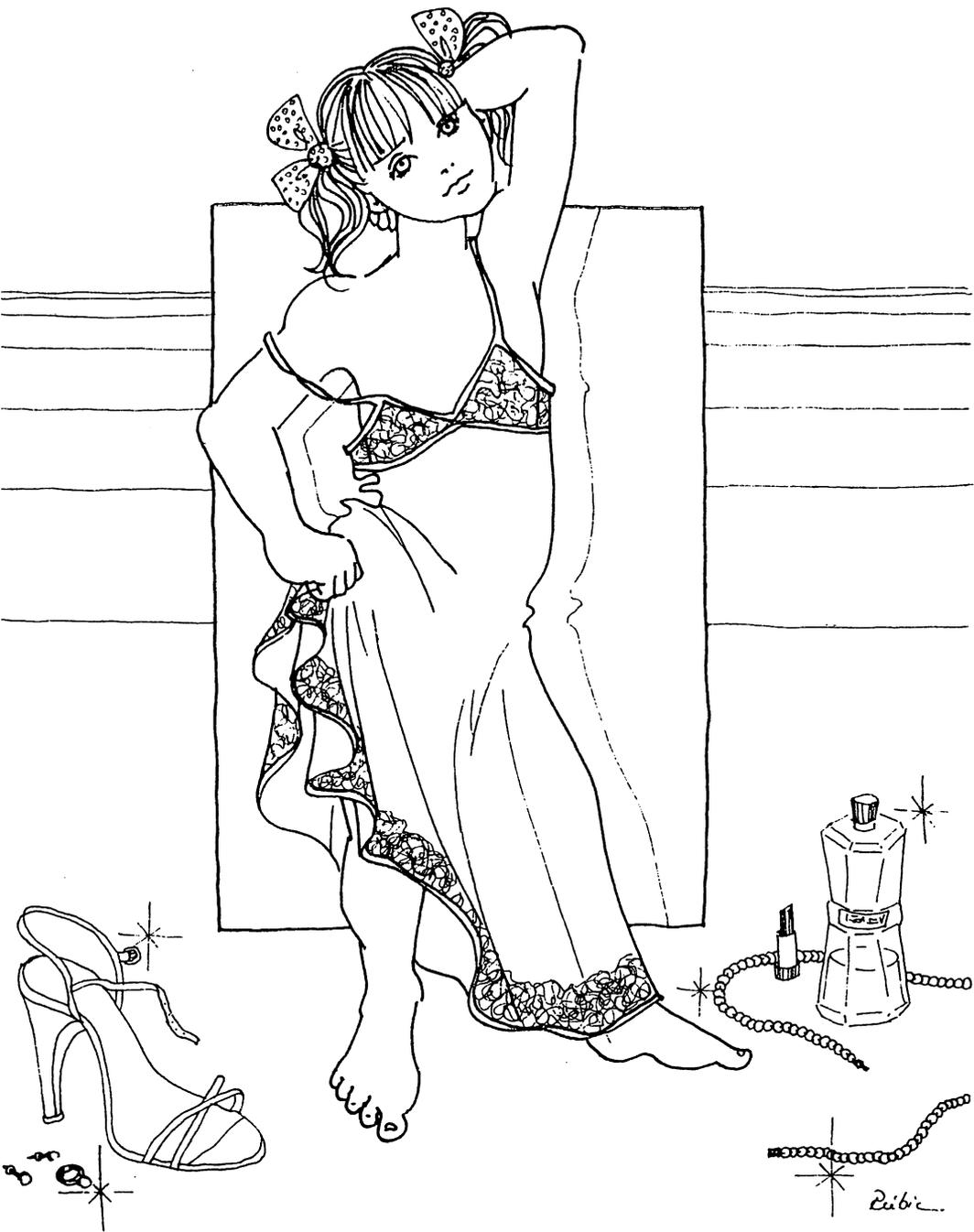
MAYANA

Sandra Duarte Penna

Instituto de Ciências Biológicas

no espelho a boca cheia de batom
tão sensual, tão menina nos lábios descorados
pela gripe
tão louca na dor, tão estrábica
e triste, tão bélica com o boné verde-oliva
tão rica, tão senhora
na camisola de minha mãe tão cativa e cor-de-rosa
meu rosto vário, ah
tantas sandras convivendo a minha vida.

dia virá
e terei um rosto único
frio, cor uniforme da ausência
no espelho
os olhos fechados, as mãos
entrelaçadas sobre o peito.



Rubie

TIRADENTES

NENAY

Rita Espescht

Instituto de Ciências Biológicas

Sino da igreja bateu bom-dia para acordar a praça,
ave-maria.

O burro, a rua e o dono do burro subindo
a ladeira barroca da cidade mineira.

Ai que dia solene de tão bonito.

Na métrica torta dessa rua, balada
sino rima com o rosto das velhas, soneto.

Corre ouro preto no meu sangue azul,
sou rei da farda.

Corre sangue preto no meu couro escravo,
sou rei da raça, rua, reza e realeza.

Proeza em céu de Minas, que dia tão bonito,
então davá até vontade de ficar feliz.

Roía meu sangue vermelho o ouro impuro
de Silvério dos Reis traindo meu coração.

CONCURSO
DE
POEMAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

TEMPO

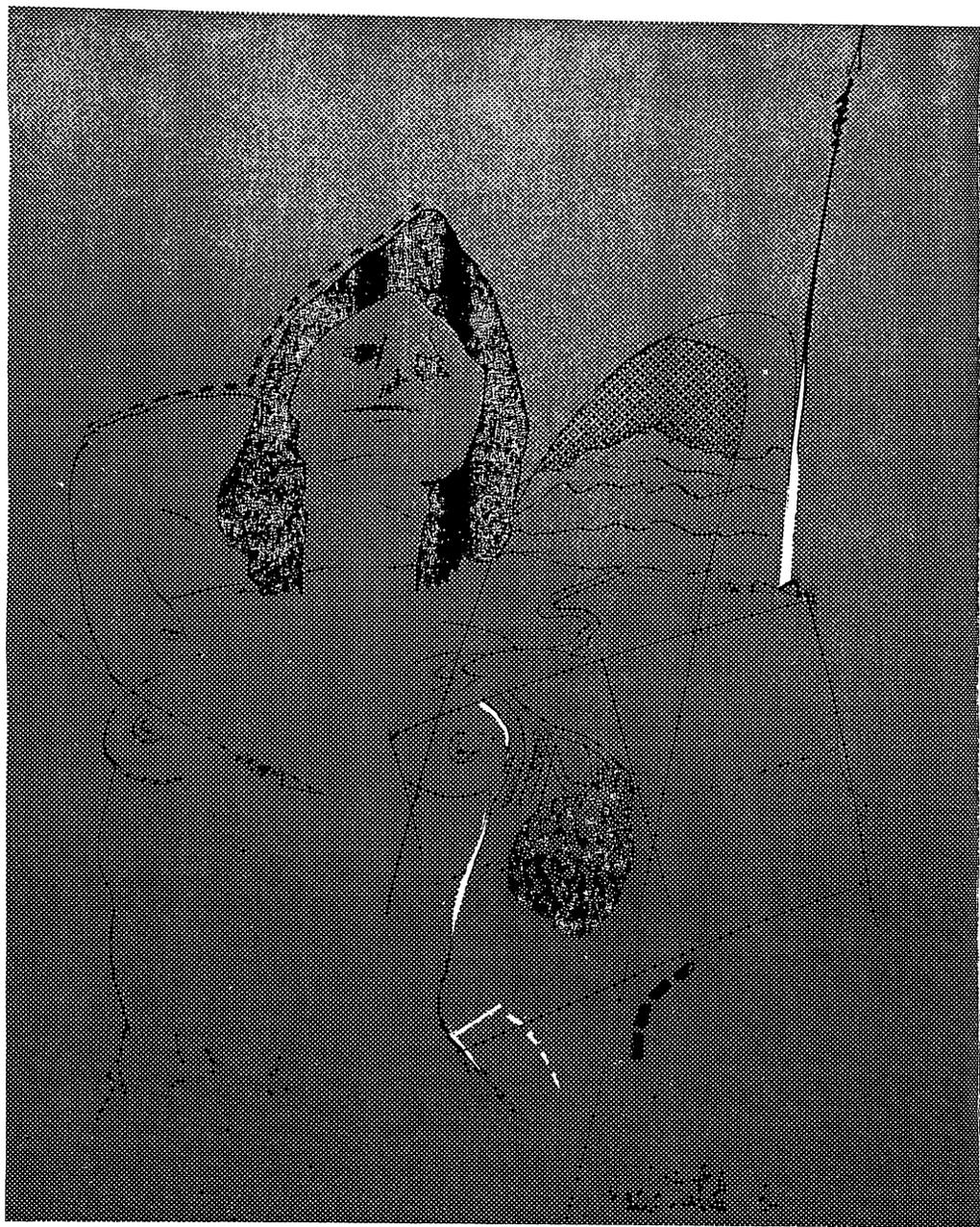
BENEDICTO

Alvaro Eustáquio Rocha Fraga

Curso de Comunicação Social da FAFICH

Quando meu gozo
se afoga nas tuas veias,
É como se eu,
rasgasse de par em par
as estradas do medo,
e voasse livre, liberado,
pelas misérias de nuestras tierras.

Quando teu sufoco,
me sobe pela boca,
É como se você
soubesse de cor e sempre
os segredos do meu corpo,
e em meu copo de amor
depositasse lentamente,
a dose letal do orgasmo.



POEMA DE PABLO

SÃO JOÃO

Carlos Antônio Leite Brandão

Escola de Arquitetura

Estoy triste y solo,
con la vida invisible
remoliendo a mis ojos oscuros
y mis manos cerradas y opacas
como lunas muertas,
blancas
de un corazón flagelado.

Estoy triste
pero estoy solo.

Y recuerdo una oda sin amarras,
sin cuerdas umbilicales,
tejidas por la razón
em poemas de Pablo Neruda.

Y tengo un camino a caminar
un lloro a llorar;
distancias horizontales e instantaneas
donde extender mi soledad
Y mis brazos extendidos
de sangre, amor y sudor.

Olvidado estoy yo
y desesperado estoy de besos y pan,
triste, solo y sin canción.
Un olor de leche,
de piel fría,
de zapatos con sueños,
de casa caída,
de ojos viejos,
de lengua sin palabras,
de boca quedando-se:
un olor de metal corroído,
de campânula vazia,
de nombre olvidado
y corazón rasgado.

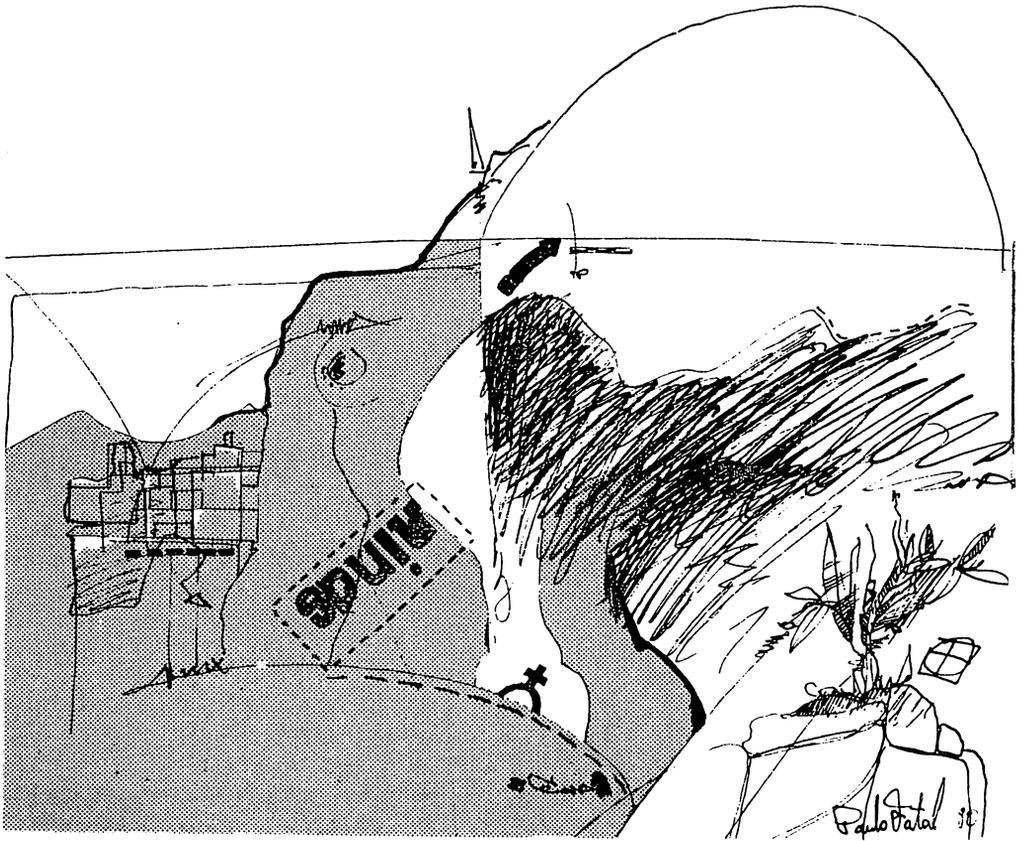
MINASGEROU

R. AO PONTO

Ricardo Márcio Camargos

Curso de Comunicação Social da FAFICH

Minasgerou,
no sereno
da chuva,
o silêncio
destes seios;
cheios de ferro.
Enterrou,
no ventre
da gente,
esta camisa
de força;
prestes a explodir.
(Minasgerou
gemidos,
gemendo gerações
de reprimidos.)
— Remexe nesta roda
amigo — banido,
que Minas-gerou-nos
vencidos...
Minasgerou
na gente,
o ouro derretido



de tanta discreção.
E depois,
ainda dizem:
«... que Minas não há mais.»
Engano...
lêdo ou
desaviso!
Minas-Gerou-Nos
vida e
estamos vivos:
remexe nesta roda
amigo,
que Minas-Gerou-Nos
vencidos...

RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

O SERTANISTA BERNARDO SAYÃO *

Fritz Teixeira de Salles

Com o ouro do novo nos olhos
o padrão do novo no gesto
no mar da selva e do vão

— com suas amarras de garra
com suas armas de guerra —
— esgrima com a lâmina dos ventos —
sabia raiz e montanha.

Pesava terra e trevas
sabia-lhes a densidade —
— volume calor contorno
sombras sussurros volteios.

— arco e balisa de marco em marco.

Domava estações e luas
assombros climas chuvas —
— marcando distância e sinal
e o ermo rompe seu termo
— marco em marco
balisa e arco.

* Bernardo Sayão é o sertanista morto em 1958, ao construir a Belém-Brasília —
Lendas e hipóteses circulam em torno da sua morte.

Com suas mãos de humus
na hulha dessas entranhas
— com seus braços de bronze
— aquele silêncio de brenha

— de marco em marco
seu calar seu falar

à montanha à várzea e ao rio
nascendo/ de suas mãos nasceram —
novos mapas — novo aviso —
convívios novos de gente na chegada.

Com suas garras de guerra
bravio trator de carne —
— certo e alegre no espanto —
com seu machado de prata
com seu grito solar de rio
no compasso das léguas verdes

ele todo clarão se tornava —
— cidade e cidade de marco em marco
arco e balisa de espaço a espaço.

E quando aflorava no deserto
altiva/livre, cidade aberta
— clara alerta terreal —
era como se tivessem fluído
dos rios de suas veias

as moradas azuis dessas selvas
e ele todo clarão se tornava —
— ele todo Sayão se tornava.

E ouviram os cantos dos escravos gemidos.
Aqui Dorotéia tece o enxoval para um longo celibato
Ali Gonzaga borda em finos tecidos desenhos e idéias
Um pouco adiante Cláudio recita uns versos pouco arcádicos do
[rio pátrio

Mais além Alvarenga acalenta a filha
E ambos adormecem nos braços de Eleodora.

Por toda a cidade um alferes atento e agitado reclama a liberdade
Mas quem o ouvirá ?

Minas é já uma enorme cratera repleta de sonhos
E avisos de perigo.

A lua aproxima-se das serras como uma cimitarra.

Vila Rica fica pra trás

Da Igreja de São Chico de Cima

Da Igreja de Chico Rei

Ouvem-se sons fantasmas de passado

Rumores de negros tambores longínquos.

Minas tem todas as mãos presas

E as bateias vazias.

A OUTRA PEDRA

Antônio Eduardo de Castro

Na luta incansável de meus dias
encontrei uma pedra no caminho.
Não era ouro,
não era esmeralda,
nem a pedra de Drummond.

Na volta aliviante do trabalho
encontrei uma pedra sobre um jornal.
Não era do dia,
não era de ontem,
nem o jornal da tarde.

Só sei que tinha uma pedra,
uma pedra sobre um jornal.

Hoje penso na idiotice da pedra
e na dureza do jornal.

HAROLDO & AUGUSTO

Amador. Ribeiro Neto

Estranho desejo: buscar as palavras
molhadas
caindo das calhas
rolando em barulho de gotas
que deixam círculos
no copo de remédio. Amarelo.

Estranho desejo: buscar as pala-
vras saindo das cobertas da
cama de inverno
no meio do assunto. Assunto noturno.
Noturno como bico de pássaro.

Palavras que pululam líqüidas
atrás da veneziana
no azul da tela de Cavalcânti.

Palavras que sussurram virgens as
consoantes mudas. E são.
E nonada revelam.

ODE EM 3 TEMPOS

Maria Consuelo Porto Gontijo

I

na leva de renováveis
 esperanças
do trabalho ficou
 o cansaço

no corpo a fome !

na incipiente promessa
 de dias melhores
apesar da lida
 o desabrigo:

sobre o corpo exaurido
 o frio aconchego
do cobertor de estrelas

II

no úmido dos olhos — sereno...

III

que tempo é esse em que o trabalho
 não vale
o tamanho do pão ?

PARTO COM DOR

Elza Beatriz de Araújo

Apesar
da psicologia, eugenia, analgesia
profilaxia, terapia;
do pré-natal, licença de gestante
salário família, auxílio concepcional
e anticoncepcional;
continuamos a parir com dor nossos filhos
antes, durante, e depois do parto.

A ciência dos homens pensa
que é dor
a carne se multiplicando
similar e farta.
A ciência dos homens não sabe
que dor é a alma
se individualizando
singular e ávida.

Só quando as mães ficarem de vidro
— como queria o poeta —
«para vermos o mistério
da rosa inicial
subir na transparência do caule» *
então a ciência verá

na transparência da madre
que o cordão umbelical da vida
se rega e se regra
em tênue fio de reza
onde Deus e a gestante
doem eternamente
a grávida solidariedade
de infinitar na semente
nosso perecível sêmen
de pé, areia, e imortalidade.

* José Gomes Ferreira - Portugalia 4.

PERSONAGEM

Antônio Barreto

Dizer, diria, quando; não sei,
me espere, que eu chego
Te garanto pra resistir a tudo
E quando tudo estiver morto
Te prometo, reapareço mudo
reapareço torto, te asseguro,
da vida, não tenho medo
mesmo quando morro
numa estória
sem enredo.

AS VINHAS DA IRA

Antônio Barreto

Nada, morena, restou aqui
em Pindamonhangaba
Nada, ficou de você, de mim
em Pindamonhangaba
Nada. Nada.
Tua cor quando via a vida
nascendo escuro
era parda
Meu amor quando vinha
na ira de toda hora
mesmo que incerta
era puro, no escuro, no muro
de nossa memória.
Era verdade, morena,
que o ódio nos tomava
de assalto
que o partido era mesmo alto
que o tempo, morena
em Pindamonhangaba
era curto, acabava.

TRIVIAL COMPLETO

Maria Clara Arreguy Maia

Na mesa um prato de arroz,
no coração um amor.

Vaso de flores na sala
olhá-lo entrar pela porta
sorriso nos olhos, carinho
embrulhado no jornal diário.
Peito forte, gola e manga
a coragem de todo dia.
Muita luta ficar em casa
muita luta sair pra rua.

Detalhes postos na janela
cortinas, rendas, fogão e cama.
Vida feita com vassoura
pano de prato e lembrança.
Homem e mulher todo dia
esperando a hora do almoço.

Na mesa do coração
um prato de amor e feijão.

CANÇÃO DE LÁZARO *

Angela Cançado L. Resende

Cem vezes morri
Dentro do maior sigilo
Assim se assassina
O oprimido

Cem vezes me escondi
Imóvel entre cavidades
Assim se enterra
O perseguido

Cem vezes mudei
De forma
Assim se transforma
O sobrevivente

Aos que vieram
Ante o cheiro acre da morte
A recuar entre espelhos
A mortalha de pedra
Abriu a dura corola
De clara transparência

Assim renasce
A Poesia

* Do livro, inédito, *Canção de Lázaro*, da autora.

**ROTEIRO TRAGICÓMICO
EM 7 DIAS DE AMOR**

Ronald Claver

TERÇA-FEIRA

As pessoas não suportam
as pessoas
quando ameaçadas
com um sorriso

ou quando se aponta
um revólver
cabo madrepérola, 45
colt

as pessoas se sentem frágeis
quando a vida, a curva da vida, começa
a declinar
e não reagem àquele riso solto
alto na mesa do bar

(e quando estiver só
você e seus duendes
e o cigarro acabar
procure nas ilhas
de seu mapa particular
as viagens de muito
adiar)

DOMINGO

no domingo as pessoas
não atravessam o sinal
fechado

porque sabem que não há
carros nem sinais

a vida se torna verde
na perspectiva do macarrão
e do frango ao molho pardo

(as pessoas compram até jornal
para atenuar a digestão matinal)

QUINTA-FEIRA

Não escreva bilhetes de amor
nem revele os sentimentos
as pessoas reagem ao menor impulso
lírico

é perigoso deixar a letra impressa
ou a impressão digital

a pele é sensível
e o amor pode transbordar
nos poros

beba o mel da noite
noturne em alguém
este cansado e dolorido
corpo

QUARTA-FEIRA

Não deixe a porta aberta
as pessoas te espreitam
mas não se mate

escreve poemas nas mesas
dos bares
planeje tua fuga impossível
mas não viaje

as pessoas sabem de seu rastro povoando as paredes
as pessoas sabem de sua sombra contornando os muros
as pessoas sabem de seus dias povoando as semanas:

- na segunda elas te abrem os olhos
 - na terça vasculham as gavetas
 - na quarta pisam na grama
 - na quinta quebram os vidros
 - na sexta reviram a casa
 - no sábado fazem a mudança
 - no domingo você é papel
- passado

SEGUNDA-FEIRA

As pessoas abrem o jornal
à espera de algum acontecimento
que as conduza à vida

esta começou na sexta
se perdeu no sábado
diluiu-se no domingo

(as pessoas te odeiam por isso)

o bolso furado
o maço de cigarros amassado
a garrafa vazia

(as pessoas te culpam por isso)

você é uma pessoa sozinha
girando girando girando
no planeta

SÁBADO

não procure no espelho sua imagem
invertida
as pessoas conhecem sua transparência
seu avesso

não procure nos olhos seu brilho
aceso
as pessoas conhecem sua nudez
seu opaco

SEXTA-FEIRA

As pessoas esperam que você cumpra a promessa
as pessoas esperam que você faça o poema
as pessoas esperam que você compre a bebida

As pessoas sabem de suas teridas
as pessoas sabem de suas frestas
as pessoas sabem de suas fendas

as pessoas sabem do colt, cabo
madrepérola, 45
na gaveta
atire

CONTOS

HÓSPEDES DA CHUVA

Sandra Lyon

Que coisa, mulher. Pensei que fosse estiar hoje. Não estiou. Duas semanas atrás quando desabou aquela chuva grossa, fui lá embaixo até a margem do rio conferir o nível das águas. Chamei você para ver, você viu. Tinha subido meio metro. Pois agora deve ter de três a quatro metros a mais de água. Olhe lá. Vai chover até quando? Minha Santa Bárbara!

Uma valeta. Nem pequena, nem grande. Uma valeta no meio da rodovia, mulher. O que interessa é que a enxurrada cobriu tudo. No início a estrada era larga e os carros desviavam do atoleiro. Não sei, mas por que diabo não mandaram consertar aquilo antes? Agora você não pode imaginar o que aconteceu. O barranco desmoronou na parte livre da estrada. Veio o caminhão carregado e meteu as duas rodas dianteiras no atoleiro, patinou. Nem para diante, nem para trás. Pois acabou por tombar, estirado lá, de fora a fora na rodovia.

Aceito um café quente, sim. Mas primeiro eu tenho que tirar esta chapa de barro da sola de minha botina. Encharcou sim, mulher. Que é que eu podia fazer? Tinha que ir lá conversar com aquela gente. Fiz mal? Pois então. Fui disposto até a pedir a proteção da polícia, se preciso. Ou descarregar-lhes chumbo grosso. E tem cabimento arrombarem a cerca de arame farpado? Sei que só queriam as frutas, mas não precisavam estragar a cerca, nem apanharem as frutas que não estivessem maduras. Nem as mexericas verdes foram desprezadas. Apanharam as verdes, sim: o atoleiro está coalhado de cascas verdes, verdinhas. Um pecado.

Pense o que quiser, mulher, mas eu confesso que, de início, fiquei com pena deles. Um ônibus encalhado logo atrás do caminhão. E lotado, o ônibus. Gente cansada, faminta. Tem criança, sim. Vi um meninozinho deste tamanho assim, desenhando com o dedo no vidro embaçado do ônibus. Se tentaram fazer alguma coisa? Tentaram de tudo para desatolar o caminhão. Ainda mais um caminhão carregado: é tonelada que não acaba mais. Vão esperar socorro. Mas que socorro? se a enchente tomou conta das cidades também. Sei não, pode ser que as águas cheguem até nossa casa também. E se amanhã não fizer sol?

Vai me desculpar, mulher, mas eu me preocupei com a cerca de arame farpado. O gado pode sair na rodovia. Veja: eles perderam o medo da lama. Chuva fina, lama grossa. Alguns saíram dos carros para o meio da chuva, uns vieram sem camisa e descalços, outros de agasalho e calçados. Sim, vieram pelo atalho até a casa. Deram volta pelo quintal e entraram no pomar — não viu quando entraram no pomar? Rodearam a casa com cautela de gatos. Devem ter visto tudo fechado e acharam que não havia ninguém aqui. Ou não pensaram, quem sabe.

Veja, os desabrigados perderam a fome. Lá fora ainda purga a chuva fina, o encalhe continua. Até quando, meu Deus? Eu avisei que não lhes desse abrigo. Que não exagerasse. Vieram com as roupas colando no corpo e os cabelos escorridos: primeiro pediram e depois exigiram comida, toalhas, cobertores. Está vendo como lotaram a casa? Mulher, somos estranhos aqui. Minha paciência está por um fio.

Parece que a chuva atiça-lhes a fome. As mulheres tomaram conta da cozinha. Você foi enxotada de lá, reparou? Das panelas e caldeirões, elas fazem saltar sopas, o arroz, a carne cozida e mingaus. Sou capaz de apostar que as provisões vão dar para um ou dois dias mais. Banham-se em bacias quentes, agasalham-se e deitam-se como podem. Não sei não, mas eles estão mais vizinhos que nunca, meio parentes, quase irmãos.

Não, não vou falar nada com ninguém. Sossegue. Sim, eu já me coloquei no lugar deles. Mas, reconheça, mulher, que estou a pique de explodir. Essa chuva não vai parar nunca

mais, meu São Jerônimo! As águas sobem e vão apertando, ilhando a casa. Alguns deles esperam com raiva, outros vão afinando as mãos no baralho. Escute. Daqui dá para escutar as apostas crescendo lá na sala. O dinheiro gira de bolso em bolso. Voltará ao bolso de origem? É, a carga apodrece na carroceria do caminhão. É chuva e mais chuva.

Engraçado: estou me lembrando que no ano passado teve seca por aqui. De esturricar. Lembra-se? Ah, mas agora foi pior, sim, com tanta inundação. Pois é, a colheita está perdida mesmo. Cessou a garoa. Não há chuva, nem sol. Vou ficar lá fora plantado no barro, vigiando o sol que pode abrir. De uma hora para outra. Este é o barro que o diabo amassou, mulher.

Agora: é ou não é, o sol? Sim, amanheceu com sol de estalar mamona. O barro vai secar. Até a tarde, dá para esfrelar os torrões. Eles saíram aos bandos: são como formigas após chuva. Alguns voltaram à rodovia: desatolaram o caminhão. Uf, a estrada está livre. Aonde se meteu essa gente? Pois você não viu? No pomar, no mandiocal, nas roças de milho arrancando o que podem, carregando o que conseguem. Outros estão aqui, espalhados pela casa. Não, eles não têm pressa. Para quê? Daqui a pouco o jantar vai aquecer-lhes o estômago. Vão ficando, mulher. É assim, vão ficando. Paciência.

MEIO-DIA

Ana Maria de Almeida

O velho estúpido do armazém em frente! Ela não pode chegar à janela sem que ele venha, gordo, engomado, cheio de mesuras e tremuras. As papadas se desdobram num levantar solene de cabeça e se acumulam como pregas, quando ele se curva, num aceno. As rugas se multiplicam a pretexto de um sorriso, e ele, todo ventre, se balança cerimoniosamente. Um dente de ouro brilha no canto esquerdo da boca bondosa. Seca, a mulher responde ao cumprimento, fechando-se em copas e conchas.

Ela se afasta irritada, apertando o lencinho branco de renda nas mãos. «Final não sou tão velha assim...» Será que ele pensa que ela se sente honrada com sua mercê e admiração? Estúpido e ridículo. Hoje vestiu um terno de linho azul, ontem estava de casemira cinza. O terno até estava cheio de marcas! Com certeza o guarda para grandes ocasiões, quando quer mostrar-se elegante. E deve cheirar a naftalina. A mulher pensa no cheiro com um arquejo que a deixa meio amolecida, bamba... Deve ser o calor.

Ela ficou sabendo que ele é viúvo, não tem filhos e goza de boa reputação. Não perguntou nada, até podia parecer que ela estava interessada em donos do armazém! A D. Zezé é que é uma faladeira e dá notícias de tudo que acontece no bairro. «Sem serviço! Vive batendo pernas a tratar da vida alheia». Credo! Ela nunca apreciou conversinhas, fuxicos de portão. Não

pediu que D. Zezé informasse nada. Ele é viúvo... O coração dela bate mais apressado. Não é que se esqueceu das pílulas? Precisa torná-las regularmente, pois seu coração precisa de trato. «Quem gosta da gente é a gente mesma!» No silêncio lembra a cotovelada matreira de D. Zezé: «Você vai guardar pra terra comer?» Sem querer, ri agora da brincadeira.

E suspira. Ele é viúvo e ela não tem nada com isso. É ridículo! Se tivesse querido, bem podia ter-se casado com o Lucas, ou com o Afonso, mesmo com o Antunes, que tinha um carro amarelo e uma padaria. «Ele ficava bonito com um chapéu de lado». Chapéu de lado, meu namorado... Dá outro suspiro fundo. Que seria feito do Antunes? Nunca mais o viu desde o baile em benefício do Asilo. Mil novecentos e... Não se lembra; anda muito esquecida ultimamente. Mas não foi no tempo que se usou gasogênio porque faltou gasolina?

Poderia ter casado, mas não quis. Preferiu sua liberdade, se bem que homem é sempre segurança para uma mulher. «Nunca eu suportaria crianças rodando pela casa, sujando o chão e quebrando meus bibelôs.» Ora, está muito segura em sua casa, com sua liberdade. Com o silêncio e a largueza da cama. Pra que dividir?

Descobre com um ligeiro desgosto que sempre fala assim às amigas que vêm visitá-la. Como se tivesse de dar contas ou justificações. Laura casou com um primo e tem um filho meio doido. Ela é que nunca quisera namoros com primos; não foi o que disse ao Mário? Mário... O filho de Aurora é vesgo. Só ela o notou porque é muito observadora e se orgulha do seu bom-gosto. «Nada que é feio me agrada.» Neusa lava os ternos do marido para economizar, por isso tem as mãos tão estragadas. Como pode suportar uma coisa destas? Ela se orgulha de seus dedos alvos e de sua liberdade. «Eu tenho minha liberdade.» Está contente, não está?

Volta sem perceber à janela. Não pode deixar de corresponder ao outro cumprimento do velho. Afinal sempre foi uma

senhorita educada, de fino trato, prendada, educada em ótimos colégios. «A senhorinha Martins é um cromó», ela ouviu o vigário dizer um dia ao presidente dos vicentinos. Ninguém nunca poderia erguer uma palha contra o seu procedimento. Moça de família.

D. Zezé tinha piscado os olhos maliciosamente «Ele é viúvo, hem?» . A gente passa por cada vexame! O velho se curva até quase os calcanhares, e ela tem um risinho nervoso, imaginando que ele pode perder o equilíbrio e cair na calçada. Parece um ridículo boneco de molas.

Volta-se depressa e começa a ajeitar maquinalmente os enfeites sobre os móveis. Se tivesse querido... Ora! Espana nervosa a poeira dos móveis e o espelho. O espelho. O espelho. «Antigamente tinha uma pele rosada. Nunca precisei de ruge nem de batom.» Lembra-se do creme contra rugas. Não estava precisando, aliás nunca tinha pensado antes que precisasse de cremes contra rugas. A oferta, porém, fora boa, e ela não quisera perdê-la: um abatimento de trezentos cruzeiros na compra de dois potes. «Gosto de pechinchas!» Também não faz mal prevenir. Os reclames diziam que o creme era bom. Por que não comprou também o verniz para unhas?

As cortinas das janelas precisam ser lavadas porque o Natal se aproxima e seus irmãos e cunhadas virão religiosamente para a ceia. Precisa lavá-las, pôr um bocadinho de anil e depois engomar.

A rua está silenciosa sob o sol, as casas fechadas. Só o velho do armazém em frente fiscaliza o ar parado. Será que passará o dia inteiro à porta do armazém? Ridículo! Certamente pensará que ela está a observá-lo por trás das cortinas. Agita-as com veemência para mostrar que está trabalhando e encontra um olhar longo como o sol lá fora...

Recosta-se no sofá para dormir um pouco. Tem ficado sonolenta também, e seu coração bate descompassado. Precisa consultar o médico de novo, embora não goste das brincadeiras

dele. «Isso é falta de amor, D. Luci. Falta de cobertor de orelhas!» Recosta-se e fica ouvindo o zumbido de algumas moscas sobre a fruteira. São poucas mas podem aumentar, são umas pestes no calor! Ela bem poderia ir ao armazém e comprar um inseticida... «Não há mal nenhum em que eu vá lá comprar um inseticida». Entretanto ela está sonolenta, e a D. Zezé pode ir bisbilhotar — todas as vezes que sai, encontra-se com ela. Depois seu coração fica mais apressado só de pensar em ir ao armazém. Depois do que D. Zezé contou, pode pensar que ela está interessada, entusiasmada como uma menina! «Olha, D. Luci, o seu Alberto do armazém disse que a senhora tem uma bela estampa». Faladeira! Agora não pode sair, não deve. Só quer sonhar um pouco como faz desde seus tempos de menina. Imagina amores loucos, ai, desses que não acontecem mais, ela sempre jovem, apertada em abraços apaixonados. Gosta mais das cenas de despedida, com lágrimas e juras, ou de encontros inesperados e ardentes. «Meu amor, dez minutos sem ti são o inferno.» «Temos toda a vida pela frente.» «Amar-te-ei até a morte.» «Somente a morte poderá separar-nos.» «Tenho que partir». «Que tortura...» «Vai, não olha para trás». «Sempre em ti». «Teu». «Tua». «Ai ele me pegou nos braços e lamentou ficar dois longos dias, longe de mim». Agita-se trêmula entre braços fortes. Antigamente esses sonhos não tinham rosto: eram apenas braços e nomes fortes: Segismundo, Dagoberto, Godofredo. Nomes de homens rijos, desempenados. Louros, violentos e sérios. Ui! Que não existem mais. Hoje está tão difícil pensar neles...

«Seria tão bom encontrar alguém como ele, ai, ai!» Alberto. Alberto é um nome bonito, e, na sonolência, ela se vê com um Alberto velho, de dente de ouro... Ridículo! — Quando for confessar-se terá vergonha. Antes era mais fácil. Dizia simplesmente ao vigário, cochichando nervosa e rápida, para que o padre não ouvisse direito — «Tive maus pensamentos e gostei deles...» O padre costuma ser curioso, pergunta o que sentiu... Sente-se afoguada, úmida, só de pensar.



Ru'bi'a

Agora há a cara vermelha do senhor Alberto que sua sob o sol numa expectativa persistente. Levanta-se ofendida. Ou não? E se o velho for apenas educado? Pode ser apenas isso, entretanto essa idéia a ofende mais ainda, ela descobre. Volta novamente à janela querendo experimentar outra vez o aperto do coração à espera de algo diferente.

Seu Alberto estava de costa, curvado sobre um caixote de sabão mas pareceu sentir o olhar cheio de espanto e atordoamento atravessando a rua até ele. Olham-se. O sol brilha em seus sorrisos tímidos, meio esperançosos. Meio-dia. Seu Alberto está com a gravata nova de listas vermelhas, e ela usa o melhor vestido: preto, com golinha de croché.

POR TANTOS SÉCULOS QUE O AMOR RESULTOU INSOLÚVEL

Danilo Gomes

«Tudo em ti era uma ausência que se demorava:
uma despedida pronta a cumprir-se.»

(Cecília Meireles)

Lembram-se de Ângela Manarim ?

Aquela que morava na Rua Uruguai, aquela que tinha um tio apoplético, que morria quase todas as noites. No dia em que fomos ao Cine Jacques ver «O Fim de Simone Saint-Cyr» deixou-se beijar pela primeira vez — sempre teria na boca aquele gosto de hortelã. Gostava de Chico Buarque. Usava baton com cores de nostalgia. Fomos a Ouro Preto, dormimos em Diamantina, jantamos sete vezes no Bar do Quincas, por causa daquela insuperável dobradinha com feijão branco e vinho tinto. Curtia sempre uma fossa imensurável por não sei o quê (quando resolvia me dizer estávamos sempre mais ou menos bêbados). Usava muito uma bolsa dessas da moda, pintada com margaridas. Tinha olhos azuis como os céus de Botticelli, conversava com borboletas e tinha todos os discos de Herb Alpert. Adorava revistas de **underground**, vivia sonhando com um sábado de sol e piquenique num prado verde. Entre crianças, alegre como um balão colorido, mas à noite era aquela fossa abissal, aquele procurar não sei o quê não sei onde. Me achava «um sujeito legal», muito «paz e amor», como se eu tivesse apenas 20 anos e não o dobro. Às vezes usava roupa de índia apache e outras vezes um cabelo **black-power** que não lhe ficava mal — parecia

a Jane Fonda de certas fotografias. Muito franca, muito avançada. Se lesse Kierkegaard, não me surpreenderia. Um dia me disse que se tivesse de se casar, talvez se casasse comigo — e ria misteriosamente, com seus dentes perfeitos e seu ar de quem pode estar brincando ou falando sério — talvez estivesse dizendo a verdade.

Mas não era Ângela Manarim quem eu queria.

Lembram-se de Rita Aires ?

Aquela ruiva de olhos verdes, meio estrábica, aquela que estudava Arquitetura. Uma decoradora que se poderia dizer de «fino gosto», se «fino gosto» ainda fosse uma expressão aceita com dignidade nos dias que correm. Pois era uma moça assim: sabia adequar um Inimá a uma parede, um J.B. Miranda a outro ambiente puxado ao colonial; sabia que estatueta ficaria bem numa biblioteca: se de Dom Quixote com sua lança de investir moinhos ou se de um cavalo negro com patas dianteiras suspensas de espanto.

Nunca seria uma arquiteta de projetar casas, mas tinha um senso especial para decoração de interiores: o pilão num certo ponto, os crisântemos artificiais numa certa mesa, um vaso inca numa sala alegre, o indicado papel de paredes com motivos marinhos — veleiros, conchas, lemes, bússolas, o **mappa-mundi** renascentista.

Foi no sítio de seu avô que descobri que me amava — à beira de uma lagoa, fingindo pescar. Mas no fundo me queria como um objeto decorativo em seu coração de decoradora, talvez porque naquele tempo eu usasse um bigode mafioso e ela sempre gostou de canções italianas. Na verdade, um dia me disse, à saída de uma lanchonete na Rua Espírito Santo: «Esse seu bigode mafioso está muito bacana, fica bem num ambiente de nostalgia, numa sala de 1927, por exemplo». Muitas vezes nos encontramos. Tinha um olho de cetim verde, um olho brilhante como espelho e aquele leve estrabismo que ficava bem na decoração de seu rosto. Morava numa casa com alpendre no Bairro da Floresta e me dava beliscões sempre que eu olhava para outra mulher — era uma ciumenta de marca maior.

Mas não era Rita Aires quem eu queria.

Lembram-se de Marta Celeste ?

Aquela que tocava piano, uma moça de romance antigo, criada com a avó que a obrigava a estudar francês, ser muito recatada e usar chapéu nas grandes solenidades, até que o chapéu ficasse de uma vez por todas, infelizmente, fora de moda como as anáguas e os gramofones. Estudou em colégio de freiras, gostava de teatro e cantigas de ciranda e ia a todos os velórios com a avó. Nunca um beijo, nunca uma confidência de fim de noite. O que a salvava era aquele ar de princesa prisioneira, de donzela encarcerada, de pianista de chuvosas tardes entre cortinas antigas de tafetá, tocando Ravel e Eduardo Souto, Chopin e Debussy. A sala da avó tinha castiçais de prata, toalhas de renda e até porta-casacos, imaginem só, porta-casacos, como se algum Barão do Império fosse de repente chegar («Boa noite, Senhor Barão, vamos entrar, Senhor Barão!») e pendurar ali o seu solene casaco para uma noite de minuetes e sisudas conversas sobre o Gabinete Saraiva, a Questão dos Bispos ou a Lei do Ventre Livre. Marta Celeste: sempre que insinuava me amar, ficava vermelha como um morango — uma doçura de contemplar, só faltava colocar *chantilly* em cima e comer.

Está bem, está bem, não nego que gostava daquela figura de daguerreótipo, daquele rosto de porcelana de Sèvres, daquele ar de moça antiga esperando o tilburi para o baile, daquele jeito de dama com leque e rosa, parada em 1882. Está bem, não nego.

Mas não era Marta Celeste quem eu queria.

Lembram-se de Elvira Sena Bernardes ?

Aquela que conheci em Pouso Alegre, em 1972, aquela que estava escrevendo um ensaio sobre Lamartine. Tinha a boca de Leslie Caron, uma bela boca de carambola — lembram-se da boca de Leslie Caron ? Era intelectual, mas não usava óculos, não tinha espinhas no rosto, nem andava com qualquer livro de literatura debaixo do braço — nunca a encontrei numa biblioteca. Usava uma figa de Guiné no pescoço e um pequeno pato de plástico na bolsa, pois uma cigana velha uma vez lhe disse que lhe dariam sorte — e acreditava em certas ciganas velhas. Seu signo era Gêmeos, sua cor o rubi, seu dia de sorte a quarta-feira, seu número o 6, seu ambiente a planície, seu astro Sa-

turno. Era muito discreta, até para amar: muito sóbria, nenhum suspiro, nem mesmo no dia em que, bem, mas isso não vem ao caso. Para dizer que me amava, levou mais de dois meses de encontros constantes. Tinha um irmão que estudava química industrial na Alemanha e lhe mandava cartões postais todos os meses (quando voltasse, seria aqui o que se pode chamar um «mestre cervejeiro», à falta de melhor denominação em nossa língua). Quando a deixei, estava focalizando o Lamartine político e já tinha umas 20 folhas datilografadas. Foi um amor de ano e meio. Uma moça muito sóbria, muito interessante (tudo começou porque gostava de colecionar selos, como eu, e um dia lhe dei um raro, de Gibraltar, em casa de um amigo comum). Poderia escrever um livro sobre ela. Talvez desse certo nosso caso, às vezes penso que se a gente, bem, mas, na verdade, não era Elvira Sena Bernardes quem eu queria.

Lembram-se de Lia Liandra ?

Sim, Lia Liandra, aquela que morava num pensionato de Irmãs Concepcionistas. Sim, aquela que só usava esmalte vermelho e tinha um Corcel azul. Quantas vezes ficávamos sentados naqueles bancos da Praça Vereador Jordão, que agora foram retirados. Havia luas e um perfume de flores que a penumbra escondia. Era uma praça sossegada, até aos sábados. Foi um caso que começou em janeiro e terminou no outro janeiro. Foi no Dia de Reis que tudo acabou — ou antes, na Noite de Reis. O noivo, que morava em São Paulo, e que deveria voltar no dia 6 de manhã, resolveu ficar mais uma noite e, chegando no seu Maverick amarelo... não pude fazer nada, na verdade não ia mesmo dar certo. Naquela noite estávamos saindo da porta do Pensionato das Irmãs Concepcionistas e ela só teve tempo de se certificar da placa e dizer um «oh!» tão assustado que pensei que fosse desmaiar. Não ia mesmo dar certo, nem chegaria ao Carnaval. Na verdade, não era Lia Liandra quem eu queria.

Lembram-se de uma mulher como um domingo de manhã ?

Aquela que nunca me viu. Aquela que devia ter uma boca de deusa celta ou princesa dos visigodos. Aquela que devia ter os olhos cor de malva clara. Aquela que como flutuava, quando andava no parque domingo de manhã, com um

vestido branco vaporoso, um chapéu branco, grande e leve e um buquê de margaridas, como nos filmes. Aquela cujo rosto só vislumbrei uma vez, de perfil, virando a alameda de acácias. Aquela que nunca me viu e certamente nunca verá. Aquela que deve ter-se casado pouco tempo depois com um engenheiro rodoviário que a levou para a Transamazônica. Aquela que hoje já deve ter dois filhos pequenos e três quilos a mais e um certo ar de cansaço. Aquela que nunca mais verei.

Mas não era, ainda, aquela mulher como um domingo de manhã quem eu queria.

Queria a mulher cujo nome está escrito ao lado do meu no nosso Livro dos Destinos, que uma sacerdotisa romana guardou num templo silencioso de um horto cheio de sombras, onde ficou por tantos séculos que as letras se embaralharam e o amor resultou insolúvel. Aquela que tinha uns olhos de pedra rara quando o sol bate às três da tarde ou uma lâmpada incide às nove da noite. Aquela que uma noite ficou de repente tão misteriosamente pensativa, me olhando, surpresa, no fundo dos olhos, como se também descobrisse que as letras se embaralharam no nosso livro dos Destinos e o amor resultara insolúvel.

Sim, aquela que tinha a Chave e não pôde usá-la. Sim, aquela que, sendo a Linha Paralela, se desencontrara da outra, ludibriada pelo descontrolo dos ponteiros do Relógio do Tempo. Aquela que era em potencial a Glosa do Mote, o último terceto do soneto perfeito, o bálsamo da chaga sempre aberta. Sim, aquela que uma noite encontrei numa tardia esquina e na mesma tardia esquina perdi, como se perde um trem que nunca mais torna a passar.

DE NOITE

Maria do Carmo Brandão

— Paiê ! Paiê ! A onça !

O pai saltou da cama, entrou correndo no quarto do menino, acendeu a luz.

— Paiê, a onça. Tira a onça daqui !

— Tem onça não, filho. Tem não. Você está sonhando.

— Tem sim, pai. Tira ela.

Ele afagou os cabelos e o rosto do menino.

— Dorme, filho. É sonho.

— Sonho não, pai. Ela 'tá aí.

O pai deu umas voltas pelo quarto, pisando forte.

— Tem nada não, filho. Vamos dormir.

— Pai, tira a onça — o menino querendo chorar.

— Onde é que ela está ?

— Na parte do meio do armário, onde tem o espelho.

O pai olhou para os olhos do filho.

— Como é que ela é ?

— Igual toda onça, pai. Amarela com pinta preta. Se ocê demorar, já já dá o bote.

— E, — o pai se assentou no pé da cama — agora estou vendo ela. Não é onça não, filho, é uma jaguatirica. Pouquinho maior do que o gato que a vovó tinha. O Veludo. Você lembra dele ? Parece mansinha, não está com jeito que vai dar bote nenhum. E as pintas dela são tão miudinhas que até parece que foram feitas com aquele pincel fininho da mamãe pintar vasos.

O menino moveu os lábios num sorriso leve.

— Conta mais, pai. E a boca? E os dentes são pontudos?

— Acho que são, filho. Não posso ver porque ela está com a boca fechada. Mas eu é que não boto a mão perto. As patas eu estou vendo. Têm cada unha pontuda. Eu acho que essa jaguatirica veio de um lugar que tem muitas árvores. O corpo dela está todo arranhado.

— Pai, 'ocê gosta de onça?

— Gosto, filho. Gosto de onça, de jaguatirica, de leão, de tigre. Só não gosto é de cobra, de escorpião, de aranha. Os outros bichos, se a gente quiser, até fica amigo deles.

— E mesmo. Ô pai, 'ocê lembra daquele filme da leoa que chamava Elza? Que nós assistimos duas vezes na televisão?

— Lembro.

— Que a leoa acabou ficando mansinha?

— Pois é.

— Foi uma fita bacana, hem? — o menino disse, abrindo mais os olhos e sorrindo.

O pai afagou outra vez os cabelos e o rosto do filho e beijou-o.

— Agora dorme. A jaguatirica já foi embora.

O menino continuou sorrindo e de olhos abertos.

— Pai, foi tudo sonho meu, né? — ele disse.

— Foi, sim. Agora dorme.

O pai caminhou até a porta. Parou, voltou-se, ficou olhando para os olhos abertos do filho.

— 'Você já apagou a luz, pai? — o menino perguntou.

O pai apertou bem devagarinho o botão do comutador.

— Já, sim, filhote. Deus te abençõe.

DE GORDURA E MAGREZA

Eunice Dutra Galery

Carlota foi sempre gorda. Bebê roliço, cheio de dobrinhas, criança obesa, adolescente lutando contra a gula, levando a pior, perdendo sempre a batalha diante de um bolo de chocolate, um doce em calda ou uma bela macarronada. Engordava sempre, desistiu de lutar, aboliu os regimes, tornou-se a gorda simpática, alegre, sacudindo as banhas em risadas estrondosas. Aos vinte e oito anos, veleidades de casamento esquecidas, era um monumento de gordura: nada lhe faltava, nem a dupla papada, nem os seios enormes, os pneumáticos na barriga, as coxas a descerem pelos joelhos, os braços de mortadela. Já quase não saía, debruçando-se na janela para ver o movimento da rua, enquanto mastigava interminavelmente. E quando saía, era um espetáculo digno de se ver: o corpanzil, que já não se preocupava em apertar em cintas, estourando as costuras das roupas, estava sempre mais gorda que da última vez, equilibrando-se precariamente em saltos altos. Lembrava uma porquinha de enormes pernis e pés pequenos. Porque Carlota tinha pés delicados, bem feitos, pequeninos, sua única vaidade. Quando voltava para casa, seu primeiro cuidado era para com eles: lavava-os cuidadosamente, massageava-os com creme, tornava a enxaguá-los em água morna, enxugava-os delicadamente, passava-lhes talco e enfiava-os em macios chinelos acolchoados, tudo com enorme sacrifício, pois não lhe era fácil atingir os próprios pés, dela separados por uma barreira montanhosa de gordura.

Num espaço de dois anos, morreu-lhe o pai, depois a mãe. Com o desgosto, Carlota comia ainda mais. Era um constante

mastigar, um mastigar sem descanso, pantagruélico, alucinante. A renda que lhe deixaram os pais era quase inteira consumida pelo enorme aparelho de digerir. Carlota se debruçava na janela e mastigava. Tratava dos pés e mastigava. Olhava as novelas na televisão, fazia tricô e mastigava. Do hábito de se debruçar à janela, vieram-lhe duas conseqüências: criou calosidades nos cotovelos e reparou num senhor, já nem tão jovem, que pontualmente passava em frente a sua casa, dirigindo-se a alguma repartição ou escritório. Era pequenino e magro, magreza ascética, meticulosa. Em passar todos os dias à mesma hora, acabaram por se cumprimentar, Carlota da janela, ele no passeio. Depois, ligeira parada para prosa de um dedo. E o hábito de passar mais cedo, para espichar o dedo. Um dia, o convite para entrar, a televisão meio esquecida, o recíproco descobrimento, afinidades que pareciam impossíveis, o amor enfim.

Um belo dia, Carlota, surpresa ainda e emocionada, se viu na Igreja, a casar com Alfredo, acontecimento testemunhado pelo bando de amigos e vizinhos, que não acreditavam no que viam.

Meses se passaram, de felicidade total. Alfredo era carinhoso e desvelado, trazia caixas de bombons que Carlota devorava num piscar de olhos e engordava um pouco mais. Só um pequenino senão perturbava sua total felicidade: nas raras vezes em que saíam, havia cotoveladas e caras de riso quando passavam, tão desproporcionado era o casal.

Um dia, Alfredo chegou em casa preocupado: a firma onde trabalhava queria enviá-lo para o estrangeiro, fazer um curso de especialização, coisa importante para sua carreira. Mas os recursos não eram suficientes para levar a esposa. Ficariam quase seis meses separados. Carlota ficou chorosa e à altura da situação: animou o marido, estimulou-o, preparou-lhe as roupas com o mesmo desvelo com que tratava dos próprios pés, levou-o ao aeroporto e ficou a dar-lhe adeus até que o avião levantou vôo. Do aeroporto, foi direto para a clínica de emagrecimento, projeto que acariciava há algum tempo. Em regime de internato, sofrendo as torturas do inferno, dia a dia foi conseguindo dissolver as banhas acumuladas em anos de comilância. Sua determinação surpreendia os médicos e massagistas, os

professores de ginástica e os fisioterapeutas. No fim de seis meses, véspera de Alfredo voltar, Carlota emergiu da clínica: criara asas, tão leve parecia. O rosto voltara a ter contornos precisos, o corpo era elegante, já não mais em desacordo com a delicadeza dos pés. Comprou roupas novas, penteou-se no cabeleireiro, pintou-se com capricho e foi para o aeroporto esperar Alfredo, com o coração aos pulos.

Novo Jonas, Alfredo saiu da barriga do avião: procurou Carlota, não a reconheceu na mulher esguia que correu a seu encontro. Desconcerto total, Alfredo não acreditava no que via: era mesmo Carlota? Entraram no táxi; enquanto a mulher contava a epopéia do emagrecimento, enriquecida com todos os detalhes, o marido apenas sorria, embaraçado.

Nos dias seguintes, ainda preso aos velhos hábitos, Alfredo trazia caixas de bombons que Carlota, com surpreendente força de vontade, agradecia sorrindo e guardava no armário, reservando-os para oferecer às visitas. Algum tempo se passou, Carlota não engordava uma grama. Elegante, bem disposta, perfumada, esperava o marido voltar do trabalho, com um sorriso nos lábios e um carinho especial. E quando saíam, agora mais freqüentemente, ninguém mais se ria deles: antes olhavam Carlota com olhos cobiçosos, Alfredo, invejosos.

Uma noite, Alfredo não voltou. Passou-se a hora costumeira, mais uma, outra. Carlota, louca de preocupação, telefonava para o escritório, Alfredo saíra à hora habitual; aos amigos, não, Alfredo não estava lá; à polícia, nenhum acidente registrado; ao necrotério, não, ninguém com esse nome; aos hospitais, nada. Alfredo sumira. Desaparecera sem deixar pista.

Carlota, a elegante, consolada pelos amigos, amparada pelos vizinhos, foi amnésia, ataque de loucura, sabe-lá-o-quê?, teve notícia de Alfredo num bairro distante, vivendo numa casinha miserável, ao lado de uma prostituta gorda, gordíssima.



Beia

Â N I M A *

Ângela Cançado L. Resende

«... Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar...»

Clarice Lispector

Em

A HORA DA ESTRELA

O mar, na curva da enseada do Flamengo, era a mesma chapa cinza e espelhada de vinte anos atrás. Procurou-o, através do vidro do carro que fazia a curva docemente como se viesse de um outro mundo.

Esperara um mar tão febril como a sua adolescência e espantara-se com aquele silêncio de coisa imóvel que só acreditava haver em Minas. As gravuras que vira nas revistas do Rio, lidas a medo, revelavam um brilho desconhecido e poderoso. Onde se escondera aquela luz exótica a cobrir tudo — película de sonho — carícia batendo leve na pele fria?

O carro abria a curva, e, devagar, a chapa de aço do mar se mostrou à sua frente. Como há vinte anos, a toalha das águas. Sentiu então a verdade do que pressentira naquele primeiro encontro, mas que teimara em não acreditar. O mar escondera o seu esplendor, para assemelhar-se a ela — nem que fosse só por um instante a ajustar-se a ela — como num ato de amor. Sua vida seria assim. Sempre o desejo de uma luz mais forte,

* Premiado no concurso de contos da Academia Municipalista de Letras/Minascaixa, em 1978.

a nostalgia de um país desconhecido, a saudade de um não sei quê feliz e intacto. Fechou os olhos, cansada. Naquela época, não se desesperara com a reticência das águas, oceano entre ela mesma e o sonho remoto de calor e perfeição. Havia tempo, podia esperar. Mas, agora, o aviso repetido possuía uma ameaça velada como o mar à sua volta. O tempo da procura estava por findar. E o mar, sendo ainda o mesmo, já não o era. Dera voltas como o redondo de um relógio por fora, tão diverso do de dentro...

Reviu, na lembrança, o corpo dourado das moças da revista, as pequenas gotas unidas na pele macia das adolescentes correndo pela praia. Fechou as mãos e o ranger da areia tocou seus dedos como se por um instante pudesse ter possuído a juventude do Rio, o dilacerante Rio. Mas não. Sabia sempre que fora diferente. Lembrou-se de um começo de poema. «A moça que mora em frente é uma moça diferente, não olha para ninguém...» Sorriu. Como ser como as outras, as deusas deitadas na areia, brilhando um brilho novo de verniz? As coisas para ela haviam sido difíceis, quase sempre. Não passavam como água em cima de pedra. Doíam muito. Lembrava-se das anotações em francês que deixava pelos livros do ginásio e que a espantavam, ainda hoje, pela tristeza longínqua de algum poeta de um outro mundo, que nunca vira, nunca soubera, mas que repetia sem saber.

De onde viera? Nem fisicamente se parecia com os pais. E, no entanto, era filha deles, pertencia ao mesmo fatal sofrimento que havia neles. Sentia nas entranhas uma pedra voraz e imóvel propondo enigmas. O que é a felicidade? Olhava para o mar agora e, como há vinte anos, o mar não lhe respondia, velando-se, velando-se sempre. Minas ficava longe.

Uma vez, uma colega lhe dissera — você é lânguida. Foi ao dicionário. Talvez aquilo fosse uma das chaves para se descobrir, ela que perseguia a alegria nas páginas coloridas das revistas e gostaria de escrever cartas para os cronistas da cidade do Rio; aqueles que exaltavam a beleza do mar e do sol, tornar-se a sua musa, encantá-los com seu espírito e através deles, quem sabe, estampadas as palavras ao lado das fotos luminosas, pos-

suir um pouco daquele mágico segredo que pressentia na província. Lera uma vez que as almas superiores, quando solitárias, escrevem aos grandes homens. E se imaginava construindo frases tristes, que chegariam ao apartamento iluminado de algum cronista que diria devagar :

— «Eis a mulher linda e inteligente que eu deveria ter amado...»

O dicionário respondeu-lhe gravemente. A palavra lânguida ainda a punha mais longe da festa das praias e do amor selvagem que desejava. Já a percebiam distante, vinda de um país desfeito e frio, que se desmanchava devagar. Nenhum verniz pegava mais.

Os pneus do carro rangeram e ela abriu os olhos. Como podia sentir frio, agora que voltava, vinte anos depois, ao mundo do sol, ao lugar onde estava ainda o seu segredo, à espera como uma esmeralda encravada na terra quente? Teve pena de si mesma, mas reagiu. Isso não era bom. O tempo que lhe fora concedido corria. Afastar os maus presságios era parte importante da busca. Essa busca que a curvara um pouco e lhe dera uma beleza torta e equívoca, de quem já procurou no alto e, agora, se volta para baixo, sabendo que nas areias, nas areias da praia, ínfima e mínima como o menor dos grãosinhos desfeitos na palma da mão fina e fria, é que estava a resposta... Doía, todo o seu corpo doía da busca que já demorava tanto.

Mas as mulheres do Rio eram mulheres de Gauguin e haveria hibiscos vermelhos pela beira-mar. Eles se fechariam à noite, mas não importava. Quando o sol começasse a clarear e no horizonte da praia, entre o rolar cinza do mar e a esperança se levantasse, de novo, o corpo doce de uma mulher jovem do Rio, ela poderia recomeçar. Novos hibiscos brotariam, selvagens como os quadros que amava. E se misturariam cores, folhagens, pistilos agressivos, suavizados por uma coroa aberta de pequenos estames amarelos.

O carro parou, devagar, em frente a um prédio cinza, como todos os prédios cinzas de Copacabana. A boca escura e fresca da entrada do edifício lembrou-lhe a caverna onde se esqueceria da busca. Recuou. Precisava do mar. Dele dependia

a sua resposta, a palavra final, para que pudesse descansar, repousada no entendimento de tudo. Mas o marido queria o descanso do apartamento, queria colocar as coisas em ordem, as coisas que jaziam desordenadas. Há vinte anos. Seguia-o, olhando para trás como a mulher que virara sal, mas não havia lágrimas no seu rosto, ainda.

O apartamento foi um choque. A janela do quarto dava para o paredão cheio de janelas do bloco da frente. Entre ela e eles, os vizinhos que enchiam o ar de ruídos, apenas um fino corredor que acabava lá em cima num quadrado estreito do céu. Um cheiro de feijão cozido e um rádio ligado alto a espantaram. Então, ali, no país de sua busca, havia pessoas que não se importavam com isso? Como seriam as pessoas que estando lá, cozinhavam feijão e ouviam rádio? Então era isso! O tempo que findava era só dela. Era a condenada a achar entre as areias da praia o seu segredo perdido.

Abriu e fechou armários mofados, a cozinha sem uso, a geladeira ocupando a pequena sala como um monstro desnecessário, para ela que viera do frio. Olhou para os lados, desamparada. O segredo não poderia estar ali naquele lugar feio e escuro. Deveria ser livre como o ar. E o ar faltava naquele buraco sujo. O barulho do elevador, batendo contra a laje do último andar, lembrava-lhe a urgência de sair, de fugir para a claridade. A revelação a esperava, a cidade, as praias, tudo a chamava como pequeninos guizos de prata, espalhados num cordão invisível sobre o céu da cidade. Mas o marido não tinha pressa. Aprontava-se, calmamente, para almoçar fora, em algum lugar, longe daquela cozinha de anões. Apressou-o, inventando uma fome imaginária e súbita que o assustou. Sabia que lá fora, enquanto ele corresse os olhos pelos restaurantes, pelos cardápios, pelos garçons, ela percorreria o ar carregado de presságios. Com a urgência de uma condenada que sente seu tempo prestes a terminar.

O marido escolheu um restaurante espanhol, à beira-mar, aberto à amplidão da luz praiana, que se espalhava pelas mesas, pelas cadeiras, pelos posters de espanholas, as mais coloridas mulheres do mundo. Sentiu-se quase feliz. Pediu «Lula Valpa-

raiso». Queria sentir o gosto acre dos mariscos lembrando-lhe coisas desconhecidas, perfumes de outras terras. Beberam também uma sangria, que se derramava em gotas frias do lado de fora da jarra, sobre a toalha branca. O restaurante estava vazio. Poucas pessoas, o maitre os deixava a sós, no canto da mesa contra a parede. O marido olhava a comida, ela começava a sentir uma espécie de espanto e tontura obscuros que vinham do céu, das ondas se debatendo lá na praia, da luz envolvente como um manto cálido. Era um quebranto, um rolar pesado de espumas.

Aos poucos, entravam no restaurante alguns fregueses — uma senhora só, amigos e um bando alegre e unido de três marinhos franceses. Eram jovens, também eles estavam um pouco zonzos com aquele ar novo e claro. Devia ser liberdade, pensou ela, a liberdade que perdera. Sentiu, de súbito, que já a havia perdido há muito tempo. Os vinte anos agora lhe pesavam como uma garra apertada. Como pudera entregá-la, em troca de uma busca sem esperança? Sentia-se mesquinha, tolhida, presa para sempre. Contemplava o mundo pela última vez, depois a recolheriam de novo e ainda diriam — viu, como o Rio é lindo? Meu Deus, ela sabia o que havia deixado, perdido para nunca mais. Vinha-lhe, de algum lugar de dentro dela, uma vontade selvagem de gritar, de chorar, de se rebelar, sair correndo. Talvez ainda fosse tempo.

Não era mais.

Olhou sua escura túnica preta, asceticamente amarrada com um nó, passou as mãos pelo pescoço despojado e imaginou de quantas ausentes vestes diáfanas, de quantos brilhos e pedrarias enroscados pelos cabelos louros e pelo colo fora roubada. Imaginou os perfumes que teria derramado no corpo amoroso e o brilho esquivo de um olhar de lado, sutil e fatal. Os marinheiros tinham cheiro de sal, eram elásticos e falavam rápido, num barulho musical que saltitava alegremente como minúsculas campainhas de fogo. Não era chuva, eram estilhaços brilhantes caindo do alto, de muito alta. Traziam o desafio dos ventos, do espaço, da Grécia. O marido lhe disse:

— «O que dizem eles? Você fala francês tão bem...»

Recuou horrorizada. Conversar com eles? Como poderia? Não identificara ainda uma só palavra naquele mágico borburinho dos marinheiros. O marido não compreendia. Ela sim. Meu Deus, era tão cansativo compreender sempre tudo! Não entendia aquela língua. Era o sopro da liberdade, vindo num rastro pelo Atlântico afora, rápido e desembaraçado como um astro de espuma. Ela não, ela só sabia de meandros, contornos, traços apagados pelas lágrimas em velhos livros que diziam as palavras de poetas loucos e distantes. Nada parecido com esses jovens brancos e vermelhos — um pouco de azul também, por que não que agora cantavam alguma coisa bem alegre, também eles tocados pela sangria, que depois de desfeita no céu da boca era quente, quente como o olhar do jovem marinheiro que a descobrira, encolhida como uma viúva-negra no seu canto.

Não havia dúvida. Queria chorar, chorar alto, ali mesmo naquele restaurante sem nome, sem ter vergonha nem pejo de sua tristeza. Ia chorar, já estava chorando, os garçons fingiam não ver, o marinheiro jovem não via, o marido não via, mas ela chorava, chorava como nunca se julgara capaz. Queria se esvaizar, queria unir seus olhos e a beira-mar num rio de sal e sair nadando, livre, livre. Mas não podia. O segredo ainda não era seu. Pediu socorro ao marido que, afinal, vira suas lágrimas e lhe diria baixinho:

— Você bebeu muita sangria, vamos, vamos!

Saíram. Olhava para baixo e via os meandros dos desenhos da calçada, curvando-se, desencurvando-se, enovelando, desenovelando-se, enrodilhando, desenrodilhando-se. Imaginou-se seguindo-os até o começo dos traços. Poderia, quem sabe, terminar lá onde estava o segredo, se os seguisse. Mas ainda não era a hora. Para quem esperara vinte anos...

Chegaram de volta ao apartamento. Teve ódio do prédio, do ar que escorregava das lixeiras para os corredores sombrios. O marido, esse não tinha ódio de nada, deitou-se apenas na cama, de qualquer jeito, era um homem feliz. Queria este homem feliz, mas aquela cama, aquele apartamento sem beleza... Estava presa e nada podia fazer, senão chorar. E recomeçaram os soluços, longos, duros, sofridos, sem vergonha de ninguém.

O marido era parte dela. Queria amá-la, agora. Nunca haviam feito amor debaixo de lágrimas. Seria bom amar e chorar, chorar e amar, as duas coisas se parecendo, se misturando, colando-se no seu corpo e no do marido. O sentimento da viuvez negra colheu-a, porém, num amaranhado complicado. Ainda não era a hora.

À noite, retornou o problema. Sair daquele buraco a que as lágrimas haviam emprestado um pouco de magia, mas que era o que era. Uma quitinete, onde de madrugada correriam baratas pelas coisas. Délia Manãra ali fazia seus coriáceos bombons, tão à vontade como a Circe de Cortázar, em Buenos Aires... Correram para fora. O marido, agora, parecia acompanhá-la na fuga e chegaram depressa à rua iluminada, aos passantes enfeitados como havaianos.

O mar estava lá, nenhum paredão o faria desaparecer. Voaram, voaram num táxi maluco, que só ela sabia ser uma nau de descoberta. Desceram em frente ao Canecão. Como poderiam ter descido numa praia deserta de um país desconhecido. Eram navegantes e descobriam coisas. Primeiro a multidão. Todas as mesas apinhadas de gente. Meu Deus, como era bom gente! Tinham olhos, bocas, roupas e eram coloridos como os da revista.

O show era de Roberto — além do horizonte — Carlos.

O mar de luz sobre a multidão escureceu e o brilho de um spot incendiou-se sobre um homem jovem, montado num carro de verdade, no meio do palco alto, olhando de cima para todos. Estranho. Já ouvira Roberto — uma lágrima rolou no meu rosto — Carlos. Mas agora era diferente. Olhava para os cabelos encaracolados, para os enfeites de prata pendurados no pescoço do cantor e sentia que ele era um dos que possuíam o segredo da liberdade, dessa liberdade mágica como uma dádiva — que ela procurava em todo o lugar, os olhos ardendo já da busca de vinte anos. Por que um desses, sentado num calhambeque, num meio de palco, natural e simples, possuía assim de graça, como uma benção, o que pedia há vinte, sofrendo em silêncio, se amargurando, sentindo fogo nas veias e na garganta seca? Ele não. Sua garganta era doce como a do pássaro da juventude.

E dizia coisas tão simples, que a poderiam ter feito rir, mas que hoje, agora que sabia que ele possuía o seu segredo, a faziam chorar. Sentiu-se novamente uma triste viúva-negra. E só queria olhar, olhar para esse macio homem jovem, que do alto do palco do Canecão hipnotizava a todos. O peito entreaberto da camisa mostrava uma garganta ágil e dela saíam palavras simples que tocavam. As coisas simples, uma vida a dois, crianças.

Mas era mais que isso. A garganta do cantor curvava-se para trás, o corpo também era flexível, o ritmo não era um monocórdio apenas. Havia muito mais. Havia lágrimas guardadas como as dela. Teve vontade de tocar aquele corpo morno de homem jovem como tocava o do marido. Queria-o para si, viúva-negra. De todas as partes vinham alusões, pistas, indícios. Mas o segredo estava mais longe do que nunca. Roberto — vou a lugar nenhum — Carlos já se esquecera da busca. Subira no calhambeque e era um garoto gozador brincando com sua tristeza. Largou-o, na comunhão ardente da multidão. Não estava com ele o segredo, mais uma vez se enganara. Era um Deus sem problemas e sem desejos, tão diferente dela como a terra da lua.

Se não estava com as pessoas, com quem estaria o segredo? O marido tentava fazer parar suas lágrimas:

— «Mas o que havia, afinal?»

Talvez não houvesse nada, mas se assim fosse não sentiria aquela tontura subindo da sombra, apossando-se dela como tentáculos macios, na escuridão da platéia. Sabia. O tempourgia — as forças se acabavam...

Voltar ao apartamento, ainda mais vazia e seca do que antes, jamais. Largar o marido, também, não podia. Sem ele, era incompleta, mutilada. Às vezes, o beijava com tanto furor que ele pressentia que ela o queria estar transformando numa outra coisa, tão outra coisa diferente do que ele mesmo era, que recuava, recuava, até desaparecer debaixo dos frios lençóis, onde se escondia. Como atrás de uma nuvem. Como agora. A imagem do rosto do marido estava se diluindo e ela sentia sobre os olhos um peso salgado de gotas do mar que caíam do alto e apagavam a lembrança do contorno daquele rosto pro-

curado, esquadrinhado, negado, mas que ela queria reconstituir. Ele era dela, ele era ela. Meu Deus, era ele o segredo, o seu grande, mágico segredo, que procurara nas pedras ruivas da sua terra, no mar azul que não era da sua terra, nas plantas com que enchia a casa, na água fria do córrego da fazenda da avó e que agora lhe caía em ondas sobre os olhos — não mais em gotas — cegando-a, não a deixando mais espantar-se, ou gritar ou se debater. A água do córrego era a do mar que batia na praia. Tentou agarrar a mão do marido, prendê-la num bote no espaço, mas o mar a levou numa onda mais forte e a arrancou num soluço mais alto, sem que nenhum dos dois percebesse que era o fim.

CHOQUE AO PORTADOR

DUILIO GOMES

E ele comendo insetos como quem mastiga pipocas, jogando-os pela boca, de olhos fechados. A atração do parque. Fascínio e lânguido asco no rosto da moça que apertava a mão do noivo. Percevejos, pulgas, gorgulhos, moscas e formigas. Ele engolia tudo, mastigando e engolindo, mastigando o horror que estalava no céu da boca como uma constelação de abdômenes, tórax e cabeças. Há quanto tempo você faz isso? ela lhe perguntaria alguns dias depois. Desde criança, ele respondeu, sem camisa e apanhando um mosquito no ar.

Nunca vi nada igual em minha vida, ela falou, olhando em sua volta. O quarto dele era a metade de uma barraca, dividida com o homem que engolia fogo. Um colchão com travesseiro e cobertor, um lampião, espelho rachado, folha de revista presa na lona — um cavalo branco. A barraca tinha um cheiro indefinido, mistura de coisa queimada com cheiro de mato.

Falei com o meu noivo que não ia sair hoje, que estava com dor de cabeça, vim te ver. Os olhos fixos no peito dele, um peito liso, sem cabelos. Ele sentou-se no colchão, vem cá. Não, não devo. Ele estirou-se ao colchão, olhos presos no cavalo fotografado da cabeça até o flanco. Ela ficou respirando emocionada e rodando a bolsa na mão. Imagino quantas moças você deve ter namorado por essas cidades todas por onde passou o parque. Ele sorriu, sem dizer nada. Te trouxe um besouro. Abriu a bolsa, tirou o besouro morto de patas dobradas e entregou-lhe. Virou o rosto quando ouviu estalar a dura carapaça entre os seus dentes.

Ele é assim como aquela planta que come insetos, aquela que nós vimos no cinema, contou ela para a amiga. Que coisa nojenta, falou a amiga. No princípio eu também achei. Levantou-se, foi até a janela. A noite lá fora não tinha insetos, não tinha nada além da sua condição de noite, mas no escuro pontilhado de lâmpadas fracas um cachorro latia. Era sempre assim, a noite esperando o dia no escuro e, nos meses de chuva, inchando-se com o orgulho dos sapos, vendo grilos pulando de invisíveis trapézios, fazendo circular o barro e a grama coagulados de morna unidade. Coisa mais triste as noites de uma cidade do interior, pensou. Afastou a cortina de chitão, encostou a cabeça na janela, foi invadida por uma tristeza como nunca sentira antes. A amiga queria saber mais, o nome dele, idade, se era bonito. Ela contou tudo, de costas, bem devagar. Depois chorou, pensando no noivo.

No parque lhe informaram que ele devia estar bebendo cerveja naquele bar da esquina. Foi encontrá-lo sentado em uma mesa do fundo, sozinho. Bebia cerveja e mastigava alguma coisa, uma mosca talvez. Ficou de pé ao lado dele, até que foi notada e convidada a sentar-se. Meu noivo não pode nos ver aqui, falou, segurando-lhe a mão por baixo da mesa. Ele a olhou distante com os seus olhos pálidos de inseto nocivo. Ela largou a mão dele, você me dá medo. Medo? Começou a assoviar, olhando para nada. Que música é essa? **Folha Morta**, de Ary Barroso. Deixou-a sozinha na mesa e foi jogar sinuca. Ela o acompanhou submissa, sentou-se em uma cadeira, ficou um tempo sem fim vendo-o mexer-se lentamente diante das bolas, espetando-as como um caçador após o tiro, mastigando alguma coisa que tirava do bolso da calça.

Sempre trago um monte deles no bolso, contou-lhe, quando saíram do bar. Ela caminhava de olhos baixos. Me deixa na esquina, ninguém pode nos ver. Perto do poste ele segurou-a e beijou o seu pescoço quente de ansiedade e depois a boca e de repente ela lembrou-se dos insetos e quis tirar a boca mas aquilo era mais forte que o seu asco e de olhos fechados deixou-se beijar, anjo e demônio com olhos de sombra, não posso, eu quero, sim, eu quero, eu quero, não devo mas me abraça, não

devemos, formigas pulgas meu amor traças gorgulhos cigarras cupins — a boca azeda, a doce boca azeda daquele homem cujo silêncio o fazia ainda mais anônimo. O mistério, com a sua memória escura, a fascinava como um pêndulo de luz. De onde viera? De uma cidade qualquer de Minas, ficando nela os olhos agudos de quem sabe estar inflamando, desprezo e de repente tantos beijos. Ardia de vontade diante dele; deitada em sua cama imaginava como seria o seu peso e a cor dos seus olhos quando a fizesse deitar-se no colchão e dobrando-a, investisse contra o seu corpo com a lâmina quente do seu desejo alimentado de insetos e muito apazível seria o seu hálito; ela virou-se na cama e gemeu — no colchão da barraca, estalando como um selo antigo ou uma vespa em sua boca enquanto na outra parte da barraca o engolidor de chamas aqueceria aquele momento com um fogo brando de línguas compridas. Rolar na cama a noite inteira, lembrar-se do caso que lhe haviam contado — um velho catador de insetos que morava num barracão de um posto e que o menino encontrara morto num dia de chuva — rolar na cama, não posso continuar assim, os olhos pisados no dia seguinte.

Levou-lhe algumas formigas, apanhadas no quintal. Esperou que terminasse a sua apresentação, acotovelada no meio do povo. A maior atração do parque. Quando entrou na barraca, ele estava sentado no colchão, exausto. Comeu as formigas sem vontade, deixou duas de lado. Você está bem? ela perguntou, sentando-se ao lado dele. Devo ter comigo algum inseto estragado, vamos beber cerveja. Assoviando **Folha Morta**, uma música triste. Ela bebia olhando para os olhos dele, ela que não era de beber nem refrigerante. Você está acabando comigo, pensou, segurando a mão grande de unhas curtas por sob a mesa. E se Fernando chega agora, não gosto nem de pensar. Aqueles dias todos dizendo para ele que não podia sair, que não podia ser abraçada, que sentia dor, que estava doente, que a perdoasse. De olhos quebrados ele assoviava, assoviava. Pensando em alguém? ela perguntou. Não. Alguma moça? Não, em mim mesmo. Bebeu o resto da cerveja, pediu outra. Você nunca me contou nada de sua vida. Minha vida sou eu, eu e meus insetos.

Nunca amou? Ele inclinou a cabeça. Eu te amo, ela falou, engasgada. Ele palitou os dentes e, como um efeito desse gesto, ficou pensativo. Um rapaz tocava violão no outro lado do bar. Toque **Folha Morta**, gritou para o rapaz. Então, durante a música, ficou ainda mais fechado. Ela, com vontade de chorar, bebeu um copo inteirinho de cerveja, encheu-o novamente, bebeu. No silêncio duro entre os dois, sentiu latejar a eternidade. Ele, distante, levantou-se e foi jogar sinuca.

Saiu tonta do bar, abraçada ao ombro dele. Você não ama nada além de nada nada, pensava, jogando o peso do corpo contra o corpo dele, pouco se importando com quem passava e os olhava espantado. Na cama — ele a levava até em casa? a deixara no portão? — ficou rodando, vendo tudo rodar, que coisa mais enjoada. Não devia ter bebido tanta cerveja, nada além do amor aos seus sujos insetos — virou-se na cama, tudo girando, não ama ninguém; nunca mais, também nunca mais beber, mãe, estou com medo, gritou cambaleando no corredor. Correria dentro de casa, portas rangendo — onde estava, bêbada como um homem. O tapa do pai, bicarbonato, um princípio de choro. No quarto, ressonando depois do vômito: nunca mais quero vê-lo, amanhã sair com Fernando, ser a moça de antes, despreocupada. Ser moça é sentir tudo isso, como um vulcão, sentir periodicamente a umidade, que é também humilhação, entre as pernas, ter olhos assustados e depois uma súbita coragem. Por isso:

O que está acontecendo com você? perguntou o noivo no dia seguinte, sentado na poltrona. Meio gordo, de bigode. Moscas voavam em torno da lâmpada, todo inseto a faria lembrar-se dele. O noivo colocou o rosto entre as mãos, chorou. Ela sentia pena e desprezo. Estava emagrecendo, o noivo. E ela também, cada qual por sua razão. Pensou: ajustar os vestidos, mudar o penteado. Ser moça é sofrer, sofrer. Repentinamente tirou a aliança do dedo, colocou-a no colo dele.

Terminei o noivado ontem, anunciou ela, de vestido vermelho e blusa branca decotada. Havia mudado o penteado e a cor do baton. Ele a olhou e não disse nada. Era sábado, dia de matinê. Podemos ir ao cinema, falou ela, entusiasmada; eu vou

na frente, sento na última fila, depois você entra. Ele acercou-se dela e de repente beijou-a na boca. Lá fora, um sábado de sol oferecia: cinema, jogo, cheiro de laranja e um movimento repentino nas ruas. Ela se sentiu progressivamente feliz, vontade de sair pelas ruas de mãos dadas com ele, enveredar-se por ruínas de paredes descascadas, sentar-se em bancos de jardim, ouvir o moço do violão tocar **Folha Morta**. O vento ondulou o pano da barraca, isso é felicidade, pensou e pela primeira vez percebeu o misterioso encanto de morar numa cidade do interior que tem ruas de areia chupando o calor do dia, um jardim com lagos, igrejas antigas de sinos distantes sobre casas humildes, mornas e pacíficas, um horizonte uterino e uma temperatura que era também a pressão ideal do corpo; pela primeira vez ela amava a sua cidade, um sábado perfeito. Ele, fora de sua abstração, comia uma cigarra. Mas ele era o fulcro da sua felicidade, o gerador dela. Assim, ela o apanhou no ar, memória e presença, um leve susto de quem sente a carne do seu sonho. Terminei o noivado por você, lhe disse ela. Vamos tomar uma cerveja, ele falou.

Eu não quero cerveja. Então vou eu. Eu quero você. Tirando a blusa, o sutiã, deitando-se no colchão, enroscando-se nas pernas dele. Que desvencilhou-se e pôs-se a mexer nervosamente no retrato do cavalo. Ela o olhou sem compreender. Vem, sussurrou. Não posso, volte para o seu noivo. Mas eu te amo. Um silêncio frio, podiam ouvir todo o som da cidade crepitando na barraca. No céu sem aviões um papagaio voava, abanando o rabo para o seu dono e fazendo pulsar, pela linha, o coração alegre da vertigem. Ele então, silenciosamente, tirou a roupa. Deitou-se ao lado dela, como um menino. Não estava excitado, frio igual inseto morto. Ela sentiu um arrepio, quis levantar-se e ir embora. Mas deixou-se ficar e beijou-o e beijou-o. Sou o seu inseto, me morde, me come, sou a sua libélula, a sua besoura de patas abertas neste sábado de verão cochilando como um peixe feliz. Dele, o sexo murcho — antenas caídas dos seus falecidos percevejos, a folha fúnebre, a brocha alma da inocência, então era isso. Ela recobrou a serenidade, apesar da boca seca: nenhum afago acenderia nele a chama do homem.

Mordendo os lábios, ela levantou-se. Ele não a olhou, enquanto ela se vestia. Saiu em silêncio. Não queria humilhá-lo além da sua própria decepção. Uma barraca tão quente e você tão frio, pensou, atravessando a rua.

O parque foi embora hoje, contou a amiga. Ela encostou a cabeça na janela. Os sabiás celebravam o êxtase de tudo nas jabuticabeiras do quintal. Ela virou-se lentamente para a amiga — você tem visto o Fernando?

UM DIA DE MEDO

Plínio Carneiro

O córrego era um filete d'água, esvaziado pela ausência de chuvas naquela semana santa — a água escura escorrendo no leito fundo e irregular daquele que no ano passado havia sido o paraíso dos bagres e mandis. O Riacho Tipotã, naquela sexta-feira santa — dia de mula-sem-cabeça — não oferecia esperança de um fim de semana com muito peixe para nós, pescadores de primeira viagem.

Fôra um planejamento perfeito para os feriados: havíamos trazido arroz, farinha, gordura, sal, anzóis, pacotes de cigarro e seis garrafas de cachaça, que todos diziam serem imprescindíveis em pescaria. Zé Valdir, gordo e vermelho; Geraldinho, o galã da turma, topete de Elvis Presley; Márcio, só espinhas no rosto todo — ninguém sabia beber direito, mas todos tinham muito ânimo para aprender.

Nós havíamos chegado de madrugada, carregando o embornal com matalutagem para três dias à beira do melhor córrego de bagre da América Latina, segundo o pai de Zé Valdir, dono do rancho. A manhã havia sido consumida com uma inspeção de reconhecimento e com a arrumação da bagagem e do casebre, um ano abandonado no meio do mato — depois de descer do ônibus na rodovia, andamos numa trilha mais de meia hora até atingir a porteira do sítio. À volta, só o mato fechado, encobrendo o caminho para a civilização.

Era um casebre de pau-a-pique, as portas carunchadas, as paredes mostrando as ripas e o barro duro. Um fedor de coisa mofada dominava tudo. O pai de Zé Valdir passava um ano

sem visitar o lugar, deixando tudo por conta de um casal de velhos, sexagenários que moravam na beira do córrego, sobrevivendo do que plantava e criava. Um galinheiro cercado de ripas de taquara, meia dúzia de galinhas peladas e um galo chocho; a horta, bonita porque sempre regada, fornecia as verduras; um chiqueiro separava o rancho do barraco dos velhos. Um rego trazia a água que nascia numa touceira de bambu para o pequeno tanque de lata, a bica escorrendo sem parar.

Era um rancho caindo aos pedaços, de chão batido e com apenas uma sala, um quarto e uma cozinha. Privada, só se fosse debaixo das bananeiras que rodeavam o casebre, margeando o rego que levava a água fétida do galinheiro para o córrego. Não havia forro e os picumãs caíam das ripas do teto como lágrimas negras. A gente via o céu através dos buracos entre os ramos de sapé que serviam de telhado.

Na sala, uma mesa de tábuas irregulares e três cadeiras de bambu; quatro tarimbas com os colchões soltando o recheio no quarto; na cozinha, apenas o fogão de lenha, feito de adobes, e um armário com as panelas e os pratos de ágata. Ao lado do fogão, um feixe de lenha apodrecida pela umidade, uma trempe rachada e teias de aranha por todo lado, um cheiro de abandono em cada canto. Uma cancela abria-se para o terreiro, onde um pé de cuité dominava o barranco de argila que descia para o córrego.

Mas tudo é festa numa sexta-feira santa, apesar da chuva que começava a cair entre as folhagens da beira do córrego. Uma chuva chata, fria e desagradável, que escorria pela nuca da gente, fazendo com que buscássemos abrigo debaixo da touceira de bambus. E a garrafa de cachaça, bebida estranha para nós, passando de boca em boca, cada um querendo cuspir longe o líquido quente, mas agüentando firme a barra.

O almoço fôra apenas bagre frito, farofa e pão, já que ninguém sabia fazer arroz e todos estavam com nojo da velha, que tinha as mãos escuras, enrugadas, sujas, parecendo garras de morcego. Além disso, ela tinha sumido com o velho, à procura do porco que fugira do chiqueiro. Um almoço que não encheu

o estômago e nem acabou com a tontura que sentíamos por causa do álcool bebido durante toda a manhã.

A tarde fôra consumida em mais pescarias e mais bebedeiras e ninguém tinha ânimo — no primeiro dia e já estávamos desistindo de tudo, a fome apertando, quase todo mundo vomitando as tripas. Márcio havia furado a mão, tentando arrancar os pontudos espetos dos bagres com uma turquesa — esquecera-se do mais cortante, nas costas do peixe. Agora estava queixando-se de dores que começavam no polegar e iam, como uma íngua, até debaixo do braço. Um porco afogado — devia ser o da velha — com as tripas de fora, tinha sido encontrado no pé da pinguela e Zé Valdir, embriagado, pensava ter encontrado um cadáver de gente — ficou cotucando o couro do bicho até que a pele preta, inchada, se abriu, soltando um vapor fétido, um cheiro de fossa que quase nos matou de engulhos.

E a noite chegou naquele fim do mundo, a chuva fininha e caindo sem parar, molhando os ossos da gente. As camas estavam ensopadas, o chão do rancho era lama só, nós sonhando com um banho de chuveiro quente, roupa seca, arroz com feijão, um refrigerante. Tudo sonho: era só bagre e mandí com gosto de terra, farofa seca e ovo frito. E cachaça e mais cachaça, porque nenhum de nós tinha coragem de recusar a garrafa que passava de mão em mão.

O relógio dependurado no batente da porta marcava 11 horas e nós quatro, deitados nas tarimbas úmidas, olhávamos o forro do casebre, conversando sobre assombrações. Ninguém dormia, o vento assobiando entre os buracos do casebre. A chuva havia parado e a luz fraca de uma lua encoberta pelas nuvens formava fios brancos do teto ao chão, entrando pelos buraquinhos do telhado de sapé. Nos focos de luz, a fumaça dos cigarros fazia piruetas e subia para o céu. Cá embaixo, a última garrafa de cachaça teimava em não acabar.

Foi Zé Valdir, bêbado, que primeiro viu a mão no canto do teto, flutuando no halo da lua. Foi Zé Valdir que, com sua voz engrolada, apontou a mão, branca, sem braço, de marfim, balançando no ar. A gente tentava cobrir a cabeça com o cobertor fino e curto enquanto Zé Valdir mostrava a mão, suspensa no

ar. Logo ela ficou visível para todos, o barulho do tremor compassado das tarimbas assustando a gente ainda mais. A mão, branca, brilhante, subia e descia nos fios de luz que vazavam pelo teto e atraíam a fumaça dos cigarros.

Nesse momento, ouvimos o primeiro grito, um silvo fortíssimo, como se alguém tivesse sendo sangrado do lado de fora do rancho. Foi um arrepio tremendo que passou pelo quarto, a gente esquecendo da mão no teto, com medo de chegar à janela. O segundo grito acabou com a embriaguês dos quatro e fez com que levantássemos das camas e chegássemos à janela. Por entre as trepadeiras, nós vimos a velha, caquenta, enrugada, de camisola verde, assentada num toco ao lado do galinheiro. Quem a viu foi Zé Valdir, que ficou com a boca aberta, mostrando para nós o quadro.

A velha e o caseiro, agachados, cortavam a pele do porco morto que havíamos achado no pé da pinguela. Separavam a carne podre, as vísceras, e enchiam uma gamela com muito cuidado. Ao lado, folhas de bananeira apoiadas no chão molhado serviam de mesa para os dois. Mas nenhum comia, só separando os pedaços de pele, de carne, os ossos despregando-se da carne podre, um cheiro insuportável dominando tudo.

O medo já tinha tomado conta da gente e começou a apertar nossa barriga. O vento continuava a soprar em nossas costas, trazendo o cheiro de terra misturada com carniça. A cada grito da velha, seguido de risadinhas compridas, finas, nervosas, a nossa vontade de sumir aumentava. Ninguém falava nada, todos suavam, sem lugar para encostar, os olhos presos no casal de velhos, ele de cuecão amarelo, bufando, com um cachimbinho de saci na boca; ela com uma expressão de louca — uma cena de nojo e de medo. Ao lado dos dois, um burro sem cabeça estava amarrado no mourão da cerca.

O casal embrulhava os pedaços do porco nas folhas de bananeira, colocando os pacotes em um grande balaio, a carne podre escapando por entre as ripas, uma nojeira. O velho, balaio nas costas, carregava tudo para seu quartinho, enquanto a velha continuava descarnando o porco, enfiando os dedos entre as costelas que se desmanchavam no chão.



Beia

Os gritos da velha continuavam em nosso ouvido, varando a madrugada, quase ocultando o barulho de nossos pés no caminho molhado, os quatro correndo pela trilha, os corpos batendo nos galhos das árvores que invadiam o caminho, todos sem coragem de olhar para trás. Ninguém se lembrara de pegar mochilas, matalutagem — fôra uma decisão unânime, silenciosa: sair dali o mais depressa possível, fugir num breu onde não se enxergava nada, só o nariz servia de rumo.

Para trás, o rancho, o casal de velhos, o porco morto — fruto de nossa imaginação como disse depois o pai de Zé Valdir, fruto da cachaçada. Para trás, a visão final da velha, verde e enrugada, levando à boca um pedaço de pele preta de um porco podre.

Tipotã, 1959

ENSAIOS

A NARRATIVA: UM CAMINHO A PERCORRER OU A CONSTRUIR

Análise do conto «Alfredo», de Murilo Rubião

Ivete Lara Camargos Walty

INTRODUÇÃO

O primeiro contato com o texto já nos evidencia a idéia de busca, de caminho a percorrer, de travessia. Esta busca se concretiza sob vários aspectos: o bíblico, o geográfico, o ideológico, o psicanalítico e, finalmente, o literário. Cumpre-nos, pois, verificar qual o papel desse primeiro elemento: o buscar nos diferentes planos e estabelecer as devidas relações com os outros elementos do texto.

O primeiro plano a se estruturar deveria ser o geográfico, já que está literalmente presente e se coloca à superfície, numa perspectiva sintagmática. Mas, o espaço geográfico nada mais é que a representação primeira dos demais aspectos, logo estará presente ao se analisar os seus correspondentes bíblicos, ideológicos, psicanalíticos e literários.

O elemento bíblico se faz perceber facilmente na narrativa, pois esta se constrói a partir de uma epígrafe, um fragmento do salmo de Davi, que já em seu texto original recebe, em algumas edições, o nome de «Hino de Procissão». É claro que esta denominação, mesmo que explicativa e colocada posteriormente pelos tradutores, é significativa na medida em que se relaciona ao corpo do salmo, realçando a idéia de caminhada em

direção a Deus. A busca da face do Deus de Jacó é a procissão em direção a algo que não pertence à terra, à condição humana. A idéia de ascese está implícita na palavra Jacó, o filho de Isaque que construiu uma escada, na tentativa de atingir o céu. Esta ascese não se realiza, já que a escada está plantada na terra e não se processa o deslocamento do espírito em relação ao corpo. É importante realçar, porém, que a ambigüidade dessa figura que estaria entre o céu e a terra, reafirma-se ainda na história de Jacó, já que tendo um irmão gêmeo a que sustém pelo pé, é a concretização da dubiedade do ser humano. Jacó é aquele que segura o calcanhar de seu irmão primogênito, Esaú, com a mão, unindo dois extremos: o alto e o baixo. Ele luta pelo lugar de primogênito e o obtém através de trocas, na esperança de receber as devidas honras do pai, Isaque, e do Pai, o Senhor dos Exércitos. É, pois, o astucioso, o enganoso.

Penetrando no texto propriamente dito, temos que Joaquim é uma personagem que corporifica Jacó e tem por irmão, Alfredo. Joaquim, em hebraico, é aquele que Javé levanta, restabelece. Ele é símbolo de elevação, de preparação. Enquanto Alfredo significa, em anglo-saxão, o aconselhado pelos elfos. Ora, os elfos, por sua vez, são gênios aéreos simbolizam o ar, o fogo e a terra, sendo, portanto, dominadores dos elementos básicos da natureza. Ele é um ser diferente, talvez predestinado. Enquanto Alfredo está na montanha, no alto, próximo ao céu, Joaquim está no vale, no baixo, ligado à terra. Salientamos, porém, que esta aparente dicotomia tornar-se-á irrelevante, ou melhor, desaparecerá no decorrer da narrativa, depois de sofrer diversas transformações.

A primeira alusão à personagem que dá nome ao texto se faz sob a representação de uma fera que ameaça descer ao vale. Mesmo que só depois saibamos tratar-se do irmão de Joaquim, já se percebe uma figuração que se opõe ao humano e que, simbolicamente, coloca-se aos três níveis do universo: inferno, terra, céu, assim como os elfos, implícitos em seu nome. Concretiza-se ambigüidade desse ser através da figura do lobisomem, a união do lobo e do homem, da fera que ameaça o povoado e do animal «de olhos infantis», da agressividade que ame-

dronta e da ternura que comove. É o homem que se fez lobo, ou o lobo que se fez homem. Enfim é o ser dúbio, disforme, desajeitado na aparência, terno, puro e infantil na realidade. Os dois irmãos, como Esaú e Jacó do texto bíblico ou Pedro e Paulo da ficção machadiana, são apenas um, ou seja, um que se divide em dois, ou dois que se fundem em um.

O salmo a que se refere o conto interroga: «Quem será digno de subir **ao monte** do Senhor? Ou de permanecer no seu lugar santo?» E responde: «O que tem as mãos limpas e o coração puro, cujo espírito não busca as vaidades, nem perjura para enganar **seu próximo**.»

Alfredo renega sua condição humana e se faz porco para não mais conviver com seus semelhantes que vivem a se entredorarem com ódio. Ele não tem mais lugar entre seus irmãos, foi repudiado, expulso do seio da «humanidade», e não mais é feito à imagem e semelhança de Deus. Sua busca é incessante e se processa das mais variadas formas, inclusive através do camelo que simbolicamente é tido por impuro por repugnar ao homem.

Joaquim não tem as mãos puras, vive sob a ameaça do passado, sob o medo do castigo, pelo «pedaço de mão que roubara». Também ele foge da planície, pensando encontrar a felicidade do outro lado das montanhas. Aí o código geográfico se funde ao bíblico: Jacó constrói a escada para atingir o céu, e ocupa o lugar de Esaú, seu irmão. Joaquim sobe as montanhas em busca da felicidade, da paz, e deixa para trás o irmão. Depois os papéis se invertem, Jacó está no vale e Alfredo nas montanhas. A troca de espaços opostos se anula quando há o reencontro, e os dois caminham juntos, da montanha para o vale, do vale para a montanha. Eles não têm lugar, seu lugar é o não-lugar, é o eterno ir sem rumo certo, sem «esperança de um paradeiro». Joaquim segura Alfredo pelo pescoço com a ajuda de uma corda, mas Alfredo, ao caminhar, arrasta a corda e conduz o irmão. Não há dois seres, mas um que é múltiplo, um que é o próprio homem em busca de algo que nunca encontrará, um que é «esta geração dos que o buscam, dos que buscam a face do Deus de Jacó».

Joaquim saiu em busca da fera, do «possível» e desacreditado lobisomem e, em sua fala, reconhece a mensagem do irmão, Alfredo. Aquilo que foi previsto pelas alusões bíblicas se confirma: eles não são dois, mas um, ou vários. Em Alfredo está o outro «eu» da personagem-narradora, ele é o espelho que revela a face oculta do irmão. Seus gemidos anunciantes de uma mensagem opressiva, «de dor de carne crivada por agulhas» são o grito do inconsciente oprimido de Joaquim. O encontro com «a fera» não o assusta, não o amedronta, e sim, comove-o, entenece-o. O «eu» reencontrado no outro é puro, e não lhe provoca surpresa, nem é objeto de riso, mas de pena. É um animal de olhos infantis, de uma curiosidade infantil diante da agressão verbal, mas de «uma voz cansada e cheia de tédio». Tem a visão da criança e a fala do velho. Faz observações inocentes e cheias de verdade: — «Esta senhora tem dois olhos, um verde e outro azul». Mas não reage à agressão física e não a compreende. É diferente, ridículo, mas não surpreende os demais habitantes da aldeia, porque não lhes diz respeito. Tem a face crespada, o pescoço magro e a língua áspera, mas é capaz de acariciar e de se deixar beijar.

A desintegração do «eu» se processa por causa do castigo, a ruptura é consequência da censura, da força do Pai, do Poder. Dá-se a passagem do imaginário ao simbólico, em um caminho inverso. É o estágio do espelho, em que há, segundo Lacan, um reconhecimento no desconhecimento. É a passagem da condição animal à humana, vista pelo avesso, produzida pela instauração da lei. A procura do irmão é a busca do próprio eu, já que o homem, segundo Freud, não tem o seu centro em si mesmo. A busca não se efetua só de um lado, o consciente, mas também, e principalmente, pelo inconsciente. Aí está a razão das sucessivas mudanças, do eterno metamorfosear-se.

Deixando sua condição «humana», sua máscara de representação social para contato com a realidade, livre da força da censura, do poder, o *id* obedece ao imperativo de suas pulsões e sai em busca de uma resposta, da satisfação do desejo que tem em si. Assume a forma de um porco, símbolo de tendências obscuras sob as formas de ignorância, gula, luxúria e egoísmo.

mo. É o oposto daquilo que seu «ego» lhe exigia, conciliar as tendências negativas e as «positivas» do ser humano. Como porco, animal voraz e devorador, ele não se satisfaz com o que seria puramente instinto em contínua luta com seus companheiros. Pensou, então, fundir-se numa nuvem, o símbolo do embrião primordial, a representação da metamorfose, não de um de seus termos, mas o próprio ato de metamorfosear-se. O elemento instável que muda a todo momento, assumindo as mais diferentes formas. A nuvem, no alto, se oporia ao porco, na lama. Mas, por ser o próprio transformar-se, já se transforma de vez no verbo resolver. Eis a instauração da linguagem que é o próprio homem. A linguagem vem aí representada pelo verbo **resolver**. Resolver, o quê? O homem não fala, ele é falado. Ele não age, ele é agido. Logo ele não resolve, ele é resolvido, ou não o é? A linguagem tem origem na passagem do imaginário para o simbólico, no momento da ruptura, logo tem em si o desejo. E o desejo anuncia na própria morte o seu retorno inevitável. É o desejo que aponta no homem o que nele há de essencial — a ausência. A lei do homem é a lei da linguagem, a linguagem traz em si o desejo, logo o homem é condenado a buscar sempre, já que este desejo não é uma necessidade a que se atende, mas uma interrogação para a qual não se tem resposta, a primeira de uma série. E se falar do homem, de acordo com Deleuze, é falar de uma carência, de uma ruptura, de uma possibilidade de estar inteiro na inteireza visível de suas expressões. «Alfredo» se transforma em dromedário, «esperando beber água o resto da vida». Ora, isto comprova a eterna busca do homem, pois o beber água sempre é estar permanentemente com sede. O camelo atravessa o deserto, é um veículo que conduz de oásis a oásis. Também ele é um símbolo ambíguo, oculta a essência divina, mas tem relação com a morte. E, como já vimos, é um animal impuro, pois repugna ao homem.

Como camelo, Alfredo é levado pelo irmão Joaquim, que reencontra aquilo que havia recalçado, seus fantasmas. Há aí o «estranhamento inquietante». Alfredo, sob forma tão estranha não lhe causa medo, porque, no processo de recalçamento, aquilo que é familiar se transforma em algo estranho. Alfredo era aquilo

que já vivera e recalcara, por isso não há surpresa, nem pavor, mas pena, dor, melancolia.

Fundidos em um, múltiplos e unos, continuam em busca de algo que nunca encontrarão, numa eterna peregrinação. As cordilheiras continuariam sendo azuis, numa promessa de ligação com o alto, de provável felicidade, mas eles a atravessariam e continuariam sempre sem certeza de nada, sem esperança de um paradeiro. Indo, vindo e voltando cansados, ou cansado. O azul das montanhas é a imagem do infinito, da imaterialidade, do vazio do ar, da água, do cristal, do diamante. Todos os movimentos e formas desaparecem no azul. É como Alice no País das Maravilhas passando para o outro lado do espelho, para o mundo do caos excentrado, sem a máscara da representação, da convenção. Segundo Kandinsky, o azul dá uma idéia de eternidade, em um movimento do homem dirigido unicamente para seu próprio centro, que, entretanto, ativa o homem para o infinito e revela nele o desejo de pureza, de algo sobrenatural. Isto porque o centro do homem, como já vimos, não está nele, mas fora dele, e ele o busca sem poder encontrá-lo.

«Nenhuma linguagem é inocente», diz Foucault. O mundo só pode ser apreendido através da linguagem, e esta representação é ideológica, é falseada como a visão que lhe dá origem. No texto, como já o afirmamos, Joaquim é o **ego** que é a máscara exigida pela pressão da censura, é o mediador entre o **Id** e o **Superego**. O alimento mais representativo da visão ideológica, da visão convencional da realidade, é Joaquina, o par de Joaquim até no nível lingüístico, numa confusão gênero/sexo. Ela é aquela que crê, é supersticiosa e tanta explicar o estranho pelo sobrenatural. Ela tem um olho azul e outro verde, um voltado para o alto, como já constatamos por toda simbologia da cor azul, mas o outro voltado para a terra; um na necessidade de busca, mas o outro no contentamento de si. Ela é o próprio **ego**, já que o verde é o mediador entre o azul celeste e o vermelho infernal, é a cor «rasteira», da superfície humana. Ela agride o estranho, o inusitado e o repudia, ela expulsa tudo aquilo que não consegue explicar. Joaquina é a força que prende Joaquim à terra, ao convencional; e de que ele consegue se

libertar, pois a força oriunda de Alfredo, o **Id**, é mais acentuada e tem em si a linguagem e a necessidade de transgressão. Seus rumores provocam a primeira desavença conjugal. Instala-se a discórdia no seio da família, célula primordial da sociedade, numa visão ideológica. Marido e mulher percebem ter pontos de vista antagônicos, ele coloca-se contra a mulher, que é a metonímia da aldeia, e dá-se a ruptura, a quebra: à visão condicionada pela ideologia, opõe-se a visão reflexiva; ao praguejar da mulher opõe-se o silêncio cheio de reflexão; as explicações sobrenaturais não substituídas pelo ceticismo e pela dúvida. Joaquim vai e Joaquina fica. Ela não aceita o estranho visitante, pois não sabe explicá-lo. O vale permanecerá estático em oposição ao dinamismo das montanhas azuis. A aldeia fala a linguagem do senso-comum, a linguagem da violência, da agressão, da tentativa de se explicar tudo através da lógica. É o falso centramento do homem em si mesmo, quando ele não procura conhecer a realidade, mas reconhecê-la; quando ele só formula perguntas para as quais já tenha respostas e só vê no real aquilo que está interessado em lá ver. Sua fala é um agrupamento de juízos de valores, pois sua alusão ao real é ilusão. O ser fragmentado, caótico não é aceito pela ideologia que faz o homem conceber-se como uno, íntegro, que é o centro do mundo e o sujeito da linguagem. Assim, ideologicamente, o homem não se reconhece a si mesmo e pensa que é o senhor absoluto do seu eu e de seu mundo, e expulsa a loucura que intimamente o domina.

O elemento estruturador do conto é o próprio discurso literário. Já, até aqui, falamos da linguagem como a lei do homem, agora tentaremos fundamentar tudo o que já afirmamos no nível da narrativa, o que nos faz voltar ao primeiro aspecto salientador: o bíblico. «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e verdade.» (João I, 1 a 14).

O texto, em seu nível literal, fala de um animal que se fez verbo, mas aí há toda uma inversão do evangelho de São João. Em primeiro lugar, no lugar do verbo com **V** maiúsculo, a origem

de todas as coisas segundo a epísteme clássica, a «phoné», segundo Derrida, é substituído pelo verbo **resolver**, «um pequeno verbo inconjugável». O verbo resolver, em seu sentido usual, significa solucionar, explicar, esclarecer, mas e também sinônimo de decompor, bem como de desaparecer, desfazer-se, extinguir-se. Ora, o tornar-se verbo não soluciona o problema do homem, ele se busca e se extingue em sua própria linguagem. O fato de o homem se metamorfosear em porco antes de fazer-se verbo, já rompe com o texto de base, opondo o porco à imagem de Deus. A negação do centro, da origem, do verbo ser — «o fim do livro e o começo da escritura», segundo Derrida.

O verbo resolver é a tentativa de construção de uma narrativa, o extinguir-se no elaborar-se, a negação pela presença ou a afirmação pela ausência. É o discurso de tensão entre o sujeito e o objeto. É a representação da representação, pois, de acordo com Deleuze, a reversão do platonismo elimina as diferenças entre cópia e realidade, entre coisa e imagem, já que tudo é simulacro, é representação e se afirma como fantasma.

O eu do narrador se fragmenta em dois, em vários e estabelece a busca da própria narrativa, do próprio discurso e se condena a uma eterna procura, a um eterno construir-se, a um perpétuo narrar. Daí o cansaço de vir e voltar, sem a esperança de fixar-se em algum lugar. A narrativa é o Joaquim/Alfredo, o porco, a nuvem, o dromedário criados pelo verbo resolver, que é inconjugável. Traz em si a sede insaciável e transforma-se na esperança de encontrar-se. É o passado evidenciando-se no presente que também abrange o futuro, o eterno vir a ser.

BIBLIOGRAFIA

CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT. *Dictionnaire des symboles*. Paris, Seghers, 1973.

COELHO, Eduardo Prado. «Introdução a um pensamento cruel: estrutura, estruturalidade e estruturalismos.» In FOUCAULT, Michel et alii. *Estruturalismo*, antologia de textos teóricos. Lisboa, Portugal.

COSTA LIMA, Luiz — *Estruturalismo e teoria da literatura*. Petrópolis, Vozes, 1973.

DELEUZE, Jules. **A Lógica do Sentido**. São Paulo, Perspectiva, 1974.

DERRIDA, Jacques — «O fim do livro e o começo da escritura». In **Gramatologia**, São Paulo, Perspectiva.

MANSUR GUÉRIOS, Rosálio Farani. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. São Paulo, Ave Maria, 1973.

RUBIÃO, Murilo. «Alfredo» In — **A Casa do girassol vermelho**. São Paulo, 1978.

Ivete Lara Camargos Walty é professora de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG e aluna do curso de Mestrado em Literatura Brasileira da mesma Faculdade.

A FALA DO CORPO OU O SILÊNCIO DE PAPEL

Proposição de leitura de «Uma Vida em Segredo»

Léa Selma Amaral

A Autran Dourado, pela delicadeza de nos oferecer uma oportunidade de participar de sua canastra.

«Quem entender a linguagem entende Deus
cujo filho é Verbo. Morre quem entender.
A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.»

ADÉLIA PRADO

«Eu sou mulher de verdade,
mas você é tão feliz!
Você que é moça bonita,
cantora, vedete, atriz,
que conta os homens nos dedos,
que joga a vida nos dados,
São Paulo, Tóquio, Paris,
o corpo solto no espaço,
por um triz...
quem sabe você me ajuda
a descobrir que é que eu fiz,
ou então, o que eu não fiz,
que a vida balança no ar,
por um triz.»

MARIA LUIZA RAMOS

A FALA DO CORPO OU O SILÊNCIO DE PAPEL

O silêncio como única forma de manifestação da mulher dentro de uma sociedade de moldes patriarcais é a proposição desse trabalho. A idéia surgiu da própria significação do nome Biela: uma peça que funciona como eixo impulsionador de uma máquina. A questão maior proposta seria a da mulher como a peça-chave da grande máquina do mundo social. Assim Biela valeria como metáfora de uma situação desconcertante: os desenhanos do homem contemporâneo face ao espaço múltiplo do social.

Autran mostra a mulher como centro de uma realidade ambígua e angustiante, ao seguir a jornada desse corpo grotesco que é Biela. A composição de Biela obedece a uma escrita pertinente no autor, que poderia ser chamada de tessitura do corpo. Autran disse uma vez que ele não tinha personagens, mas uma personagem-síntese, que se desdobraria em imagens: «Os meus personagens são imagens, nada mais que imagens».¹

O trabalho do analista seria então de desafiar esse risco de bordado, tentando atar e explicar como essas imagens se deslizam umas nas outras, como elas se tocam e significam.

A rotatividade dos papéis, proposta por Autran, para seus personagens, em «Uma Vida em Segredo», impede que um personagem valha por si mesmo. Ela vai circular entre a idéia de fragmento de um outro corpo-personagem e a de organizador desse mesmo corpo. Tal mosaico espacial de sua localização dirige a leitura para um questionamento ambivalente: existiam vários personagens ou vários pedaços de uma mesma estampa, que seriam distribuídas como um quebra-cabeças, sempre à espera de um leitor astuto?

O próprio autor nos ajuda ao traçar o caminho de criação de Biela. Diz ele que recebeu a história contada em sonho, pela prima Rita: «Prima Rita se sentou, aflitou pudorenta a saia comprida, cruzou ponderada as mãos no colo (de tanto ela ficar com as mãos cruzadinhas, era por onde seus vestidos primeiro puiam) e erguendo os olhos para mim começou a falar. A voz, ao contrário da real que a minha lembrança guarda, era firme, nítida, sem recuo, silêncios ou indecisões.²

A Rita do cotidiano era sisuda, calada como confirma Autran: «Prima Rita foi uma figura de minha infância, morava na casa do meu avô, era uma espécie de curatelada dele. Era uma figura simples e apagada vinda da roça, tão insignificante na aparência, que dela tinha me esquecido por completo por quase trinta anos. Nunca, acordado, jamais me ocorreu lembrar da prima Rita, da sua silenciosa presença na cozinha, pilando milho, moendo ou torrando café, aquele barulhinho monótono que tanto anestesiava, tão bom eu achava, e o cheiro de café-santos-exportação».³

Essa idéia de criação de um personagem a partir da imagem de um sonho nos vai permitir consolidar a hipótese de que as personagens do livro são imagens. A inversão no papel da prima Rita no sonho lembra um dos recursos do inconsciente, onde, através da substituição, recupera-se o que foi interditado.

Parece que esse processo foi explorado no livro até as últimas conseqüências. Quando, no sonho de Autran, prima Rita revela seu nome: «Eu me chamo Gabriela da Conceição Fernandes, Biela para os de casa», ele substitui seu nome real deslocando no sonho a pessoa real da prima Rita, condensando-a com a figura do sonho. Biela nos parece pois uma colagem de fragmentos, uma vestimenta costurada de farrapos, de substituições e associações. O que tentaremos é ressaltar alguns desses elementos.

1 — Gabriel/Gabriela

O jogo ambíguo do nome é o primeiro farrapo dessa vestimenta — colagem, o corpo de Biela. Esse elemento é o determinante, o truque da construção do texto. Através de sua oscilação espacial, Biela configura o seu próprio sentido: serve para

traçar a relação entre o espaço de sua criação-Fundão — e o espaço de criação da família — a casa dos primos.

Para mostrar que seu espaço de criação espelha o da criação da família, Biela vai ser mediadora, uma ponte. Fio condutor do relacionamento entre dois espaços, ela os faz coincidir.

O código religioso vai ser o primeiro desses elementos, permitindo uma leitura mais ampla. Vemos isto quando Biela compara seu pai a Deus: «O Deus do Fundão se parece com o pai afundado na rede, balançando silêncio nos dias ruins (...)» p. 80; «Não sabia o que Deus dizia, mas ganhava certeza de que Deus falava mudamente com ela» p. 80. Ela é portanto, um elemento, um pequeno farrapo do Fundão que vai ser cosido na família.

A família, preenchida por Biela-filha de Deus, incorpora o código religioso e associa-se imediatamente à idéia de Sagrada Família que, segundo a religião cristã, é o modelo, a origem simbólica da família. Logo a dos primos é apenas sua metonímia.

Sendo farrapo, Gabriela vai assemelhar-se ao porta-voz, ao arauto da construção da Sagrada Família: o anjo Gabriel. A significação simbólica de anjo-assexuado contrasta desde o princípio com a personagem de Autran, Gabriela, semanticamente escrita no feminino. A ironia de Autran com relação à criação da família, no social, esta aí estampada. Seu anjo tem sexo e significativamente é mulher. A função da mulher como procriadora, geradora da família é criticada no texto na medida em que está ligada ao jogo duplo triangular — Sagrada Família e Santíssima Trindade — na Santíssima Trindade, só há homens, enquanto na Sagrada Família, a farsa é clara: o pai é figurado, pois é adotivo — São José; a mãe por sua vez não gera, mas reproduz Cristo, o filho de Deus.

Tal fusão porosa entre Biela e Alfeu significa a conquista maior da dança de Biela: Vê-se metida num vestido emprestado, imitando outra que não ela. A absorção semântica de Alfeu em Biela se completa no seu riso:

«Começou a achar graça na figura que via no espelho.
Era engraçada, era boba demais, todos tinham razão de rir. E começou a rir, a rir como nunca tinha rido, a

rir como ela não ria. E o riso era tão forte, tão nervoso, tão vindo de dentro dela, não podia mais parar. Ria por si e pelos outros, ria pelo pai, que feito ela nunca ria. A boca aberta gargalhava em violentos arrancos. O riso encheu-lhe os olhos de lágrimas. As lágrimas corriam pelo rosto. Mal podia ver no espelho, através das lágrimas a figurinha de tafetá de que ela tanto ria» (p. 112).

O rompimento do riso que se esgota num pranto violento é o resultado da fusão Biela/Alfeu. A violência do riso denuncia a ambigüidade dessa condenação: por detrás do palhaço — Alfeu — está o titereteiro Pai/Conrado. Finalmente Biela vê quem comanda a sua mímica, o seu próprio movimento. A imagem distorcida dessa mímica é efetuada pelas lágrimas que desmancham o fino papel que a cobre:

«Rasga a figurinha de tafetá de que ela tanto rir. Numa fúria que desconhecia em si mesma e só via nos terríveis momentos do pai, Biela rasgava o vestido de ponta a ponta, atirando os pedaços longe» (p. 112)

Intensifica-se tal fusão ao contagiar o próprio espaço. Colando-se em Conrado através da ligação à Constança, Biela anula a distância semântica entre o Fundão — lugar do pai — e a casa, lugar de Conrado.

Uma continuação natural progressivamente vai sendo adquirida entre os dois espaços. A casa é o corpo, o lugar do espetáculo do vestir. Constança costura Biela no espaço da casa, leva-a para o quarto do espelho. O quarto, enquanto espelho pertence ao espaço da casa, faz parte do seu corpo. Entretanto, contendo a canastra, ele se liga ao Fundão — a Canastra, pertencente ao espaço do Fundão, contém o vestido de chita de Biela e está guarnecida pelo nome do pai.

A síntese revelada pelo quarto é percebida no olhar de Biela que vê no espelho a cena na qual seu corpo balança. Essa cena muda dubla o pai, deitado na rede como «Deus que balança silêncio nos dias ruins». (p. 80)

A função da mulher nesse jogo duplo é apenas de reproduzir o triângulo masculino: a mãe é lugar de passagem de Deus em homem-corporificação de Deus. Essa função, silenciada no social, é revelada no texto de Autran ao colocá-la como dupla do anjo que prenuncia a metamorfose de Deus em homem. Invertendo o sentido do código religioso, Biela vai mostrar o seu papel. Não anuncia a maldade dos homens — o homem como pecador, que mata o Cristo —, mas o homem que é crucificado, silenciado nesse discurso sedutor.

O papel da Virgem como reprodutora do Divino é invertido em Biela. Ao ser emissária, ela anuncia o sacrifício da Virgem. O papel anjo-Gabriel da mulher na família, é preenchido em Gabriela, sexuada, portanto diabólica. A contradição do moldar-se ao código religioso é apresentado no aspecto posição da família dos primos de Biela. Ela é sua filha postiça; Conrado é o seu pai adotivo; Constança sua mãe emprestada; os filhos são imagens desdobradas de Biela, dos quais Alfeu vai ser a síntese.

Tal contradição é também uma leitura da bandeira do Cristianismo: molde de violência da colonização brasileira. Embora esse ponto não vá ser desenvolvido, fica a sugestão.

2 — Canastra/Camarim

O outro farrapo, agora já intrínseco ao feitio da vestimenta-colagem, isso é, à própria representação de Biela, é o inter-relacionamento dos elementos na família da prima Constança.

Entrando em cena com a morte do pai, Biela vai estabelecer uma série de ligações entre personagens, tempo e espaço. Constança, esposa, é o primeiro papel que Biela espelha. Papel feminino que vai costurar Biela na casa. Espelhar Constança é vê-la na sala de costura, fazendo vestido e para construir Biela, Constança reduplica o feitio da Revista Francesa.

O aspecto risível e grotesco desse papel colado por Constança em Biela é relevado: está no segundo papel duplicado por Biela, ou seja, em Alfeu. Seu riso debochado funciona como abertura do corpo de Biela, isso é desmascaradamente de seu papel. Alfeu é uma máscara-incarna e repete Biela é puro riso,

que Biela percebe pelo vidoro da Guilhotina: Alfeu parecia alma do outro mundo, cabelos assanhados, nariz achatado no vidro». (p. 59) Essa comparação tecida em Alfeu faz lembrar a imagem de um palhaço, passando portanto a valer no texto como metonímia de palhaço. Essa associação dá a Alfeu o aspecto de representação, de farsa. Com esse papel de palhaço, Alfeu revela o ambíguo papel de Biela: «Vê o triste papel que fazia com aqueles vestidos novos (. . .)» (p. 60). «Era de vê-la andar pela casa feito um espantalho, os braços abertos com medo de amarrotar o vestido» (p. 63).

A trapaça do silêncio de Biela é desnudada nessa ressonância especular: o corpo-Biela, que balança na cama é pura representação. A linguagem de denúncia de sua construção pelo pai não é oral, mas corporal. Ela dança, mimetiza o seu papel; ela é a veste que cobre o seu próprio corpo de silêncio de «mosquito zunindo», enfim encorpora o Fundão.

Trata-se de dar-se conta de que a palavra não basta para denunciar a construção. É preciso dar um salto: a única linguagem possível é a do corpo. Percorrer o caminho do corpo é a dialética imposta na poética do livro. Consumir o outro, conhecê-lo é tirar sua roupa, desnudá-lo. Vestida de Constança, Biela escava o máximo o seu papel.

Atingir a palavra pelo corpo é o fio condutor de Biela. Conrado é tomado como a metáfora da palavra: «O que é bom já nasce feito, formiga não tem caroço» diz ele. Escondendo a origem da palavra, negando-lhe um pai, Conrado impede a leitura de seu papel. Ao renascer como sua filha Biela repete dissimuladamente suas palavras. Sendo dupla de Constança e sendo filha adotiva de Conrado faz ler a letra de seu corpo, a função de Constança: Conrado é seu pai. Crítica aguda à formação da família, onde a mulher esposa metaforicamente o seu próprio pai-marido.

Essa vida simbiótica de Constança é arditamente denunciada pela desfecho de vestir de Biela: sua morte. O camarim-corpo de Biela, vestindo e desvestindo cenas-enigmas do enredo novelar (família) de Constança, dissolve a farsa da construção da família.

3 — Casamento e mortalha no céu se talha ou o coser do camarote.

Biela troca no espelho a roupa feita por Constança, pelo vestido de chita com o qual veio do Fundão. Dessa forma, ela liga a morte do pai à sua vida na casa dos primos: sai da morte do pai e revestida de morte-mortalha.

A metamorfose de roupas implica no seu deslocamento do quarto para a cozinha da casa. Semanticamente, a cozinha é o lugar de quem produz, faz a comida, mas não come. Em termos de estratificação social, Gumercindo, Joviano e as empregadas falam a mesma linguagem de Biela.

O deslocamento de Biela no espaço da casa, associa-se também a uma produção de Constança: esboça o casamento de Biela com Modesto, do mesmo jeito que constrói os vestidos; a fuga de Modesto para o sertão preenche a ida de Biela para a cozinha. A fome, não-vida de Constança, a conduz à cozinha. Esse espaço é o sexo da casa, desligado pelo pai do corpo da mesma. Modesto é glutão «urubu que foi simhora, levou a carniça, deixando só o osso» (104).

Elemento escavador, seu corpo vai inchando e preenchendo o significado da escavação. Marília casa-se e é levada para o sertão. Modesto é glutão e vai para o sertão. Marília vale, pois como substituta de Biela, um seu fantasma, que acompanha o glotonismo de Modesto.

Pelo seu aspecto devorador, Modesto simbolizará a escavação do nordeste, do sertão, causador das secas. Enquanto Biela sobe para a casa dos primos, Marília desce para o sertão. A dissimetria entre os dois espaços. Sertão: baixo, casa dos primos: alto, é denunciado pela simetria dos papéis de Biela/Marília. O que fica enunciado é o casamento com Deus, consumido no céu: alto (morte de Biela) semelhante à vida no sertão: baixo.

Na cozinha Biela liga-se ao cachorro. Tal relação com Vis-mundo preenche malabaristicamente a relação incestuosa do casamento de Constança. Funcionando como domadora do cachorro, Biela veste-o de nome, transformando-o em seu perso-

nagem; a figura ossificada do cachorro ganha corpo ao tornar-se Vismundo.

Vismundo está doente, o que simbolicamente, quer dizer que ele está carregado de um sema de morte, de violência. Isso dá a Biela o poder mágico de denúncia da construção da família: ela é excluída da família tal qual um doente, por ameaçar, significar perigo de contágio. «Meu Deus que bicho primo Juvêncio criou! Isto não é gente, pensou Constança pela primeira vez sem caridade. A presença de prima Biela rebaixava, lhe ofendia a feminidade (56).

O cachorro, duplo de Biela, traz a ambigüidade vida/morte no próprio nome: vis: bis: = dois (mundos). Pertencendo a dois mundos, ele vai pertencer ao mundo de representação-ator-espectador. Transforma-se em palhaço espantado, lembrando o papel de Alfeu. Sendo guiado por Biela ele vai também espelhar o calar do pai, que faz de Biela sua repetição: Nomeando-o, Biela reproduz, em diferença, o poder do pai que a nomeia. Esconde também a violência dos bastidores: o empalhar a figura ossificada do sertão.

Biela cobre Vismundo com seus ossos, nomeia-o ao morrer tuberculosa — ficam os ossos desintegrados. Ao ser domadora, mostra seu lugar de domesticada: cachorro criado, nomeado, como ela, que é alimento fictício, dupla da relação do casamento de Constança, pura domesticação.

4 — Um manequim Recheado.

Essa contrução fragmentada de Biela parece obedecer à própria fragmentação imanente na vida social. O mundo absorvido sob essa grande metáfora, que é Biela, só ganha sentido se o leitor preencher cada fato singular, realizando mediações particularizadoras que conduzem à generalização do sentido. Para refletir esse mosaico interno que é o corpo-Biela, é preciso transcendê-lo, penetrar na aparência estilizada do mundo que aí se mostra.

Para permitir ao leitor a configuração da cara desse mundo, Autran enxerta um recheio de linguagens contraditórias. A pala-

vra perde o lugar para o corpo, mas o corpo só pode ser de papel. A dissolução do corpo do texto seria a vida de papel colada em sua história seria ou não uma inversão especular da história do mundo que a cerca e a história desse mundo que se colaria na sua própria história: vida em segredo, vai retratar o segredo de um mundo confuso, regido pela palavra. «Quando procurava se lembrar da cara dos outros, quando procurava reconstituir toda a história, desde o princípio, para saber como tudo começou, como tudo cresceu, sentada na canastra, encurvada, de olhos opacos, parecia não ver, tão longe esticava a vista. Não entendia, não conseguia saber quando foi mesmo que tudo começou, porque ela deixou que tudo começasse. E ruminava a sua dor, se repetia, o grande ressentimento que afundava dentre dela (p. 109)

Agradeço o incentivo e a paciência da Professora Ruth Silviano Brandão Lopes, durante a elaboração desse trabalho e a quem devo essa publicação.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. — DOURADO, Antran — **Poética de Romance/Matéria de Carpintaria**, Rio de Janeiro, Difel, 1976 — p. 78.
2. — idem — p. 135
3. — Idem — p. 135

BIBLIOGRAFIA

- DOURADO, Antran — **Uma Vida em Segredo**, Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1976.
- , — **Poética de Romance/Matéria de Carpintaria**, Rio de Janeiro, Difel, 1976.
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur — **Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes**, São Paulo, Ave Maria 1973.

* Léa Selma Amaral é monitora de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG.

RESENHA

CONCURSO DE CONTOS E DE POEMAS

O 14º Concurso de Contos e de Poemas da Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais recebeu um total de 640 trabalhos, sendo 30 conjuntos de contos — no total de 90 contos — e 112 conjuntos de poemas — no total de 560 poemas.

Os trabalhos foram enviados por 123 alunos das unidades universitárias e colegiais da Universidade Federal de Minas e por um estudante da Universidade Federal de Viçosa. Este, por imposições regulamentares, teve seu trabalho devolvido sem entrar no concurso, que é exclusivo para alunos da UFMG.

Os trabalhos recebidos foram de 27 alunos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (12 de Comunicação Social, 5 de Filosofia e de Ciências Sociais, 3 de História e 2 de Psicologia); 21 da Faculdade de Letras; 11 da Faculdade de Medicina e da Escola de Engenharia; 10 da Faculdade de Direito; 9 do Instituto de Ciências Exatas (2 de Engenharia Mecânica e de Ciências da Computação, 1 de Engenharia Elétrica, Química, Estatística, Ciências e Técnicas Nucleares e 1 sem identificar o curso); 5 da Faculdade de Farmácia, da Escola de Arquitetura e da Faculdade de Ciências Econômicas (2 de Ciências Econômicas e Administração e 1 de Ciências Contábeis); 3 do Instituto de Ciências Biológicas (2 de Medicina e 1 de Ciências Biológicas); 2 da Faculdade de Odontologia, Escola de Belas Artes, Escola de Biblioteconomia, Escola de Educação Física, Faculdade de Educação, Colégio Técnico e Escola de Veterinária; 1 do Instituto de Geo-Ciências e 1 do Curso de Formação de Atores/Teatro Universitário.

Em quatorze concursos, a estatística da RL está assim:

Em quatorze concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATÍSTICA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		CONTOS	POEMAS	TOTAL
1966	61	18	146	164
1967	102	57	198	255
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	352
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	382
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
1976	76	57	275	332
1977	140	108	515	623
1978	77	54	295	349
1979	123	90	560	640
TOTAL	1.695	1.227	4.040	5.257

Os trabalhos recebidos e não classificados já foram devolvidos aos seus autores.

A relação dos 640 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:

CONTOS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01 —	A Descoberta As Ruas e Seus Mistérios No Reino do Vil Metal	K. Raio K. Raio K. Raio
02 —	O Filho do Sol Fuga Vácuo	Maysa Maysa Maysa
03 —	Numa Noite de Chuva Descendo a Mantiqueira O Cego e a Flor	Nabucodonosor.. Nabucodonosor.. Nabucodonosor..
04 —	A Vaca Cristaleira Meninos Limpos Bexiga	Cursino Cursino Cursino
05 —	Greve Bico do Bicho De Palmeiras e Sabiás	Érika Érika Érika
06 —	Ara; Ara-lice... A Noite, Certamente... Entre Dez e Onze Horas	Ramos Ramos Ramos
07 —	Uma Janela Sempre Aberta O Acordado Ninguém Volta ao que Acabou	Gabriel Gabriel Gabriel
08 —	De Suor, Sabão,... Os Herdeiros do Barão... Nas Cirandas dessa Vida	Marize Marize Marize
09 —	O Verme Sonial A Procura	Anastacius Anastacius Anastacius
10 —	O Enfermeiro Um Corpo Caído Para Uma Mãe	José José José
11 —	O Dia Que o... Comparação Ela	Marcos Marcos Marcos

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
12 —	O Homem da Japona Corrida Antes do Chão Nossos Olhares de Medo	Aristóbolo Aristóbolo Aristóbolo
13 —	O Ponto Final Biscoitos Fritos e Torradas O Homem Gordo	Gontijo de Albuquerque Gontijo de Albuquerque Gontijo de Albuquerque
14 —	As Fotos Estranho Plano Breve Aceno	Giordano B Giordano B Giordano B
15 —	E Mário Não Chegou.. O Cambista Tinha Razões... É Triste Morrer no Chão	Jotaká Jotaká Jotaká
16 —	São Coisas da Vida O Sexo, Acima de Tudo A Última Vez Que a Viu	Dagomir de Castro Dagomir de Castro Dagomir de Castro
17 —	O Vestido Quando Chegar o Verão Pai de Santo	Peixes Peixes Peixes
18 —	Sinestesia in Color Paellita Medo	Juca Juca Juca
19 —	Sem Muito Interesse O Punhal é uma Flor O Professor de História	Isaías Isaías Isaías
20 —	O Sol Brilha Primeiro... A Indecisão Hora de Almoço	De Siqueira/Roma De Siqueira/Roma De Siqueira/Roma
21 —	Entre Câncer e Capricórnio Macumba Primeira Chuva de Setembro	Guilherme Vladimir Guilherme Vladimir Guilherme Vladimir
22 —	Vida de Cão Medo da Solidão Passado	Gueto Gueto Gueto

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
23 —	Composição Literária I Relâmpagos na Madrugada Luzes da Ribalta	Jango Jango Jango
24 —	Quinta-feira Sentimento Alcoólico Perfil de Um Só	Zoca Zoca Zoca
25 —	Como !!? Sem Maiores Explicações São José das Garruchas	Dinda Dinda Dinda
26 —	Os Livros Descerão... O Fugitivo O Encontro	Preá Preá Preá
27 —	Gedeão e os Meus... Sonho de um Meio-dia... Certezas	Zé Navarro Zé Navarro Zé Navarro
28 —	O Meu Broche O Vendedor Desemprego	Pajé Pajé Pajé
29 —	Por Caridade Lucidez Dando um Jeito na Vida	Tião Tião Tião
30 —	Transeuntes Com Sentido Encontro Social	Bya-Biafra Bya-Biafra Bya-Biafra

POEMAS

01 —	Chamada Tédio O Poeta És o Povo Gente de Fé	Tiê-Sangue Tiê-Sangue Tiê-Sangue Tiê-Sangue Tiê-Sangue
02 —	Paisagem na Janela Contraponto Canção Para Ninar... Poema do Equilíbrio O Sépia e o Cinza	Pemba Pemba Pemba Pemba Pemba

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
03	— Néctar	EAM
	Corpos de Papéis	EAM
	Fel	EAM
	Infinito Obscuro	EAM
	Lírios Azuis	EAM
04	— Carneiro	Ethel
	Compasso	Ethel
	Mediocracia	Ethel
	Sociedade	Ethel
	Fardo Burguês	Ethel
05	— Não Pensar	R. Ao Ponto
	Lucas	R. Ao Ponto
	Minasgerou	R. Ao Ponto
	Cafifa	R. Ao Ponto
	... O Poeta, é um Operário...	R. Ao Ponto
06	— Arrevelia	Poeta
	Domingo de Morte	Poeta
	Louca	Poeta
	Viajante	Poeta
	Cê tá mentin, ...	Poeta
07	— Duas Vozes e Um Ato	Ruy Datas
	Da Cor de Teu Nome	Ruy Datas
	Campos Altos	Ruy Datas
	Revoada	Ruy Datas
	Olhos de Leão	Ruy Datas
08	— Aniversário	Camito
	Ornmaix	Camito
	Perda dos Sentidos	Camito
	E os Coelhoos Foram...	Camito
	O Outro Gabriel	Camito
09	— O Homem Forte	Petruska
	Testemunho	Petruska
	Incólume	Petruska
	Curvas	Petruska
	Cacos	Petruska

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
10	— Marcha Lavrador Fome Proscrito Deriva	Triptofânio Triptofânio Triptofânio Triptofânio Triptofânio
11	— Folgança com a Multinomeada Soneto à la Garçonne Versos à Retornante Não enviou Não enviou	Júlio César Júlio César Júlio César Júlio César Júlio César
12	— Curso da Vida Manifesto O Amanhã Rimas Construção	Carrossel Carrossel Carrossel Carrossel Carrossel
13	— Eternidade Assalto Luz no Fim do Túnel Tinha um Guarda na Esquina TV-Deus-TV	Patativa . . . Patativa . . . Patativa . . . Patativa . . . Patativa . . .
14	— Oitava Viver Fim Opção Depoimento	Tebazile Tebazile Tebazile Tebazile Tebazile
15	— Longitude Cidade Modernidade O Trem Leite Leito	Eu Eu Eu Eu Eu
16	— Lição do Dia Inteiro Invocação Silvério Escariotes Depoimento Faminto . . Vôo	Halls Halls Halls Halls Halls

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
17	— Gol	Asa Mi
	História	Asa Mi
	Consideração	Asa Mi
	Janela	Asa Mi
	Belo Horizonte	Asa Mi
18	— Semente	Regina de ...
	Sonhos de Posse	Regina de ...
	Hora de Vôo	Regina de ...
	Verde Aranha	Regina de ...
	Fera	Regina de ...
19	— Ventania	Mirna Florença
	Paisagem Contraste	Mirna Florença
	Tardes Chuvosas	Mirna Florença
	Entre Dois Extremos	Mirna Florença
	Terra Revolvida	Mirna Florença
20	— Muitalegria	Gudinga
	Baladilha à Cidade Luz	Gudinga
	Mais um Enigma	Gudinga
	Casos de Família	Gudinga
	Sem Título	Gudinga
21	— Futurismo	Luzára
	Viagem Platônica...	Luzára
	Semente	Luzára
	Veredas	Luzára
	Navegante	Luzára
22	— Origens	Ana Rosa
	Sistema	Ana Rosa
	Fantasia	Ana Rosa
	Identificação	Ana Rosa
	Olhares	Ana Rosa
23	— Mais Um Dia Com...	Dinda
	Bilhetinho Azul	Dinda
	Cascata	Dinda
	Domingo	Dinda
	Castelo de Criança	Dinda

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
24	— Viagem Alada Sinfonia Cadente (Re) Montagem Frescas - Vagas Desterro	Abóbora Abóbora Abóbora Abóbora Abóbora
25	— Covancas Bárbara Caso do Dia e da... Para Que Possa Por/Vir	Cadete Cadete Cadete Cadete Cadete
26	— Intenções Panorama 20 Anos Dúvidas Erre	Ezra Ezra Ezra Ezra Ezra
27	— Prece Pela Coragem Brilho de Vida Sentimento Novo Desesperança Deus, Somente	Homero.. Homero.. Homero.. Homero.. Homero..
28	— Cotidiano Confirmação Senhora Tristeza Desandança Enchente	Daniel Só Daniel Só Daniel Só Daniel Só Daniel Só
29	— Mulher — Ser, Mito e Imagem Corpo Escravo Confronto Encontro Os Miseráveis	Dinah Dinah Dinah Dinah Dinah
30	— 12 de Outubro — Criança... 12 de Outubro — Pivete 12 de Outubro — Realidade Canção do Brasileiro Fecundidade	Amanda Amanda Amanda Amanda Amanda

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
31	— Labirinto Balada do Menino Morto Vaga (b) mundos Dolores Cinco Tempos	Maurício de Carvalho Maurício de Carvalho Maurício de Carvalho Maurício de Carvalho Maurício de Carvalho
32	— I II III Mogli O Grande Animal	Gladis Hero Alves Gladis Hero Alves Gladis Hero Alves Gladis Hero Alves Gladis Hero Alves
33	— Atentado (Em) Velhice (mento) Uma palavrinha (saudade) Naufrágio Regressão	Moço Moço Moço Moço Moço
34	— Queimadura Brincando de Poesia: A.. Desejos de um Tempo... A Flor Amarela Manhã de Chuva	Pedro Ranio Pedro Ranio Pedro Ranio Pedro Ranio Pedro Ranio
35	— O Sino Verde Atroz Ilusão Debilidade Simplesmente Ser Onde Ficar ?	A Passaquatrense A Passaquatrense A Passaquatrense A Passaquatrense A Passaquatrense
36	— Calendário Viagem BH Entrelinha Não enviou	Gontigo de Albuquerque Gontigo de Albuquerque Gontigo de Albuquerque Gontigo de Albuquerque Gontigo de Albuquerque
37	— O Músico Noite linda Questões Trocadas Plantio Lentidões	Gêmara Gêmara Gêmara Gêmara Gêmara

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
38	— Alcova Fantástica Classificado Visão Flirt Desejo Tonto	Barão de Goitacases Barão de Goitacases Barão de Goitacases Barão de Goitacases Barão de Goitacases
39	— Solidão em Concreto Metamorfose O Quarto Cronografia Desforra	Charles Albert Charles Albert Charles Albert Charles Albert Charles Albert
40	— Angústia Simplesmente Contrasenso Feto Doce Pretensão	Ana Terra Ana Terra Ana Terra Ana Terra Ana Terra
41	— Futuro Melhor Natureza Ouro Preto Você Libertação	Shisical Shisical Shisical Shisical Shisical
42	— Sufoco Poema em Dó Menor Diz - que - disse Minha Valsa do Adeus Vazio	Ludovica Ludovica Ludovica Ludovica Ludovica
43	— Inspiração Azul Único Cesto Estória	Conquistano Conquistano Conquistano Conquistano Conquistano
44	— A, C, D... Z Sem I Sem II Sem III Sem IV	Espírito de 79... Espírito de 79... Espírito de 79... Espírito de 79... Espírito de 79...

Nº	TÍTULO	PSEUDÓNIMO
45 —	Sem título I	Mudado
	Sem título II	Mudado
	Sem título III	Mudado
	Sem título IV	Mudado
	Impulso	Mudado
46 —	Poeta	Pássaro da Liberdade
	Discoflash	Pássaro da Liberdade
	Impasse	Pássaro da Liberdade
	Lira Mágica	Pássaro da Liberdade
	Enlevo	Pássaro da Liberdade
47 —	Selvápoles	Cinara
	Descobri	Cinara
	Espera	Cinara
	Um Dia Poeta	Cinara
	Amanhã Você Saberá	Cinara
48 —	Canto Branco	Lupérceo Netuneano
	Gem	Lupérceo Netuneano
	Orocílio Martins...	Lupérceo Netuneano
	Por Nós	Lupérceo Netuneano
	Tiro de Misericórdia	Lupérceo Netuneano
49 —	Funcionário Público	Iara
	Oração de um Proscrito	Iara
	Liberdade	Iara
	A Angústia Social	Iara
	Verdade	Iara
50 —	Despiste	Viola Desatinada
	Poema Encarcerado	Viola Desatinada
	Climatério	Viola Desatinada
	Fim de Curso	Viola Desatinada
	Suicida Sorrateiro	Viola Desatinada
51 —	Feliz Natal	Juca
	Ruas Setecinco	Juca
	Sem título	Juca
	Falso Triunfo	Juca
	Vinheta Noturna	Juca

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
52 —	Dominó	Ka
	Montes Claros	Ka
	No Alto dos Out-Doors	Ka
	Sol	Ka
	Bah	Ka
53 —	Data	Olívia
	Medo	Olívia
	Lembranças	Olívia
	Receita	Olívia
	Metamorfose	Olívia
54 —	Quem sabe ?	Daniel
	As Vozes	Daniel
	Domador de Cavalos	Daniel
	Caminhada	Daniel
	Campo Queimado	Daniel
55 —	Poema de Pablo	São João
	Poema de João	São João
	Poema de São João	São João
	Poema de Amor	São João
	Poema Desesperado	São João
56 —	Das Filhas	Virago
	Das Esposas	Virago
	Das Serventes	Virago
	Das Prostitutas	Virago
	Das Religiosas	Virago
57 —	Mármore	Mário Caseñars
	Por Que a Rima ?	Mário Caseñars
	Desilusão	Mário Caseñars
	Pipa	Mário Caseñars
	Sem título	Mário Caseñars
58 —	Gente Estranha	Nona
	Silêncio	Nona
	Cardiopenumbra	Nona
	Folha Larga	Nona
	Meu Querido Bê-Bê	Nona

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
59	— Canto do Atleta Esquecido Alegria de Miséria Construrevolução Anda Soneto Anda ! Círculo da Alienação	Mardoli Mardoli Mardoli Mardoli Mardoli
60	— Almas Áridas Narrativa Doidice Andarilho Andaime	Nandy Nandy Nandy Nandy Nandy
61	— Reflexão Vida Fácil Parábola (Ir) Racional Morrer de Paixão	Solano de Barros Solano de Barros Solano de Barros Solano de Barros Solano de Barros
62	— Tragédia Urbana Viva a Lucidez Interiores Sexta-feira da Paixão Mari'pousa Dialética	Matuzalém Matuzalém Matuzalém Matuzalém Matuzalém
63	— Procura Ninho Nostalgia Reminiscências Vida	Mazall Mazall Mazall Mazall Mazall
64	— Metamorphoseando Escravo, Por Que Escravo A Santa Guarda Arquitetos Que País é Esse ?	De Siqueira/Roma De Siqueira/Roma De Siqueira/Roma De Siqueira/Roma De Siqueira/Roma
65	— Retaliação Salmo Instinto filial Com o Suor do... Máximas de Juca Pirâmide	Oh ! Queixos ? Oh ! Queixos ? Oh ! Queixos ? Oh ! Queixos ? Oh ! Queixos ?
66	— Espaços Sem título I Sem título II Sem título III Sem título IV	Magri Magri Magri Magri Magri

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
67	— Gênese XX Epitáfio Princípio Complexo Entretanto	Canhão Canhão Canhão Canhão Canhão
68	— Mil Anos se Passaram Um Ano e Dez Meses Soneto à Noite Se Eu Pudesse Complexo de Inferioridade	Guilherme Vladimir Guilherme Vladimir Guilherme Vladimir Guilherme Vladimir Guilherme Vladimir
69	— História Gente, Crimes e Governos Poética Orgulho, Mel e Lágrimas Na Parede da Sala	Pepe Pepe Pepe Pepe Pepe
70	— Mesmo Assim Sempre Haverá um Poema Minha Criança Um Pouco de Você Doação	Talhy Talhy Talhy Talhy Talhy
71	— Pausa Para um Mago Um Dia Sem Isadora Sem título I Sem título II Sem título III	Maia Maia Maia Maia Maia
72	— Mariana Criança Urbana Girassol Anonimato Distância	Urbano da Silva Urbano da Silva Urbano da Silva Urbano da Silva Urbano da Silva
73	— Momento Dor Anistia Ampla, Geral, ... Cárie Reticências	Percevejo Percevejo Percevejo Percevejo Percevejo
74	— Presença na Poesia Exortação Ingenuidade Pouso Tese	Anphilon Anphilon Anphilon Anphilon Anphilon

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
75 —	Criança	Zezé
	Onde Estão as Flores ?	Zezé
	O Impossível	Zezé
	Depressa	Zezé
	Chapéu Vazio	Zezé
76 —	Sob o Olhar do Interior	Sesse Wdabliu
	Parte II . . .	Sesse Wdabliu
	Pretude	Sesse Wdabliu
	Susto	Sesse Wdabliu
	Abandono	Sesse Wdabliu
77 —	Amazônia, Salvemo-na !	Homo Sapiens
	Viver ! Viver !	Homo Sapiens
	Minha Estrela, Meu Amor	Homo Sapiens
	Esperança, Ilusão e Sonho	Homo Sapiens
	Terra	Homo Sapiens
78 —	Poemeto I	Benedicto
	Poemeto II	Benedicto
	Cançoneta	Benedicto
	Replay	Benedicto
	Tempo	Benedicto
79 —	Monólogo	Cornélio
	Inquietude	Cornélio
	Água	Cornélio
	Servente	Cornélio
	Incêndios	Cornélio
80 —	Quero a Liberdade	Ciryus
	Canção do Horizonte	Ciryus
	Do Outro Lado da Vida	Ciryus
	Busca à Ligação	Ciryus
	A Edson Luiz	Ciryus
81 —	Evasão	Dute
	Viagem	Dute
	Inércia	Dute
	A Morte de El Senhor	Dute
	De Mosca e de Lâmpada	Dute
82 —	Além Demais !	Hane
	Cidadania	Hane
	Deliberações	Hane
	Discurso	Hane
	Sem Bandeira	Hane

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
83	— Tempo Passado Presente Lixo Deixas Sagrado Coração de Pedra Caçada Noturna	Pedro Pedro Pedro Pedro Pedro
84	— A Chuva, A Borda do... ... E Agora ... Intervalo Para Nada Promessa Anistiada de ... 5º Poema	Amanaju Amanaju Amanaju Amanaju Amanaju
85	— Selva Insônia Sessão das Oito Porque Anônimos Itinerário	Catetoposto Catetoposto Catetoposto Catetoposto Catetoposto
86	— Um Sonho Sábado Um Cheiro de Terra Negros Cantos Humana Rigidez	Violeta Violeta Violeta Violeta Violeta
87	— Que os Homens Digam... Presente Coisas da Vida Jogos Infantis O Crime da Mão	Bín Bín Bín Bín Bín
88	— Eu Sempre Tive Azar Entradas e Bandeiras João, Simão, Serafim Gira Mundo	Nice Nice Nice Nice Nice
89	— Eu Vela Mãe de Camponês Mula Sem Cabeça A Um Dragão	Gaturamo do... Gaturamo do... Gaturamo do... Gaturamo do... Gaturamo do...
90	— Sem Título Pássaro Lúcido... Turbilhão Machado e Eu Retrato em Preto ..	Simão Mendes Simão Mendes Simão Mendes Simão Mendes Simão Mendes

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
91	— Logos	Pedra
	Trivial Completo	Pedra
	Família	Pedra
	Clara	Pedra
	A Gata	Pedra
92	— Sem título I	Morfeu
	Sem título II	Morfeu
	Sem título III	Morfeu
	Sem título IV	Morfeu
	Amigos	Morfeu
93	— Pássaro	Zé
	Sem título	Zé
	Vontade	Zé
	Tu Pã	Zé
	Que Te Toco	Zé
94	— Nau Frágil	Ciano
	Torre de Babel!	Ciano
	Passagem de Ida e...	Ciano
	Quimeras	Ciano
	Velho Vesúvio...	Ciano
95	— Sem título	Nenay
	Tiradentes	Nenay
	7 de Setembro	Nenay
	Candeias	Nenay
	Numeral	Nenay
96	— Taquicardia	Mayana
	O Hipopótamo	Mayana
	Falatório	Mayana
	3 X 4	Mayana
	Libra	Mayana
97	— Viver	Tevasba
	Charque Existencial	Tevasba
	Armação	Tevasba
	Num Feriado Sem Cor	Tevasba
	O Relógio da Sala Parou	Tevasba
98	— Sucesso	Ponta Direita
	Faca de Duas Pontas	Ponta Direita
	Retirada	Ponta Direita
	Morrer ou Viver?	Ponta Direita
	Solidão	Ponta Direita

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
99	— O Demente	Von Chico Badaró
	Onde é Que Está o Amor	Von Chico Badaró
	Palavra-Chave	Von Chico Badaró
	A Manhã é o Melhor	Von Chico Badaró
	Ei! Espera que Eu...	Von Chico Badaró
100	— Palhaço de Circo	Pivete
	Semáforo	Pivete
	Derrocada	Pivete
	Inflação Existencial	Pivete
	Carvoeira	Pivete
101	— Eu Comigo	Cida
	Enfado	Cida
	Pé no Chão	Cida
	Estrada	Cida
	Remédio	Cida
102	— Palavras	O Fernandes
	Sem Eco	O Fernandes
	Peço Justiça	O Fernandes
	Presente Para uma...	O Fernandes
	Herói	O Fernandes
103	— Elegia	Caieiro Campos
	Extremo	Caieiro Campos
	Domingo	Caieiro Campos
	Nascimento	Caieiro Campos
	Sombra	Caieiro Campos
104	— Sem título I	Salaju
	Sem título II	Salaju
	Sem título III	Salaju
	Sem título IV	Salaju
	Sem título V	Salaju
105	— Toada Triste	Osiris
	Êxodo	Osiris
	O Astronauta	Osiris
	Cerâmica	Osiris
	Minas Histórica	Osiris
106	— Através	Menina
	Silêncios	Menina
	Depressões	Menina
	Oração	Menina
	Reflexões	Menina

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
107	— Depois de Tudo Dor Amor Muros Memória dos Natais	Barrão Barrão Barrão Barrão Barrão
108	— Há (Ah, Ah, Ah...) O Vento Descobrimento Deuses És Para Você Ler..	Bya-Biafra Bya-Biafra Bya-Biafra Bya-Biafra Bya-Biafra
109	— Namoro Mulher Crise Eu te Amei... Ama-se	Camila Camila Camila Camila Camila
110	— Ah, Coração! Gosto da Vida Eu Ontem Louco é...	Nostradamus/79 Nostradamus/79 Nostradamus/79 Nostradamus/79 Nostradamus/79
111	— Porcaria Posse Podre Poder Espantalho É Aqui e Agora	JB JB JB JB JB
112	— Primavera Transparente Brinde Outono Sinfonia nº 1 Vinho	Algar Algar Algar Algar Algar

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- «Oitolha», Coletânea de Poetas Baianos — Salvador — BA.
- «Stromata» — Revista da Universidade de Filosofia e Teologia — Universidad del Salvador — números 1/2 — Ano XXXIV — San Miguel — Argentina.
- «Franciscanum — Revista de Las Ciencias Del Espiritu» — Universidad de San Buenaventura — nº 58 e 61 — Bogotá — Colômbia.
- «The Yale Review» — da Yale University — 1979 — New Haven — Connecticut — EUA
- «The Centennial Review» — College of Arte and Letters — Michigan State University — números 1 e 4 — volumes XXIII — 1979 — East Lansing — Michigan — EUA.
- «Revista de Poesia e Crítica», de Antônio Fábio Carvalho da Silva — nº 5 — Ano III — Brasília — DF.
- «Lateinamerika» — Wilhelm-Pieck Universität Rostock Deutsche Demokratische Republik.
- «Sin Nombre» — Editorial Sin Nombre Inc. — Ano IX — Nº 4 San Juan de Puerto Rico.
- «Cultura», do Centro Cultural de Barra do Pirai — Ano 5 — Nº 9 — Barra do Pirai — Rio de Janeiro
- «Grandes Líderes Religiosos», de Armando de Carvalho Barros — Rio de Janeiro — RJ.
- «Escritores Brasileiros Ao Vivo», de Danilo Gomes — Editora Comunicação — Brasília — DF.

«Poesia Livre» — Caminho Novo Empresa Jornalística e Editora — N°
5 — Belo Horizonte — MG.

«Comum» — da Faculdade de Comunicação e Turismo Hélio Alonso — n°
5 — janeiro a março de 1979.

«Meus Caminhos de Ontem», de Walter de Souza Barbeiro — São Paulo
SP.

«A Arte da Felicidade», de Luiz Máximo de Souza — São Bernardo do
Campo — SP.

ALGUMAS CRÍTICAS À REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG

CARTAS

«... me sensibilizou muito ao ler esta valiosa fonte literária...»

Wilton Duarte Bernardino — Belo Horizonte — MG

«... os parabenizamos pelo excelente nível de qualidade...»

Marília Madalena P. Paranhos — Brasília — DF.

«... gostei muito. Sugeriria fosse o concurso aberto a todos...»

Marcus Mendra — Belo Horizonte — MG.

«... e apreciei muito a boa qualidade da RL...»

José Resende — Juiz de Fora — MG.

«... recebendo esta excelente publicação...»

Paulo Sérgio Saturnino — Belo Horizonte — MG.

«... de tão precioso registro do fazer literário dos universitários, testemunhos do momento...»

Alciene Ribeiro Leite — Ituiutaba — MG.

«... imensa satisfação de receber mais um número da RL. Está excelente. Espero que continuem sempre a dar chance aos jovens literatos de se manifestarem...»

Eliezer Zac — São Paulo — SP.

«... excelente a Revista.. »

Levi de Almeida Carneiro — Belo Horizonte — MG.

«... quero ressaltar apenas uma sugestão, que a UFMG instituisse uma campanha anual, a exemplo da RL, mas para assuntos científicos e de utilidade direta para a comunidade...»

José Marcos de Oliveira Carvalho — Sabará — MG.

«... nous avons le plaisir de vous accuser réception de l'envoi que vous avez eu l'obligeance de nous adresser... nous vous remercions pour ce don précieux et vous prions d'agréer l'expression de nos meilleurs sentiments... »

Centre D'Etudes Poétiques — Bruxelles — Belgique.

«... Revista Literária... pela riqueza de seu conteúdo, trouxe um enriquecimento muito grande ao acervo desta Biblioteca, que agora poderá oferecer à sua clientela uma visão dos novos nomes da literatura mineira... tão importante publicação...»

Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul — Porto Alegre — RGS.

«... pelos excelentes trabalhos nela publicados...»

Diretório Acadêmico Rocha Pombo do Paraná — Universidade Federal do Paraná — Curitiba — PR.

«... recebimento da RL... que muito aprecio em seus dotes culturais que vêm servindo e estimulando a juventude brasileira...»

Armando de Carvalho Barros — Rio de Janeiro — RJ.

«... a Revista de vocês tem um vigor literário que me sensibiliza paca. Gosto da Revista e curto-a da primeira à última página, seguindo os seus altos e baixos inevitáveis/necessários. Neste nº 12 os poemas são excelentemente ótimos. Já reli-os várias vezes. Falei pros amigos, li no trabalho, berrei nos ouvidos de um certo senhor editor destas bandas. E lhes escrevo em pleno entusiasmo, vitimado pelo prazer do texto. Sem Barthes. Com Nuno Carvalho, Lúcia Castelo Branco, José Delgado, Álvaro Fraga e o magistral Ronald Claver... »

Amador Ribeiro Leite — São Paulo — SP.

«... próxima RL, que continua cada vez melhor, parabéns...»

Duílio Gomes — Belo Horizonte — MG.

«... aproveito a ocasião para parabenizar a UFMG por essa iniciativa brilhante que tanto me incentivou a escrever, bem como aos diversos universitários, e que revelou tantos talentos...»

Ivone Izabel Teixeira — Belo Horizonte — MG.

«... continuem batalhando pela literatura. Parabéns.»

Mário Toshio Kon — Belo Horizonte — MG

«... alegres por ver que a RL é uma tradição que já se incorporou em nossa Universidade...»

Ivan Lage — Belo Horizonte — MG

«... revista que me agrada, por sua riqueza de mensagens e principalmente pelo dinamismo...»

Beatriz Hargreaves Carvalho — Belo Horizonte — MG

«... esta Revista, que tenho na conta entre as melhores que conheço...»

Maria do Carmo Brandão — Belo Horizonte — MG

«... agradecimento pela remessa da magnífica RL...»

Oswaldo Lopes de Brito — Ribeirão Preto — SP

«... os inspirados poetas da Revista Literária... apreciado a exuberância das respectivas mensagens...»

Luiz Máximo de Souza — São Bernardo do Campo — SP

JORNALIS

«... A Revista Literária já se firmou como publicação valiosíssima na divulgação da cultura, com trabalhos de alto gabarito, que têm o mérito de revelar novos valores literários através do já tradicional concurso de contos e de poemas. Além de trazer publicados trabalhos laureados, encontram-se em todos os números da RL contos, poemas e ensaios

de autores consagrados... de parabéns o prof. Plínio Carneiro, que coordena a RL, pela crescente qualidade dessa excelente Revista, que merece especial apoio...»

**Coluna do Liberato — Jornal de Minas — 19-10-79 —
Minas Gerais.**

«... Excelente publicação que me chega, periodicamente .. Pareceu-me ponderável a safra de contistas e poetas... aponto o ensaio de Ruth Silviano Brandão Lopes... comprovou porque é Mestre de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG...»

**Oswaldo Lopes de Brito — Coluna Livros/Registro —
Diário da Manhã — Ribeirão Preto — SP.**

